



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PPG ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E
RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE-
PPG REC**



MAX AUGUSTO ALVES DE SOUZA

**CIBERCULTURA E SOCIOLOGIA: PROPAGANDO A EXPERIÊNCIA
AFRO-BRASILEIRA COM BASE NA LEI 10.639/03**

**JEQUIÉ/BA
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE-PPGREC**

MAX AUGUSTO ALVES DE SOUZA

**CIBERCULTURA E SOCIOLOGIA: PROPAGANDO A EXPERIÊNCIA
AFRO-BRASILEIRA COM BASE NA LEI 10.639/03**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa Pós-Graduação (PPGREC) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

**Orientador: Prof. Dr^a Regina Marques de Souza
Oliveira**

Co-Orientador: Prof. Dr^o Reinaldo José de Oliveira

S729c Souza, Max Augusto Alves de
Cibercultura e sociologia: propagando a experiência afro-brasileira com
base na Lei 10.639/03 / Max Augusto Alves de Souza.- Jequié, 2023.
145f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações
Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da
Bahia - UESB, sob orientação da Profa. Dra. Regina Marques de Souza
Oliveira e coorientação do Prof. Dr. Reinaldo José de Oliveira)

1.Cibercultura 2. Abordagens sociológicas 3. Mídias digitais 4. Cultura
afro-brasileira 5. Metodologia I. Universidade Estadual do Sudoeste da
Bahia II. Título

CDD – 301.015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

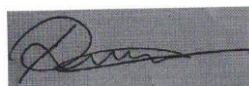
**CIBERCULTURA E SOCIOLOGIA: PROPAGANDO A
EXPERIÊNCIA AFRO-BRASILEIRA COM BASE NA LEI
10.639/03**

Autor: Max Augusto Alves de Souza

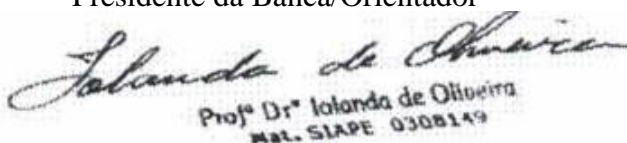
Orientador: Prof. Dr^a Regina Marques de Souza Oliveira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade
Linha de Pesquisa 1: **Etnicidade, Memória e Educação**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr^a. Regina Marques de Souza Oliveira – UESB
Presidente da Banca/Orientador



Prof^a Dr^a Iolanda de Oliveira
Mat. SIAPE 0308149

Prof. Dr^a Iolanda de Oliveira – UFF
Examinadora externa



Prof. Dr^o Reinaldo José de Oliveira – (ICS/NEPPINS)
Examinador Externo



Prof. Dr^o Sandro dos Santos Correia – UNEB
Examinador Externo

Para:

Rebeca Santana de Oliveira (esposa)
Maitê Oliveira Alves de Souza (filha)
José Ferreira de Souza (pai)
Valdelice Alves de Oliveira (mãe)

A palavra obrigado contém a raiz latina *gratus*, que significa ser acolhido ou acolhido de forma agradável. Portanto, é um espaço adequado para cumprir as formalidades rotineiras do final de cada programa acadêmico, mas, acima de tudo, é a possibilidade de reconhecer a importância que as pessoas têm na realização de seus sonhos.

Falando em ser acolhido de forma agradável, é impossível não elogiar o guru profissional por me fazer sentir em casa. Muito obrigado por me permitir embarcar nesta jornada sem preocupações. Agradeço também a CAPES “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001-Portaria CAPES 206/2018.”

Aos colegas de mestrado envolvidos neste trabalho, apesar de estarmos distantes devido à pandemia do Covid-19, há sempre um grande respeito e cooperação por todos e compreensão. Os familiares que possibilitaram a condição da continuidade no programa de Mestrado nestes dois anos de muito aprendizado e dificuldades em virtudes dos momentos que atravessamos no decorrer desta caminhada.

(À) o nosso(a)s querido(a)s professore(a)s: Prof. A Dra. Ana Angélica Leal Barbosa; Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar; Dra. O Dr. José Valdir Jesus de Santana, *gratus* pelos ensinamentos e tentativas de lapidação das arestas cabíveis de reparações na árdua e prazerosa missão de promover a desnaturalização e o estranhamento rumo à produção e construção do conhecimento Afrocêntrico; gratidão estendida à nossa querida coordenadora Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), Prof. O Dr. Marcos Lopes de Souza.

Agradeço pela confiança da minha orientadora Profa. Dra. Regina Marques de Souza Oliveira por acreditar que seria possível direcionar, até a conclusão, o trabalho em curso. Muito agradecido pela confiança, otimismo e prestatividade em sanar as dúvidas e fazer da busca pelo conhecimento algo prazeroso. Sem as suas contribuições, a produção da dissertação estaria incompleta e carente dos reparos necessários à relevância do estudo sobre as mídias digitais e o ensino de cultura Afro-brasileira e a lei 10.689/03.

Agradeço aos alunos do Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho da cidade de Almadina/Ba, agentes envolvidos no estudo, que aceitaram o convite em tempo hábil e contribuíram nas diversas etapas do trabalho com dedicação, boa vontade e vontade de cooperar sinceramente para as oportunidades de objetivos declarados para o trabalho de sociologia.

A todos e todas que direto ou indiretamente contribuíram para que mais esse sonho fosse realizado, minha sincera gratidão!

Por fim a mais intensa e fervorosa gratidão a DEUS por ser fonte de vida, sabedoria e inspiração, a Quem consagrou esta vitória...

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Vias urbanas de Almadina/Ba.....	15
Figura 2	Colégio Estadual Senador Luis Viana Filho... ..	16
Figura 3	Interface da plataforma G. Suíte Education... ..	60
Figura 4	Interface do Google Meet.....	60
Figura 5	Interface da Agenda Google.....	61
Figura 6	Capa do Manual Africanidade.....	82
Figura 7	Composição do Manual do Professor... ..	83
Figura 8	Obras literárias e científicas... ..	87
Figura 9	Grau da presença de internet nas escolas dos ensinos fundamental e médio por município (2019).....	102
Quadro 1	Aspectos socioeconômico dos estudantes.	76
Tabela 1	Funcionalidades e potencialidades do <i>Google Classroom e Google Meet</i> na educação.....	59
Tabela 2	Mostra a distribuição das escolas por unidade federativa (UF).....	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CESLVF	Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho
EF1	Ensino Fundamental I
EF2	Ensino Fundamental II
CF	Constituição Federal
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação
OCN	Orientações Curriculares Nacionais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
ENEM	Exame Nacional para o Ensino Médio
GF	Grupo Focal
Pnate	Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE BLOGS E SITES

Blog do Labemus — Laboratório de estudos de teoria e mudança social — <https://blogdolabemus.com/tag/historia-da-sociologia/>

Café com Sociologia — <https://cafecomsociologia.com/>

História da Sociologia

<https://sites.google.com/enova.educacao.ba.gov.br/educacaoluisvianafilho/p%C3%A1gina-inicial>

Questionário para os Alunos - <https://forms.gle/ckAxMjdYRKn4g2Mn6>

RESUMO

O estudo em questão busca fazer uma análise qualitativa acerca da identificação de temas sociológicos e seu relacionamento com o ensino por meio de ferramentas digitais e o ensino decultura afro-brasileira baseado na Lei 10639/03 no Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho – Almadina-Bahia. Essa dissertação de mestrado tem como objetivo a análise da influência exercida pelas mídias digitais no ensino de sociologia com o 2º e 3º ano do ensino médio no processo de desenvolvimento das categorias de percepção das abordagens sociológicas da Cibercultura. A técnica de investigação usada foi grupo focal com a participação de 20 estudantes do 2º e 3º ano, mediados por intermédio de ferramentas digitais. À medida que novas formas de comunicação que dependem de tecnologias digitais se tornam amplamente disponíveis, o caráter da cultura e da sociedade mudou profundamente, mudando a forma como buscamos e produzimos informação. No entanto, as ciências sociais ainda analisam esse fenômeno de forma tímida, ignorando o impacto da tecnologia digital na sociedade e, principalmente, na própria sociologia. Este trabalho descreve como a mudança tecnológica se tornou um dos grandes desafios enfrentados pela sociologia no século 21, argumentando que não é apenas necessário melhorar os aspectos técnicos da pesquisa – por exemplo, dominar softwares de análise qualitativa e quantitativa e redes sociais digitais – mas fundamentalmente, esses avanços nas implicações epistemológicas da tecnologia na imaginação sociológica. Este trabalho busca em seu desenvolvimento os argumentos que mostram o ensino de sociologia e como a lei 10639/03 podem ser trabalhadas em conjunto colaborando para um entendimento muito mais amplo da sociedade e o desenvolvimento de cultura de relacional muito mais saudável no ambiente escolar. A trajetória da pesquisa enfoca nas dificuldades e enfrentadas pelos alunos para ter acesso às tecnologias e a importância desta na conjuntura social atual em que vemos outro ponto é a questão da cibercultura seu entrelaçamento nas relações sociais e o as mudanças que esta nova tendência no ensino vai se transformar nos próximos anos na educação de forma positiva. Sendo, portanto, uma pesquisa evidentemente delineada pela interdisciplinaridade (Sociologia, História e Tecnologia da informação).

Palavras-chave: cibercultura; abordagens sociológicas; mídias digitais; cultura afro-brasileira; metodologia.

ABSTRACT

The study in question seeks to make a qualitative analysis about the identification of sociological themes and their relationship with teaching through digital tools and the teaching of Afro-Brazilian culture based on Law 10639/03 at Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho – Almadina/ Bahia. This master's dissertation aims to analyze the influence exerted by digital media on sociology teaching with the 2nd and 3rd year of high school in the process of developing the categories of perception of the sociological approaches of Cyberculture. The investigation technique used was a focus group with the participation of 20 students and 3rd year, mediated. As new forms of communication that rely on digital technologies become widely available, the character of culture and society has profoundly changed, changing the way we seek and produce information. However, the social sciences still analyze this phenomenon in a timid way, ignoring the impact of digital technology on society and, especially, on sociology itself. This thesis describes how technological change has become one of the great challenges facing sociology in the 21st century, arguing that it is not only necessary to improve the technical aspects of research – for example, mastering qualitative and quantitative analysis software and digital social networks – but fundamentally, these advances in the epistemological implications of technology in the sociological imagination. This work seeks to demonstrate in its development the arguments that show the teaching of sociology and how the law 10639/03 can be worked together, collaborating for a much broader understanding of society and the development of a much healthier relational culture in the school environment to research trajectory focuses on the difficulties faced by students to have access to technologies and the importance of this in the current social conjuncture where we see another point is the issue of cyberculture its intertwining in social relations and the changes that this new trend in teaching will transform in the coming years in education in a positive way. It is, therefore, research evidently outlined by interdisciplinarity (Sociology, History and Information Technology).

Keywords: perception; interdisciplinarity; cultural capital; sociological approaches; literary works;

Sumário

1.INTRODUÇÃO.....	12
1.1. Descrevendo o ambiente da Pesquisa	15
1.2. Metodologia	19
1.4. A Pesquisa-Ação como forma de Intervenção na Realidade Escolar	20
1.5. Definição de Grupo Focal	23
1.6. Como foi utilizado o Grupo Focal.....	25
1.6.1. Grupo Focal Online	26
1.7. Possibilidade e Limitações do Método.....	28
1.8. ORDEM E CONTEÚDOS DOS CAPÍTULOS	32
1. CAPÍTULO - A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DO CIBERATIVISMO E DAS FERRAMENTAS DIGITAIS.....	34
1.2. Colaboração e Autoria.....	39
1.3. A Pandemia e a Sala de Aula.....	50
1.4. As Tecnologias Digitais na Escola	59
2. CAPÍTULO. ENSINO DE SOCIOLOGIA E A LEI 10.639/2003 EM CIAMPA.....	69
2.1. Práticas que Abordam a Temática Racial e que contribuem para o Desenvolvimento de uma Educação das Relações Étnico-Raciais tendo por Critério de Avaliação a Lei 10.639/03 e suas Diretrizes	78
3. CAPÍTULO — DESCREVENDO A EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO NO PERÍODO PANDÊMICO.....	87
3.1. Experiências em Educação das Relações Étnico Raciais	100
4. CAPÍTULO: ANÁLISE DE DADOS — ENTREVISTAS E GRUPOS FOCALIS COM ESTUDANTES E DOCENTES.....	106
4.1. A Utilização de Questionários Estruturados	106
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS.....	130
APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	136
APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL APLICADO DE FORMA ONLINE.....	140
APÊNDICE 3 – MATERIAL DIDÁTICO DESENVOLVIDO DURANTE A PESQUISA.....	145

1. Introdução

A Cibercultura é naturalmente uma forma de cultura surgida com o desenvolvimento das tecnologias digitais, ou seja, a Cibercultura é uma cultura contemporânea fortemente marcada pelas tecnologias digitais, em suas primeiras manifestações datam de meados da década de 1980, com amplificação a partir dos primeiros anos da década de 1990, com cunho geopolítico, ambiental e econômico, utilizando das redes cibernéticas como seu principal meio de difusão, alcançando assim, diversos movimentos sociais, políticos e também ambientais, assim como, setores e instituições da sociedade, inclusive as instituições de ensino/pesquisa em suas diferentes modalidades.

No cenário mundial, verificamos o surgimento de novas roupagens que indicam a necessidade de adaptação da sociedade a novos tempos e demandas. Conforme destacado por Paulo Freire (1990), é preciso que sejamos homens e mulheres do nosso tempo, que utilizem todos os recursos disponíveis para promover o avanço necessário em nossa educação. É neste contexto que, ao longo dos anos 2000, a cibercultura torna-se cada vez mais presente nas escolas, inserindo o advento tecnológico no processo de ensino-aprendizagem e a pluralidade de desenvolvimento deste por meio de ferramentas digitais. O resultado é um processo educacional cada vez mais inserido e produto da história e do cotidiano daqueles que o vivenciam.

É neste contexto, que a análise central e geradora deste trabalho buscará apontar a exequibilidade de uma orientação teórico-didática da utilização do advento tecnológico nos espaços escolares. Isto tendo na interatividade proporcionada pelo (Cibercultura) e suas ferramentas recurso de difusão e colóquio em prol do conhecimento-compartilhamento sobre as experiências atlânticas de ontem e de atualmente. Ressaltado no que lhe concerne a grandeza e importância da civilização afro-brasileira e seu prestígio para o ensino de sociologia, proposta central deste esquema, que abarca ainda, a inevitabilidade de que haja a colocação de ações de máximo complexidade, impacto e celeridade, com a finalidade de relação e propagação de informações, apresentando assim, a carência de realizarmos junções entre o fazer tecnológico exigido ao ensino, com realizações no âmbito educacional, que busque a dimensão de divulgação esperada.

Pensando nesta proposta, temos na reprodução digital, um combustível de potencialização de propagação de um estudo etnográfico, que em consonância com as redes sociais, tais como: Facebook, WhatsApp, Twitter, YouTube, E-mail, Podcasts, Snapchat, entre outros, possibilitam formarmos uma rede de internautas e seguidores conscientes e informados¹²

sobre a temática proposta de pesquisa enfatiza a aprendizagem através de ferramentas digitais e potencial das mesmas para o desenvolvimento do ensino e a visão do aluno na convivência com a mesma no processo de identidade do mesmo como sujeitos de um processo cultural e tecnológico no meio educacional. Lévy (1999, pág. 48)

Coloca que qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada na mutação contemporânea da relação com o saber, que foi se modificando desde a invenção do papel impresso até a criação do ciberespaço. Explica que as tecnologias favorecem as novas formas de acesso à informação e novos estilos de raciocínio e de conhecimento.

O principal objetivo deste trabalho foi discutir a importância da junção da apropriação das ferramentas tecnológicas, a difusão da história africana e do protagonismo e centralidade na formação e desenvolvimento da cultura brasileira, na construção da identidade afro-brasileira, de acordo com a perspectiva da Lei 10.639/03. Esses temas abarcam uma série de importantes questões para além da escravidão e do preconceito, contemplando a importância do reconhecimento do negro e do índio como pilares da formação da sociedade brasileira, como sujeitos históricos que lutaram pelos seus ideais.

Para concretizar as leis referidas em sala de aula, deve-se discutir a metodologia da Educação Sociológica, em que favorece os processos de: dialogar/explanar, investigar/construir, para assim difundir o conhecimento prévio, pertinentes aos alunos e os conhecimentos adquiridos sobre a temática, presentes na pluralidade das fontes históricas, oportunizando aos professores, um caminho teórico-didático para a pesquisa no campo do ensino de História, mostrando assim, que possuímos um papel crucial na construção de valores que buscam enfatizar a historicidade e a cultura negra, como partida para formulação da identidade do Brasil, enquanto nação, abordagem está cada vez mais necessária, explicada por estudiosos, como tendo ocorrido com mais veemência após a fragilidade europeia derivada dos impactos do pós-guerra, na qual se verifica haver chegado o momento de repensar o papel civilizatório do Ocidente no mundo.

Em relação à mudança historiográfica e à derrocada do pensamento europeu, os Annales desafiaram a visão eurocêntrica da história, buscando uma compreensão mais global e comparativa das sociedades humanas. Isso representou uma mudança significativa na abordagem da história, ampliando seu escopo e enfatizando a importância das experiências não europeias na construção do conhecimento histórico (BLOCH, 1960, pág. 5-28)

Tal necessidade no cenário educacional brasileiro, também é reconhecida pelo MEC-Ministérioda Educação e Cultura, ao apresentar que:

Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira. (BRASIL, 2004:11-12)

Portanto, com a valorização dos estudos sobre a cultura africana e a relevância histórica das vivências atlânticas, chegamos à importância desta pesquisa, ressaltar a potencialidade da junção da tecnologia ao estudo de cultura afro-brasileira, esta que na proposta deste trabalho, será realizada articuladamente ao fazer conjunto, no que se mostra uma forma viável e eficaz para se abordar o que se propõe, visto que há no cenário atual.

O tempo em que vivemos a constante necessidade de aperfeiçoamento da educação emancipatória por e libertadora, de modo a chegarmos ao denominador comum que é um universo escolar conectado, falando da historicidade negra, seus direitos, suas vivências e sua cultura, sobre a perspectiva presente na diversidade de meios de difusão para fins informacional e conscientizador, que propiciam, a construção/sistematização da propagação desta discussão, em sala de aula, espaço de interação e interlocução, onde o que acontece na sociedade surge na oralidade dos educandos, mesmo que sobre temáticas recorrentes.

Frente a esta situação, as instituições educacionais enfrentam o desafio não apenas de incorporar as novas tecnologias como conteúdo do ensino, mas também reconhecer e partir das concepções que as crianças têm sobre estas tecnologias para elaborar, desenvolver e avaliar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento de uma disposição reflexiva sobre os conhecimentos e os usos tecnológicos.

A sociedade atual passa por gigantescas mudanças que afetam todo o contexto social, seja ele educacional, do trabalho ou cultural da sociedade do Século XXI, essas mudanças são na forma de fazer, na forma de aprender e na forma de se construir, então temos uma sociedade com profundas mudanças que afeta diretamente o ensino-aprendizagem, já que a escola como elemento da sociedade também passa por mudanças a qual apesar das mudanças nos últimos anos não consegue acompanhar as transformações da sociedade atual que são muito mais

dinâmicas e abrangentes do que as que constatamos no ambiente escolar a mudança na escola de uma transformação tanto da escola como dos educadores com um desafio muito importante nessa mudança para a própria profissão de professor.

Mudança significa sempre sair da zona de conforto, afetando tanto os educadores como é a escola instigada a modificar o seu sistema de ensino para se adaptar a essa nova realidade que é não só pela mudança nos paradigmas, mas também pela transformação do aluno como membro de uma sociedade em constante transformação.

Nesse sentido, este estudo propõe uma abordagem qualitativa e quantitativa visando utilizar ferramentas digitais para identificar as dificuldades enfrentadas por professores e alunos do ensino médio da rede estadual para melhor compreender a materialidade para quem está no ambiente escolar. O Ensino de Sociologia promove o desenvolvimento social dos alunos. Assim, integrando as redes sociais ao ensino de alunos e professores do ensino médio, começando pela aplicação de pesquisas através de formulários aplicados aos alunos durante o período de ensino à distância que foi implantando na rede de ensino durante o período pandêmico, por grupos focais que tiveram participação dos alunos e sua interação com as ferramentas das mídias na ‘web’ 3.0¹.

Os dados coletados podem ser usados para construir recomendações para intervenções destinadas a ajudar alunos e professores a efetuar conexões entre as transições da sociologia e história, através das redes sociais conecte-os ao ambiente atual em estudo.

O presente estudo foi desenvolvido nas instalações do Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho na cidade de Almadina (BA), tendo como público-alvo os estudantes e os professores da Unidade Escolar que participaram por questionários e de entrevistas realizadas durante o período, o que se estabeleceu a presente dissertação sobre a educação e a utilização de ferramentas da web 3.0 para o desenvolvimento do aprendizado do aluno e o potencial que as mesmas têm para o ensino e aprendizado.

1.2. Descrevendo o Ambiente da Pesquisa

O estudo foi realizado no espaço social do município de Almadina, localizado no sul do estado da Bahia, área denominada geograficamente Mesorregião Sul Baiano pelo IBGE e

¹ A **Web 3.0** representa a próxima fase da evolução da **web/internet** e potencialmente pode ser muito inovadora ao representar uma mudança de paradigma tão grande quanto a versão atual (**Web 2.0**). A versão **3.0** é construída sobre os **conceitos** centrais de descentralização, abertura e maior atuação do usuário.

microscopicamente a área Ilhéus–Itabuna, pertencente a território Litoral Sul, ainda economicamente conhecido como Região Cacaueira. Almadina estende-se por um território de 246,89 quilômetros quadrados, entre 14° 43’S e 39° 39’W. Foi elevado à categoria de município pela Lei Federal nº 2. 1.641, 15 de março de 1962. Seus limites são limitados pela Floresta Azul ao sul, Ibicaraí a sudeste e Coaraci a leste. Itapitanga ao norte/nordeste e Ibicuí a oeste/sudoeste. Almadina é uma pequena cidade localizada no sul da Bahia. Tem menos de 6 mil habitantes, e sua população diminuiu devido à crise das plantações de cacau que começou em 1992. Desde então, a economia da cidade estagnou, depois se deteriorou em uma depressão. Além disso, 57% dos habitantes adultos de Almadina são analfabetos, segundo dados do IBGE de 2016. Apenas 9,1% dos habitantes entre 15 e 17 anos estão matriculados no ensino médio, segundo os mesmos dados.

O analfabetismo no Nordeste brasileiro é um problema sociológico complexo e multifacetado. A região Nordeste é a mais pobre do país, com altos índices de desemprego e baixos salários. Muitas famílias não têm acesso a serviços básicos de saúde e educação, o que dificulta a alfabetização. Além disso, a região é marcada por uma grande desigualdade social, com uma elite econômica que concentra a maior parte da renda e uma massa de trabalhadores pobres que lutam para sobreviver.

A falta de oportunidades educacionais e o acesso limitado a livros e materiais escolares são alguns dos fatores que dificultam a alfabetização. Historicamente, o Nordeste foi negligenciado em termos de investimentos em educação, com uma rede escolar deficiente e poucos recursos. Além disso, a cultura de tradição oral ainda é muito forte na região, o que pode dificultar a valorização da educação formal e do aprendizado da leitura e da escrita.

Figura 01: Vias urbanas de Almadina



Fonte: IBGE cidades

O conjunto urbano da cidade de Almadina possui cerca de 6.357 habitantes, portanto não possui plano diretor urbano, sendo assim não está formalmente dividido em bairros. Mas para fins de pesquisa e com base nos diferentes nomes de lugares utilizados pelos moradores locais, optamos por usá-los para diferentes pontos da cidade: centro ou "Praça", Rua Nova, Maçaranduba e Liberdade. Usamos o nome Zona Rural quando nos referimos aos habitantes da fazenda.

O centro ou a praça corresponde ao núcleo inicial do processo de formação do sítio urbano. Aí aparece os escritórios administrativos municipais e casas comerciais com maior capacidade para fornecer produtos de consumo e serviços. A Rua Nova é uma parte da cidade que agrupa um certo número de ruas mais afastadas das repartições públicas municipais e do núcleo urbano original, dos seus edifícios habitacionais, construídos no final da década de 1960, os prédios são descontínuos, esmagadoramente taipa de pilão e cobertos de palha, e abrigam uma parcela da sociedade local sem capital de qualquer espécie. O fato de ter surgido após o processo de formação do núcleo urbano original está na origem do nome "Rua Nova".

Nas últimas duas décadas, o processo de universalização da matrícula e do acesso às escolas públicas municipais e estaduais não foi suficiente para democratizar a participação proporcional no ensino médio e o número de jovens que concluíram essa etapa da educação básica da Rua Nova, Maçaranduba, Durbar e Liberdade. No grupo que compôs o estudo, tínhamos apenas dois alunos, Marcela e Joana da Rua Nova, um da Liberdade Paulo e um de Massaranduba. O nome dos alunos utilizados nesta pesquisa é fictício com o objetivo de preservar a identidade dos mesmos.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Senador Luiz Viana Filho, localizada na cidade de Almadina no Sul da Bahia Nessa categoria as abordagens foram apresentadas através de textos que contemplem questionamentos realizados tanto ao corpo docente como os alunos por meio de questionários estruturados e Grupos Focais. Os dados foram coletados durante todo o período pandêmico por meio de reuniões virtuais e análise documental da escola.

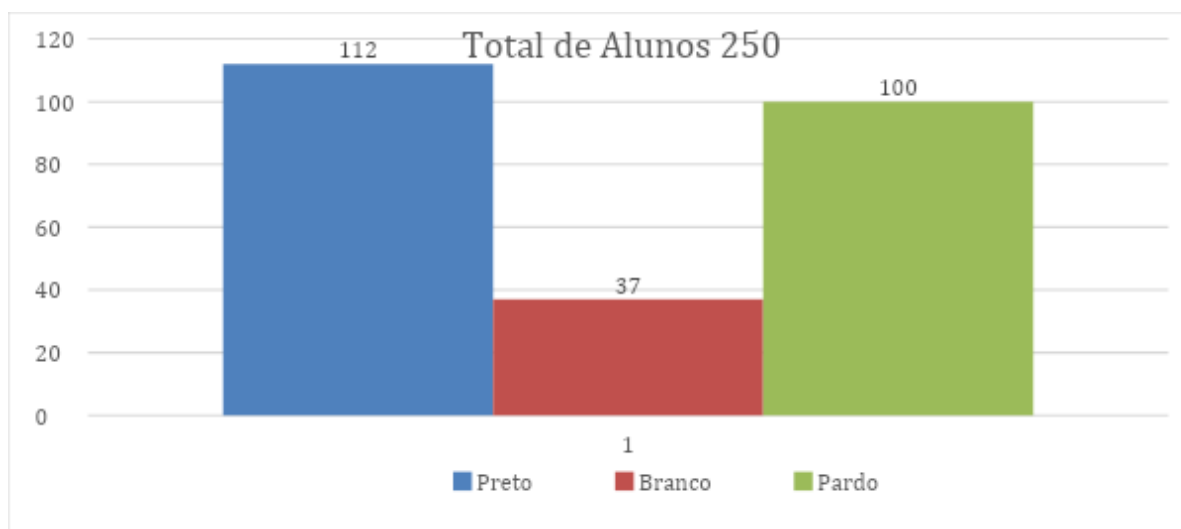
Figura – 2 – Colégio Estadual Senador Luís Viana Filho - Almadina



Fonte: Autor

O espaço da pesquisa será uma escola pública Estadual, localizada no interior do estado da Bahia, na cidade de Almadina. Este município possui uma população estimada em 6.357 habitantes. Ela está situada no estado da Bahia, localizada, na zona cacaeira no Sul da Bahia 450 km de Salvador (IBGE, 2018).

A escola possui 250 alunos matriculados no ensino médio sendo 180 no médio regular e 70 alunos na modalidade EJA noturno a unidade escolar funciona nos turnos vespertino e noturno. Os alunos se auto declaram: A auto declaração foi realizada por meio de formulário eletrônico o por meio do Google Forms já que a pesquisa foi realizada no período pandêmico em que os alunos se auto declararam branco, pardo ou negro. No geral, a composição dos alunos de Almadina chama atenção pelos fatores de sua a composição étnica dos alunos em cidades negras pode ser bastante diversa, o que pode trazer riqueza cultural e desafios educacionais para a sala de aula. É importante que as escolas considerem essa diversidade ao planejar seu currículo e suas estratégias de ensino, para que possam atender às necessidades de todos os alunos de forma efetiva. No entanto, de acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2010, a população de Almadina era de 8.938 habitantes, dos quais 4.765 eram negros (pretos e pardos), o que correspondia a 53,3% da população total do município.



Fonte: Autor

1.3. Metodologia

A pesquisa começa com reflexões baseadas em considerações artísticas o artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 trata da cidadania, enquanto o artigo 205 da Constituição Federal de 1988 estabelece o dever do Estado e da família de colaborar com a comunidade. Além disso, o artigo 26 da LDB de 1996 aborda a importância da interdisciplinaridade e da contextualização na educação. Esses princípios estão alinhados com as Orientações Curriculares Nacionais (OCN) de 2008, conforme destacado na página 125 desse documento. Este último afirma que o ensino da sociologia está relacionado aos aspectos epistemológicos (conceitos, temas e teorias) do ensino da disciplina de forma interdisciplinar, contextualizada e clara.

As aulas remotas têm sido um desafio para os professores, já que exigem habilidades e estratégias pedagógicas diferentes daquelas utilizadas em sala de aula presencial. As aulas remotas têm exigido que os professores desenvolvam novas habilidades e estratégias pedagógicas para garantir que seus alunos continuem aprendendo de maneira eficaz e envolvente.

- 1) Como os egressos do Ensino Médio Almadina veem as abordagens sociológicas no contexto das mídias digitais?
- 2) Se a maioria das famílias dos alunos é privada de algum tipo de capital econômico e cultural (objetivo e combinado), as escolas podem complementar ou construir esse capital cultural com alunos para incluir os alunos no estudo da sociologia?

- 3) Se as abordagens metodológicas (conceitos, temas e teorias) são essenciais no ensino da sociologia, bem como na prática educativa interdisciplinar, ao final do ensino médio os alunos de Almadina/Ba serão capazes de identificar em contexto as abordagens epistemológicas do ensino da sociologia e Sociologia Afro-Brasileira.
- 4) Por fim, a escola ajuda a quebrar a reprodução forçada do campo relacional? Ele permite que os alunos usem o conhecimento da web e da cultura da web?

1.4. A Pesquisa-Ação como forma de Intervenção na Realidade Escolar

O projeto é considerado pesquisa-ação. É uma alternativa aos métodos tradicionais de pesquisa empírica, embora seus resultados reais sejam muito controversos [...] pesquisa participativa ou pesquisa-ação visa o vínculo indestrutível entre teoria e prática, ou avaliação qualitativa, que se dedica a avaliar expressões sociais de qualidade política” (DEMO, 1995, p. 229).

É possível considerar que a pesquisa-ação está totalmente alinhada com o propósito deste projeto, pois, segundo Freire (2000), “a educação requer a compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo”. O mesmo autor afirma que ensinar exige pesquisa, e pesquisa-ensino ou ensino-pesquisa se entrelaçam entre os saberes necessários para avançar criticamente na prática educativa do professor, como segue:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-efetuarem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatar, intervir, intervir, educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2000, p. 32).

Sobre a relação entre teoria e prática, vale destacar que a pesquisa-ação visa gerar mudança (ação) e compreensão (pesquisa) a partir do conhecimento. Como trabalho científico, Richardson e Ferreira (2013) apontam que ação e pesquisa estão intimamente relacionadas e constituem os principais objetivos dessa forma de método de pesquisa científica, conforme segue:

A pesquisa-ação visa produzir mudanças (ação) e compreensão (pesquisa) sobre o(s) conhecimento (s). Como o próprio nome indica, pesquisa ação é um trabalho

científico, que possui dois objetivos: a ação e a pesquisa. A consideração dessas duas dimensões, mudanças e compreensão, pode contribuir significativamente na elaboração do projeto de pesquisa. Assim, as possibilidades de uso são muito grandes desde um professor em uma pequena escola numa região afastada dos centros urbanos até um estudo sofisticado de mudança organizacional com uma grande equipe de pesquisadores, financiado por importantes organizações. Nesse sentido, a pesquisa-ação é uma forma de pesquisa que tem como objetivo os benefícios da ação e da pesquisa. [...] Se refletirmos bem, a própria noção sobre o que vem a ser “pesquisa” já nos leva a pensar sobre ter “ação”, ou seja, ambas as noções – pesquisa e ação – caminham juntas. Mas, necessitamos compreender a pesquisa-ação como uma abordagem metodológica, que passou a ter um sentido, uma direção para uma intencionalidade sobre a reflexão da transformação de algo prático. (RICHARDSON; FERREIRA, 2013, p. 11).

Como processo de pesquisa, a pesquisa-ação emprega uma abordagem qualitativa e, segundo Richardson (1999), é uma pesquisa que visa resolver um problema. Dessa forma, pode ser perfeitamente aplicado no campo da educação, tendo em vista que o objetivo principal do projeto é realizar uma intervenção pesquisa/ensino para implementar o ensino de conteúdos históricos e culturais afro-brasileiros no componente curricular de sociologia.

A respeito da pesquisa-ação, Richardson (1999, pp. 16 – 17) afirmou que:

Esse tipo de pesquisa está, geralmente, dirigido para resolver problemas práticos. [...] No campo da educação, existem muitas pesquisas dirigidas para detectar a eficiência de diversos métodos de ensino. Outros exemplos podem ser encontrados na elaboração de testes e material instrucional. A pesquisa social crítica (pesquisa qualitativa, pesquisa-ação, etc.) tem como fundamento a procura coletiva de solução de problemas práticos. A maior parte dessas pesquisas não está destinada a formular ou testar teorias; o pesquisador está, apenas, interessado em descobrir a resposta para um problema específico ou descrever um fenômeno da melhor maneira possível.

Cabe destacar que, segundo Demo (1995), a pesquisa-ação pode ser considerada um tipo de pesquisa participativa. Para o autor, a realização da pesquisa-ação deve estar teoricamente comprometida com o desenvolvimento da prática diante dos problemas diagnosticados. Nas citações abaixo, os autores explicam detalhadamente o que essa prática implica e a relação entre pesquisa-ação e pesquisa participante. Vejamos:

Não fazemos aqui distinção entre pesquisa participante e pesquisa-ação, porque nos parece que o compromisso com a prática é o mesmo em ambas, ainda que pudéssemos inventar filigranas, do tipo: nem toda ação precisa ser diretamente política, o que levaria a aceitar que participação é apenas um tipo de ação social. Por outro lado, se partimos da característica social histórica de que o homem é animal político intrinsecamente, todas as suas ações guardam contexto político maior ou menor.

Ainda, na intenção original da pesquisa-ação não está a colocação genérica e dispersa de qualquer ação social, mas ação conscientemente política, no sentido de aliar conhecimento e mudança. (DEMO, 1995, p. 231).

Em conjunto, a pesquisa-ação é baseada em um conjunto diferente de princípios. Garantirá a participação dos envolvidos na pesquisa, com os pesquisadores atuando como agentes de mudança. De certa forma, a pesquisa-ação é um processo de construção do conhecimento porque se inicia com o desejo do pesquisador de transformar o conhecimento ou a prática em estudo em uma determinada situação.

De acordo com Tripp (2005), as quatro fases do ciclo de pesquisa-ação incluem planejamento para melhoria, na prática, ação para implementar a melhoria planejada, monitoramento e descrição do efeito da ação e avaliação dos resultados da ação. Para Richardson (2013), o ciclo da pesquisa-ação corresponde a três fases: intenção (fase de planejamento), ação (fase de conscientização/execução) e revisão (fase de crítica/avaliação). Em outro artigo, Richardson e Pfeiffer (2017) propõem quatro etapas: as etapas da pesquisa-ação incluem diagnóstico, ação, avaliação e reflexão.

Diferentemente das metodologias convencionais de pesquisa que focam nos resultados por meio de métodos inflexíveis de controle, padronização e objetividade, a pesquisa-ação tem flexibilidade nas diferentes etapas de planejamento, execução e avaliação. Como Thiollent menciona em seu escrito, citado acima, a concepção e organização desse tipo de pesquisa é diferente. Por isso, dependendo das circunstâncias, as etapas da pesquisa podem ser adaptadas para enfrentar a situação problema. A respeito da concepção e organização desse tipo de pesquisa, escreveu Thiollent (1986, p. 47):

O planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível. Contrariamente a outros tipos de pesquisa, não se segue uma série de fases rigidamente ordenadas. Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada.

O objetivo desta intervenção pedagógica é alcançado através das seguintes etapas descritas por Richardson em (TRIPP. 2013, pág., 1999). Tripp sugeriu essas mesmas etapas em 2005. Essas etapas dos diagnósticos, planejamento, ação, avaliação e negociação. O primeiro passo é o diagnóstico, os quais são uma síntese do contexto. As etapas subsequentes incluem planejamento de aulas, conscientização dos alunos e da direção da escola, treinamento

de professores e observação participante. Por fim, há uma etapa de avaliação que avalia a intervenção.

As rodas de conversa podem ser uma estratégia eficaz para o ensino de história e culturas africana e afro-brasileira. Uma roda de conversa é uma técnica de ensino que se baseia na interação e no diálogo entre os participantes. No contexto do ensino, as rodas de conversa podem ser usadas para explorar temas relacionados à história e cultura africana e afro-brasileira de maneira colaborativa e participativa.

As rodas de conversa permitem que os estudantes compartilhem suas perspectivas, conhecimentos e ideias sobre história e cultura africana e afro-brasileira de maneira colaborativa e respeitosa. Isso pode ajudar a enriquecer o ensino dessas culturas, estimulando o pensamento crítico e a empatia dos estudantes em relação a outras culturas e perspectivas históricas. Além disso, as rodas de conversa podem ser uma forma eficaz de envolver os estudantes de maneira mais ativa e significativa em sua aprendizagem.

1.5. Definição de Grupo Focal

A metodologia utilizada neste trabalho é um trabalho qualitativo descritivo, realizado por meio de grupos focais e questionários aplicados de forma online através do Google Forms que foi realizado com os alunos que apontaram as dificuldades durante a pesquisa e o período pandêmico.

Utilizamos neste período ferramentas do WhatsApp e do google para realizar as entrevistas com os grupos focais, já que a pesquisa teve início durante o período pandêmico e deu seguimento agora no período presencial. Os grupos focais são uma técnica derivada do trabalho em grupo e originalmente usada pela psicologia social. Seu objetivo é reunir material expressivo/discursivo interativamente/coletiva para debater um tema baseado em peças anteriores. Este material envolve conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações.

Segundo Kruger (1988), pode ser pensado como um tipo de entrevista em grupo. Porém, diferentemente disso, em que a pergunta do entrevistador é seguida da resposta do entrevistado, o que acontece é a interação entre os painelistas e a posterior coleta de dados, não a partir de

perguntas “fechadas”, mas do moderador do painel (pode ser um tópico (ou estímulo) proposto por um pesquisador). Além de moderadores, observadores e relatores podem ser usados para anotar ou registrar sessões de grupos focais. Após a reunião do grupo, o conteúdo da discussão é transcrito e analisado, segundo os objetivos e categorias estabelecidos para a pesquisa.

Os participantes selecionados devem ter características comuns, por exemplo, serem alunos da mesma instituição e do mesmo nível de ensino. Mas, em simultâneo, eles precisam ser suficientemente diferentes para apoiar o debate (por exemplo, sorteando para definir os participantes). Por se basear no debate, um princípio básico é a não direcionalidade, ou seja,

(...)o facilitador ou moderador da discussão deve cuidar para que o grupo desenvolva a comunicação sem ingerências indevidas da parte dele, como intervenções afirmativas ou negativas, emissão de opiniões particulares, conclusões ou outras formas de intervenção direta. (GATTI, 2012, pág. 9).

Não quer dizer que o moderador apenas ouça o grupo, pois ele é responsável por fazer encaminhamentos a partir do tema, interferir para auxiliar as trocas entre os participantes e para manter o foco da discussão conforme o objetivo da pesquisa. Para Gatti (2012):

Fazer a discussão fluir entre os participantes é sua função, lembrando que não está realizando uma entrevista com um grupo, mas criando condições para que este se situe, explicitar pontos de vista, analise, infira, faça críticas, abra perspectivas diante da problemática para o qual foi convidado a conversar coletivamente (GATTI, 2012, pág.9).

Durante os grupos focais um tema bastante recorrente entre os estudantes foi o de suas dificuldades na utilização das Ferramentas digitais e das dificuldades deste processo durante o período da quarentena. É importante notar que algumas dificuldades permaneceram já que até o momento ainda continuamos em uma pandemia, só que agora sob controle e que os alunos participaram tanto do ensino online como do ensino híbrido. Esses dois tipos de ensino foram feitos basicamente por meio de ferramentas digitais, sendo que os híbridos têm uma parte presencial e uma parte de forma online.

Os alunos tiveram neste segmento de ensino um crescimento muito grande na utilização das ferramentas já que por necessidade eles foram obrigados a se adaptar a este ensino. Porém, ainda enfrentam grandes dificuldades, sobretudo pela questão da infraestrutura por ser uma

cidade pequena do interior, temos várias falhas na questão da estrutura de internet e várias quedas de sinais prejudicando o uso das Ferramentas digitais.

A metodologia do grupo focal utilizada também em virtude da sua flexibilização em relação a poder ser feita tanto de forma online e como presencialmente e também na aplicação do material didático realizado de forma online com os alunos e depois também presencialmente com o ensino híbrido foi demonstrado que tanto no ensino presencial quanto no ensino remoto a aplicação do material confeccionado com esse objetivo já utilizando links para que os alunos tivessem acesso ao material de pesquisa online e também presencial indicando aos alunos que estariam esses materiais em caso de necessidade de pesquisa do mesmo. Neste período foram realizados encontros mensais com os alunos de forma online e após o retorno às aulas presenciais foram realizados mais 10 encontros com as turmas pesquisadas.

1.6. Como foi utilizado o Grupo Focal

Nesta seção, serão explicadas as fases de desenvolvimento e aplicação dos grupos focais, bem como orientações para a possibilidade de análise dos dados obtidos. Os participantes escolhidos precisam ter características comuns, mas ao mesmo tempo precisam ser diferentes o suficiente para sustentar o debate. Dependendo dos objetivos, os grupos focais podem ser usados em diferentes estágios da pesquisa.

Conforme proposto por Krueger e Casey (1988), as vantagens do uso de métodos de grupos focais podem ser resumidas da seguinte forma:

- ✓ Os grupos focais permitem que os participantes compreendam crenças e atitudes, pensem e aprendam sobre o seu próprio comportamento e o dos outros através da troca de opiniões e experiências.
- ✓ Ajuda a investigar comportamentos e motivações complexas, comparando diferentes perspectivas sobre o mesmo tema.
 - ✓ A dinâmica dentro da equipe pode ser um fator sinérgico no fornecimento de informações.
- ✓ Ajuda os pesquisadores a entender a linguagem que as pessoas usam para descrever suas experiências, valores, formas de pensar e os processos de comunicação que estabelecem. É produtivo porque grupos minoritários podem gerar muitas ideias sobre os tipos de pesquisa que devem estudar.

✓ Quanto às deficiências dessa abordagem, Morgan (1996) aponta tendências grupais que podem levar à "conformidade" ou "polarização". A conformidade ocorre quando alguns participantes deixam de fornecer informações no grupo que podem aparecer em entrevistas individuais. A polarização ocorre quando os participantes expressam muitas mensagens diferentes e contrastantes em um grupo, levando a intensa controvérsia.

No exemplo descrito na próxima seção, os grupos focais foram usados da forma tradicional, presencial, mas, dadas as tecnologias digitais atuais, isso torna viabilizando a videoconferência e/ou comunicação online, é viável a realização de pesquisas com grupos focais pela Internet.

Com estes recursos as discussões podem ser realizadas via chat ou aplicativos como o WhatsApp. Esses princípios devem ser respeitados, principalmente quando o mediador/pesquisador não é direto. A conclusão é que, em qualquer situação, os participantes podem expressar seus pensamentos sobre o assunto estudado da maneira mais sincera possível. Claro que haverá sempre interferência de grupos, sendo interessante porque mostra o contexto e não o ponto de vista do indivíduo, refletindo melhor as questões sociais que interferem no ponto de vista do indivíduo.

1.6.1. Grupo Focal Online

Ao estudar o método científico, é importante observar a presença de isômeros tecnológicos dual-conformacionais. Isso se deve ao método científico mudando sua abordagem e métodos ao longo do tempo. É por isso que é importante observar os grupos focais online – que utilizam recursos virtuais – ao examinar formas de coletar, elaborar e conduzir dados. Antes de discutir as especificidades de um instrumento de coleta online, é necessário falar sobre algumas teorias básicas. Segundo Abreu, Baldanza e Gondim, 2009, ou A, B e G, um grupo focal é uma discussão em grupo em que os participantes discutem e expressam suas opiniões. Isso ajuda os participantes a chegar a pontos de consenso e discordância.

A confusão entre os dois conceitos é o foco principal deste método. É usado pelos autores para explorar ideias e experiências dos participantes, que podem ser aplicadas a outras investigações. Para entender por que as pessoas pensam da maneira que pensam, é necessária a participação do grupo. Isso inclui ser exposto às ideias e opiniões de outros participantes, o que faz com que os participantes considerem outras perspectivas, identifiquem acordos e

desacordos e explorem possíveis soluções para o tópico em questão. Além disso, BACKES et al. afirmou que a participação do grupo desempenha um papel significativo na determinação de consenso e dissidência sobre um tópico (2011).

A pesquisa de grupos focais pode ser realizada pela internet, semelhante à forma como pode ser realizada pessoalmente. Os grupos focais online permitem que os participantes sejam separados por distância enquanto ainda completam suas interações de pesquisa em um ambiente virtual. Esse método de pesquisa foi citado por Baldanza, Abreu e Gondim em seu artigo de 2009. Qualquer pessoa pode comentar em um fórum de discussão em grupo a qualquer momento; isso é feito por trocas de e-mail e listas ou grupos de discussão. Aqueles que participam também podem ler as declarações feitas por outros participantes e adicionar suas próprias declarações a qualquer momento.

Com isso em mente, os grupos focais online parecem ter características que podem ser usadas para pesquisa. O principal problema pode ser as diferenças geográficas nas pessoas envolvidas, para que os cientistas possam reunir participantes de várias regiões com diferentes experiências e perfis considerados relevantes para a investigação. Destaca-se também a facilidade de transcrição dos dados, pois em uma discussão de texto, o pesquisador transcreve toda a conversa ao final do grupo. Apesar disso, quando a discussão é limitada a 4, há limitações como não conseguir capturar

As interações textuais, expressões faciais e gestos dos participantes são úteis para os moderadores (DUARTE, 2007). É por isso que é extremamente importante que os pesquisadores avaliem as condições dos grupos focais online, avaliando suas reais possibilidades e fragilidades, para determinar sua relevância para a pesquisa.

Para Daltro e Faria (2019), por si só como estudo qualitativo, o GF caracteriza-se por uma diversidade de escolhas teóricas e metodológicas, com ênfase em interpretações descritivas, interpretativas e compreensivas de um fenômeno temporal. O referencial teórico acima descrito define os diversos aspectos da sociedade contemporânea no qual a TDIC penetrou, procurando conjugar a experiência narrativa do autor com as condições sócio-históricas que ela manifesta. Preocupa-se em não separar sujeito e objeto, pois essa característica indissociável está relacionada às características dos métodos qualitativos nas ciências humanas, incluindo o GF.

Nesse sentido, é importante destacar que a experiência compartilhada neste trabalho é baseada em dados coletados para as teses de mestrado do autor. A pesquisa é fundamental para o avanço do conhecimento em todas as áreas do saber, e as ferramentas digitais permitem que

os pesquisadores acessem uma quantidade cada vez maior de informações, bem como facilitem a organização e análise desses dados. Além disso, a internet possibilita a conexão entre pesquisadores de diferentes partes do mundo, o que permite o compartilhamento de conhecimento e a colaboração em projetos de pesquisa.

Com base nas necessidades da dissertação, decidiu-se posteriormente realizar um grupo focal online. Além disso, são utilizadas discussões assíncronas² no qual. Os participantes podem interagir e responder a perguntas orientadas com base em seu tempo disponível. De acordo com a literatura sobre estruturas de grupos focais na área, a discussão teve um moderador — o autor deste artigo — para mediar a interação, fazendo perguntas e instigando os participantes a debater o tema, aprofundando alguns elementos quando pertinentes. A conversa acontece apenas via texto e dura cerca de 1 mês. O aplicativo utilizado é o WhatsApp, que permite enviar e receber diversos arquivos de mídia, ou seja, fotos, documentos, textos, chamadas de voz, etc. Mais especificamente, foram organizados 2 grupos focais, sendo com duas turmas 2º e 3º anos com os alunos da unidade escolar e o professor pesquisador.

1.7. Possibilidade e Limitações do Método

Como mencionado acima, esses grupos são organizados por meio do aplicativo WhatsApp. Inicialmente, enviamos convites para pesquisa por e-mail com um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Também enviamos um questionário elaborado por meio do Google Forms para reunir algumas informações do perfil de cada participante. Depois que eles responderam a essas perguntas iniciais, adicionamos membros ao grupo. O primeiro desses grupos inclui os alunos que fazem parte desta pesquisa como eles participaram desta pesquisa por meio de grupos focais e de forma online por meio de ferramentas como o WhatsApp e também aplicando questionários através do Google Forms.

No que diz respeito à dinâmica da discussão, primeiro foram apresentados formalmente os instrumentos de coleta de dados, além da descrição detalhada do papel de cada membro e da organização da conversa. A pesquisadora e autora deste artigo atuam como moderadoras e formulam algumas questões norteadoras com base no roteiro semiestruturado. Cada pergunta

² Assíncrono é um termo utilizado em tecnologia da informação e comunicação para descrever uma forma de comunicação em que as mensagens são enviadas e recebidas em momentos diferentes, sem a necessidade de que os participantes estejam conectados simultaneamente. Ou seja, a comunicação assíncrona não requer que os envolvidos estejam online ao mesmo tempo.

foi feita inicialmente a todos os integrantes e eles tiveram que responder com base em sua experiência com educação a distância. Quando relevante, o moderador fez perguntas aos participantes visando aprofundar informações consideradas relevantes ou que necessitassem de mais detalhes. Nós nos esforçamos para respeitar um intervalo mínimo de 1 dia entre uma pergunta e outra para possibilitar que todos tenham a oportunidade de responder com base na disponibilidade de tempo.

O grupo focal dos alunos do colégio é oferecido aos participantes da pesquisa e aos alunos. Mais uma vez, as discussões se mostraram frutíferas e, em geral, a maioria dos membros respondeu rapidamente às questões norteadoras. No entanto, houve algumas dificuldades em estabelecer um diálogo entre os participantes, o que atribuímos à forma como o roteiro de perguntas está estruturado. As perguntas são projetadas para coletar alguns dados mais objetivos, o que acaba dificultando as interações mais profundas. Às vezes, o pesquisador tenta estabelecer conexões entre os depoimentos dos alunos, mas mesmo quando surgem posições diferentes, é difícil discutir o mesmo assunto.

Portanto, acreditamos que os perfis dos participantes devem ser considerados na elaboração de roteiros semiestruturados, e que é importante identificar certas estratégias que podem ser estimuladas pela observação, estratégias que possam estimular debates. Estratégias estas que devem ser concebidas em consonância com as exigências que eclodem no cerne dos próprios grupos. Ajustar o conjunto de perguntas ao passo que o pesquisador vai identificando as peculiaridades dos participantes nos parece fundamental para manter uma boa dinâmica.

Além disso, ao final de cada discussão em grupo, convidamos os membros a responderem a outro pequeno questionário virtual para avaliar qualitativa e quantitativamente a interação, moderação e uso de grupos focais online como ferramenta de coleta de dados para pesquisa educacional. Há também um espaço para comentários gerais, se necessário. Essas respostas nos permitem avaliar a percepção de professores e alunos sobre as discussões, coletando dados que nos ajudarão a melhorar futuras aplicações de grupos focais online. Na Figura 1, mostramos inicialmente as respostas dos participantes à qualidade organizacional do grupo focal.

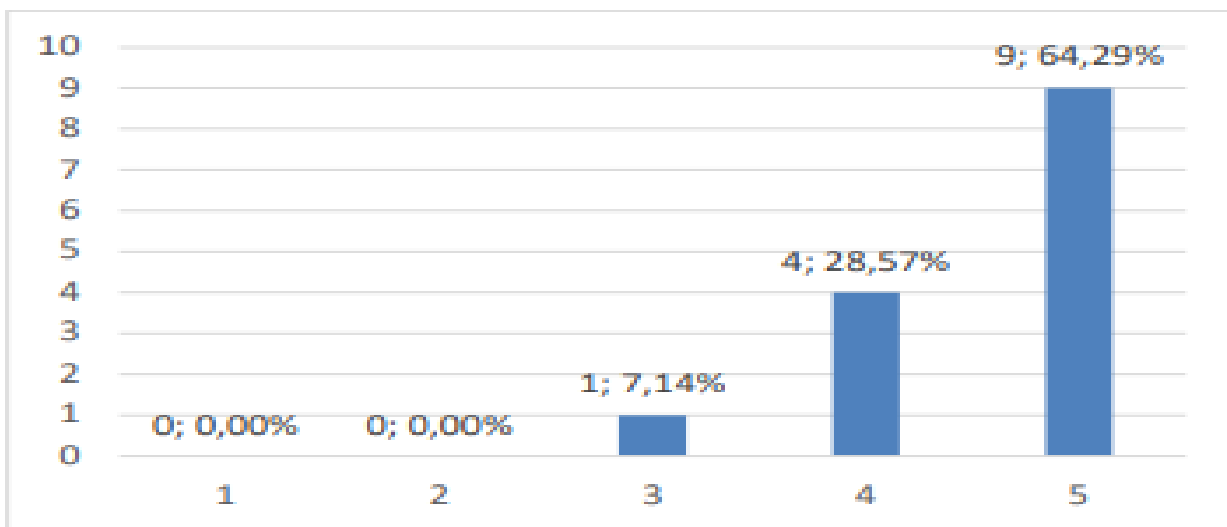


Gráfico - 1. Percepção dos sujeitos a respeito da qualidade da organização dos grupos focais.
Fonte: Autoria própria.

Em uma escala de 1 a 5, em que 1 é "muito ruim" e 5 é "muito bom", os participantes classificaram a organização do grupo focal, considerando o número de participantes, a dinâmica da conversa e o tempo entre as perguntas. Outro, etc. Como pode ser observado pelos dados da Figura 1, a maioria dos membros, 9 ou 64,29% dos membros, considera a organização muito boa. Então, 4 pessoas, ou 28,57%, acharam bom e 1, ou 7,14%, acharam normal. Em seguida, professores e alunos foram questionados sobre o papel do moderador. Os resultados desse questionamento se encontram na Figura 2.

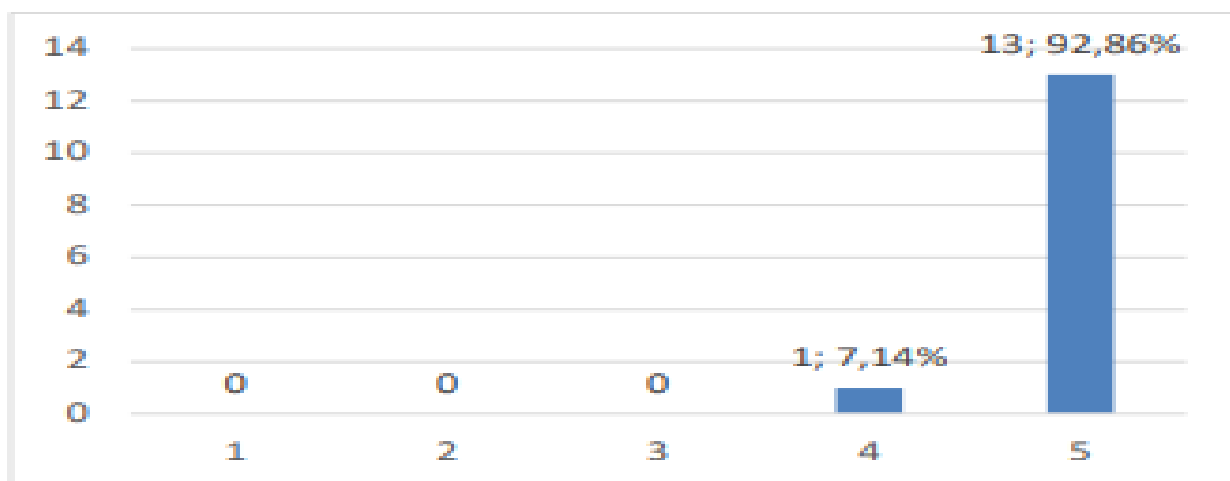


Gráfico - 2. Percepção dos sujeitos a respeito da qualidade da moderação dos grupos focais.
Fonte: Autoria própria.

O pesquisador constatou que 92,86% dos participantes pesquisados acharam muito boa a moderação dos grupos. No entanto, apenas 7,14% dos participantes consideraram bom o desempenho do moderador. O pesquisador determinou que os participantes lutavam com a capacidade de o moderador de estimular o debate e manter as discussões além de um formato de pergunta e resposta única. Apesar disso, os participantes ainda acreditavam que a qualidade de suas perguntas e discussões era alta. As perguntas do questionário estão relacionadas à interação entre os grupos.

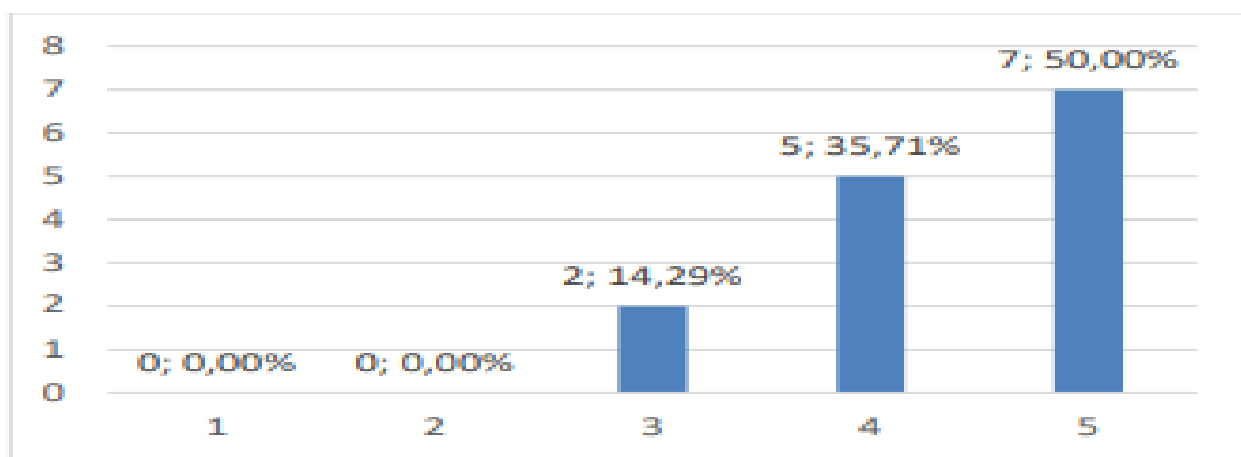


Gráfico – 3 – Diferenças entre a interação dos grupos

Observados os dados percebemos que os participantes eles consideraram a forma de metodologia utilizada neste projeto como válida uma vez que eles poderão se expressar e de mandar suas opiniões como foi mostrado nos gráficos acima em relação ao ensino remoto durante o período pandêmico ao ensino de sociologia no Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho e a questão da como é aplicado a cultura africana por meio da lei 10.639/03 no ambiente escolar como forma de você abranger todas as matrizes culturais que formam o Brasil.

Podemos observar também que os alunos apontaram vários pontos de dificuldade como a falta de internet à falta de equipamentos para ter acesso à rede e a questão da importância das

redes sociais no advento da Educação no ambiente da web 3.0 uma vez que não podemos mais pensar a educação apenas como a feita e realizada na sala de aula, mas a educação que não vemos apenas nas paredes da escola, mas temos muito mais espaço para presente e também para uma expansão já que o alcance das redes se torna muito mais amplo do que aquilo desenvolvido no ambiente escolar.

Podemos notar que durante a pesquisa alguns pontos foram apontados como grande dificuldade entre o ensino de sociologia e sua transposição para uma forma compreensível para os alunos sobretudo do ensino básico que não tem muitos dos conceitos da sociologia como forma científica. Outro ponto apontado foi a questão da difusão do ensino de cultura afro-brasileira na escola já que podemos notar que os alunos têm muito pouco deste elemento cultural que foi de grande importância para a formação da sociedade brasileira e da Nação como elemento da nossa sociedade multicultural. Notamos a grande predominância do elemento branco ou da Cultura eurocêntrica em relação à cultura africana e as outras culturas de menor envergadura no contexto escolar brasileiro, observamos o domínio do etnocentrismo no livro didático e também a questão da colonização cultural em relação aos elementos que formaram a sociedade brasileira como o indígena e o africano, apenas por um ensino colonizador poderemos contribuir para que o Brasil se reconheça como nação de formação multicultural e não apenas como um produto simplesmente da cultura Europeia.

1.8. ORDEM E CONTEÚDOS DOS CAPÍTULOS

1. CAPÍTULO — A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DO CIBERATIVISMO E DAS FERRAMENTAS DIGITAIS

Este capítulo vai abordar a importância do ciberativismo e o contexto da utilização das ferramentas digitais para educação no período contemporâneo e as mudanças provocadas pela aplicação da WEB 3.0 no meio educacional.

2. CAPÍTULO — ENSINO DE SOCIOLOGIA E A LEI 10.639/2003 EM CIAMPA

O segundo capítulo demonstra a inserção do ensino de sociologia com um breve histórico da implantação do mesmo e a sua abordagem tendo como painel de referências a lei 10.639/2003 que passou assim como a sociologia por todo um processo de lutas históricas para chegar e se tornar obrigatório nos currículos escolares. Destaca também a importância dos estudos de Ciampa no campo do estudo da Psicologia Social

3. CAPÍTULO — DESCRIVENDO A EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO NO PERÍODOPANDÊMICO

O terceiro capítulo tem como objetivo mostrar o desenvolvimento de algumas experiências que teve andamento durante o período pandêmico com ferramentas digitais que possibilitaram a aplicação de aulas à distância por meio das mídias e aplicativos que se encontra de forma gratuita na internet e que pode ser utilizada em sala de aula para potencializar o ensino/aprendizagem no ambiente escolar. Neste mesmo capítulo demonstramos o desenvolvimento de um material didático que foi construído para a inserção do ensino de cultura afro brasileira e a integração com a lei 10639/2003

4. CAPÍTULO: ANÁLISE DE DADOS — ENTREVISTAS E RODAS DE CONVERSA COM ESTUDANTES E DOCENTES

O quarto capítulo vai abordar os dados recolhidos pela pesquisa que será demonstrado por meio dos levantamentos feitos pelos grupos focais e também por meio de questionários estruturados que foram aplicados junto aos alunos durante o período de desenvolvimento desta pesquisa que se iniciou com o advento da pandemia do Covid-19 e teve o desenvolvimento no ambiente de distanciamento e também em encontros presenciais. A demonstração vai ser feita por meio do relato dos alunos e de alguns professores que serão demonstrados em gráficos e no final conclusões.

1. CAPÍTULO — A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DO CIBERATIVISMO E DAS FERRAMENTAS DIGITAIS

As mudanças educacionais já não respondem mais à sociedade computacional as transformações na forma de aprender e de se gerir a cultura e a educação mudou muito no momento que a sociedade se torna uma sociedade conectada e esta mudança provoca um enfraquecimento da educação formal já que a mesma não se apega desse conhecimento para ampliar as possibilidades da educação formal se transformar de forma muito mais rápida e significativa Segundo Almeida (2000, p. 109) defende que historicamente houve uma construção centralista do conhecimento, o que deve ser superado através de um estímulo ao entendimento coletivo.

(...) mesmo o professor preparado para utilizar o computador para a construção do conhecimento é obrigado a questionar constantemente, pois com frequência se vê diante de um equipamento cujos recursos não consegue dominar em sua totalidade. Além disso, precisa compreender e investigar os temas ou questões que surgem no contexto e que se transformam em desafios para sua prática — visto que nem sempre são de seu domínio, tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à estrutura.

Ainda que a cibercultura não seja o único trajeto a percorrer em se tratando de conhecimento, percebemos que a via que as tecnologias digitais nos sugerem é sem retorno, portanto precisa ser em etapas sem medo, seu uso ponderado e crítico pelo condicionador trará benefícios para o conhecimento. Para Silva (2020), as formas de agir sociais estão passando por uma transformação no que se descreve as relações de serviço, tudo por conta dos singulares (tecnologias), realizando-se presente em toda divisão, seja otimizando algumas atividades que levariam dias, ou até comparável, facilitando a comunicação através de parceiros de trabalho. O colégio por meio das OCNs — Agora confirma a necessidade de o professor estar sempre atualizado e conectado à sociedade em que está presente a cibercultura toma como base a irrupção das chamadas tecnologias digitais que influenciam e instauram mudanças no mundo do emprego, na relação entre os indivíduos e na forma como essas realizam as mais distintas atividades. Discorrer sobre a cibercultura implica considerar o comportamento preponderante do desenvolvimento científico e tecnológico na dinâmica social e suas reações na sociedade Lévy (2009).

Neste sentido, Lévy (2009) pontua a relação da empresa do sistema educacional e a função do professor. A obrigação de considerar o florescimento do ciberespaço e o

melhoramento da cibercultura, o educador deve deixar o exercício historicamente construído de centralista do conhecimento para se transformar um incentivador do intelecto coletiva. Neste sentido, Lévy (2009) pontua a relação da empresa do sistema educacional e o encargo do professor. Ambos devem considerar a prosperidade do ciberespaço e o aperfeiçoamento da cibercultura. O docente deve deixar a tarefa historicamente construída de centralizador do conhecimento para se modificar um incentivador da intelectualidade coletiva.

Neste sentido, Lévy (2009) pontua a relação do organismo do sistema educacional e a finalidade do professor. Ambos devem considerar a multiplicação do ciberespaço e o adiantamento da cibercultura. O mestre deve deixar a função noções Curriculares Nacionais prever a utilização de ferramentas digitais na educação como instrumento de desenvolvimento do ensino, vemos que o letramento das pessoas no mundo digital também não é esquecido, os cidadãos têm que no ambiente escolar participar do letramento digital o qual está interligado a condição de cidadão na Nova Base Curricular Nacional.

Concorre a necessidade de letramento das novas gerações nesse Campo digital para que a educação alcance um desenvolvimento que confirme as necessidades que o país precisa para manter o seu desenvolvimento e gerar uma nova geração de pessoas altamente preparadas tanto para uma vida cultural e intelectual como para o mercado de trabalho que se torna cada dia mais dinâmico, se afastando assim da escola e do seu processo de engessamento. Igual torna a educação formal distante da sociedade e das transformações pelas quais se passa, seja na questão cultural e socioeconômica.

Na unidade escolar que trabalho observamos a entrada crescente de tecnologia, a qual chega na unidade educacional, mas enfrenta problemas de estrutura e metodológicos. Isto porque uma grande parte do corpo docente da unidade não possui qualificação adequada e metodologias para o trabalho com tecnologias ativas com os alunos. Sendo assim, muitos aparelhos tecnológicos continuam apenas como um aparelho e não se converte em ferramenta de potencialização do ensino na escola.

O termo cultura digital se consolida como conceito na sociedade na qual a tecnologia não é compreendida apenas como um conjunto de técnicas aplicadas a um determinado objeto, como se fosse exclusivamente uma espécie de *modus operandi*. Na sociedade atual, a tecnologia se transforma em *modus vivendi*, ou seja, numa força produtiva cujo espírito se dissemina eminentemente não só na produção dos objetos, como também nas próprias relações humanas. Essa forma tecnológica de viver torna-se possível em decorrência do atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas, as quais possibilitam a intermodalidade, ou seja, a convergência de várias mídias num só aparelho, e a portabilidade, na medida em que um aparelho de celular, que pode ser carregado no bolso da calça, converge funções relativas à televisão, ao computador e até à telefonia (FANTIN; RIVOLETA, apud ZUIN, 2015, p. 757)

Muitos aparelhos são enviados da escola, mas não se traduzem em ferramentas pedagógicas, faltam ainda preparo pedagógico para transformá-los em elementos de potencialização do ensino. Na maioria das vezes estes instrumentos tornando-se mais um objeto na escola sem utilidade que com o tempo se torna obsoleto. A falta de treinamento dos professores e a falta de utilização destes equipamentos na prática dos docentes em utilizar aquele aparelho como uma ferramenta educacional que pode melhorar muito a que acabam gerando um processo de engessamento que afeta a sua difusão e a utilização da mesma como instrumento de alinhamento da escola com a sociedade.

O que possibilita essa maior integração entre as tecnologias de comunicação e informação e as relações interpessoais é a maior "difusão" (acessibilidade) e portabilidade dessas tecnologias, como os celulares com acesso à internet. A portabilidade desses dispositivos permite a extensão da tecnologia de acesso a todos os espaços, possibilitando o uso da tecnologia em espaços públicos através de dispositivos móveis, fazendo com que as estradas virtuais se intrometerem no cotidiano (SANTAELLA, 2010).

Como isso define o conceito de tecnologia de acesso contínuo para Santaella, também é importante destacar que, para o autor, a tecnologia de acesso contínuo leva a uma mudança profunda na relação entre ensino e tecnologia, possibilitando uma aprendizagem ambígua, Constante para que nem sempre percebamos que estamos em processo de aprendizagem, como resultado do acesso contínuo ao ciberespaço, a informações, "ambientes virtuais" que nos proporcionam diversos meios de aprendizado formais, não-formais e informais (SANTAELLA, 2010, p. 20).

É importante ressaltar que, ao poder público, cabe o dever de proporcionar aos educadores formações iniciais e continuadas, para o manuseio e entendimento de como a tecnologia tornou-se uma ferramenta pedagógica indispensável no ensino escolar. Exige-se cada vez mais do mestre ao inseri-lo assim em uma longa trajetória de formação continuada. No caso desta lida, ao invés de nos focarmos nos anos iniciais de criação, da edificação do eu professor? (MARTÍNEZ et al, 2015, pág. 24), orientamo-nos para a percepção da relação entre a indagar teórico e o conhecimento prático, assim como nas colaborações advindas da própria coletividade e permeiam toda a vida profissional.

Somado a isso, há uma vocação em se valorizar a função do aluno como a área central do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, novos desenhos metodológicos têm sido

construídos graças às interferências e o acolhimento tecnológico e que se ajudam na atuação colaborativa e na produção compartilhada, elementos significativos da contemporaneidade.

Entre os aspectos mais relevantes destacados pelos interlocutores, destacamos: O agravamento das desigualdades sociais no contexto da pandemia, que revelou a gigantesca lacuna digital entre alunos e professores. A partir das observações, uma falta de diretriz para o ensino remoto no Estado da Bahia, havia um número significativo de alunos com dificuldade de acesso ao ensino à distância “online”.

A entrada precoce no mercado de trabalho, a falta de internet em casa, o uso do celular por vários membros da família, a infraestrutura insuficiente para o ensino online, o esgotamento e os distúrbios emocionais são alguns dos problemas mais frequentemente identificados durante as observações e discussões com o professor de sociologia e os alunos. São aspectos que moldam as perspectivas de alunos e professores em tempos de ensino à distância. Tais questões precisam ser refletidas mais de perto em um cenário em que as disputas e interesses do setor privado em relação às tecnologias educacionais são crescentes.

Disputa entre o setor privado e o setor público pela Nova formatação da educação a partir da BNCC - Base Nacional Comum Curricular³ tem como ponto central a disputa pelo gigantesco mercado de livros que é o programa nacional do livro didático o qual está baseado a distribuição de livros para os alunos das escolas públicas e também é para as editoras privadas o maior mercado de venda de livros do país a educação estabelecida no Brasil ela busca a interação entre o mercado de trabalho e a questão da educação formal os novos itinerários tem uma predominância muito grande da aplicação das novas tecnologias sejam elas voltadas para a educação formal ou utilizadas no mercado de trabalho para uma educação voltada mais para o tecnicismo.

Uma grande disputa hoje na cabeça dos alunos é justamente essa questão estudar para aprimorar no ensino universitário ou efetuar um curso técnico, sempre ocorre essa pergunta em sala de aula, o que se torna muito difícil responder já que o mercado hoje busca um perfil tanto preparado teoricamente como tecnicamente e busca um aluno que tenha diversas habilidades para poderem se integrar as diferentes formas e ofertas de trabalho na escola, como a mesma

³ A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é um documento elaborado pelo Ministério da Educação do Brasil que estabelece os direitos e objetivos de aprendizagem para todos os estudantes da Educação Básica no país. A Base define os conhecimentos, competências e habilidades que os estudantes devem desenvolver em cada etapa da educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), independentemente da rede de ensino, pública ou privada.

está há muito tempo fora do engajamento entre mercado e ensino ela muitas vezes distancia o aluno dessa realidade.

O papel da cibercultura seria o de estimular os alunos a desenvolver essas habilidades tanto na busca dos meios teóricos como técnicos para uma aprendizagem e o desenvolvimento que possibilite a sua inserção no mercado de trabalho e na vida social. A escola passa por um processo de transformação profundo e esse processo de transformação depende sobretudo da ação dos diversos setores responsáveis pelo gerenciamento da educação, seja ela seja formal ou informal.

Falamos aqui da Educação geralmente familiar e social e também uma postura das diferentes (níveis) de escolaridade, lembrando que uma fase da educação sempre influenciará na fase seguinte de formação deste aluno sendo assim a educação é um processo contínuo que não acaba na escola.

Segundo a “Investigação dos sentimentos e percepções dos professores brasileiros nas diferentes fases do coronavírus no Brasil” (INSTITUTO PENÍNSULA, 2020), no início da pandemia, primeiras inquietações dos profissionais da educação foram cuidar deles mesmos e seu ambiente, ajude a divulgar as notícias que você transmite buscando fontes seguras e interaja com seus alunos remotamente. Ações prioritárias realizadas pelas escolas (privadas, estaduais, municipais) no início da pandemia, subsequentes interrupções das aulas (79%), atendimento remoto aos alunos (32%), espera das férias escolares (30%), divulgação de informações sobre a luta contra o vírus de suporte (24%).

Os professores entendiam quando a escola e os assuntos pessoais estavam prestes a entrar no desconhecido e ainda necessitavam se adaptar rapidamente. Os desafios dessa nova etapa de acomodação atingiram a todos que pertenciam à comunidade escolar. Para os professores, os principais desafios a serem enfrentados seriam de quanto viabilizar aulas no formato remoto de aparência eficaz para um grupo muitas vezes sem acolhimento certo à internet, fora de deparar meios de quanto virar a situação do déficit de assimilação com a distância social, mormente para alunos dos anos iniciais. Outra apreensão era a de defrontar medidas para cautelar ou subestimar a produção dessa inconstância educacional; e quanto preparar e prevenir os professores para o trato das tecnologias em ambientes com infraestrutura deficiente.

1.1. COLABORAÇÃO E AUTORIA

Com a difusão do uso da internet e de tecnologias digitais, a informação e a acuidade de compartilhamento de avisos se encontram no âmago do processo. Uma das (sugestões) desse cenário diz dignidade à construção de novas formas de sociabilidade, de formação e de aquisição de conhecimento. Cada sujeito ganha maior autonomia e voz a erguer e reconstruir relações em uma genealogia de ecossistema que se mantém vivo e dinâmico todaa época e que não para jamais (COLL, 2013). A todo o estado, se está aberto o recebimento de novas informações que realizam auxiliar na aquisição de capacidade e de novos locais de vista.

O ensino remoto apresenta diversos desafios para as escolas, como a falta de acesso à tecnologia por parte dos alunos, o que pode impedir sua participação efetiva nas aulas. Além disso, o ensino remoto limita as oportunidades de interação social e colaboração presencial entre alunos e professores, o que pode afetar negativamente a motivação e o engajamento dos alunos. Outro fator é a desigualdade de aprendizado, pois alguns alunos podem enfrentar distrações em casa, falta de supervisão e dificuldade de concentração. É também mais difícil para os professores avaliarem o desempenho dos alunos em uma situação de ensino remoto, e isso pode levar a desigualdades no aprendizado. Ademais, o ensino remoto pode exigir mais tempo e esforço dos professores para se prepararem e conduzirem aulas eficazes, bem como avaliar o desempenho dos alunos, o que pode ser uma carga de trabalho adicional. No entanto, o ensino remoto também pode apresentar oportunidades para inovar e melhorar a educação, por exemplo, através da utilização de tecnologias avançadas e da personalização do ensino.

Debates atuais apontam para uma mudança na educação significativa na qual o processo de ensino-aprendizagem praticado até o momento já não alcança mais os fins desejados que a emancipação do aluno e criar a potencialidade para o desenvolvimento da pessoa e do Estado como desejado pelos órgãos públicos e vários autores já determinam que a reformulação do modelo Educacional tem que ser feito a partir de mudanças não só na escola básica mas também nas próprias universidades de licenciatura no qual estes professores são preparados para lecionar no ensino básico, mas, apresentam uma disparidade entre o que é ensinado na universidade e o que acontece no chão da escola.

Afiliação a tecnologia passa se não mais uma moda, mas uma necessidade, visto que a tecnologia faz parte da vida das pessoas em todos os sentidos, seja da vida pessoal, da vida profissional e também agora da vida educacional, então a educação tem que ter recebido esse componente de formação dos alunos e também dos professores que tem que passar pelo processo de reajuste na sua formação e de constante atualização desta formação para atender as necessidades de uma educação que se encontra em constante mudança e transformação a partir da BNCC, a Base Nacional Comum Curricular, temos novas abordagens e é uma interação muito maior entre as diversas áreas do conhecimento.

Se encontravam sub divididas ou cada um em seu espaço agora interagem e muitas se transformaram em ramificações, essas mudanças nos currículos dos diferentes estados provoca significativamente uma mudança também na forma que isso é transmitido aos alunos, para que essa transmissão alcance os seus objetivos O professor precisa se adequar e se reformular constantemente para poder acompanhar as mudanças impostas não só pela legislação vigente mas também pela própria sociedade que vem nos últimos anos experimentando uma globalização da informação nunca vista antes na história

Um mundo virtual, no sentido amplo, é um universo de possíveis, calculáveis a partir de um modelo digital. Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criação coletivas. (LÉVY, 1999, p.75)

A educação passa por um processo de transformação muito grande em relação às formas de aprendizado e mudanças na forma de obter o conhecimento, o que antes estava retido apenas aos professores e livros se encontra hoje distribuído em bibliotecas digitais, portais de pesquisa, redes sociais, salvo em nuvem o conhecimento se encontra na palma de mão de muitos alunos demonstrando uma mudança significativa de como se processa a questão do aprendizado e como os alunos hoje se apropriam do conhecimento que agora não está mais subscrito apenas na sala de aula.

No momento atual, de filiação com a tecnologia, o próprio sujeito escolhe aquilo que lhe afeta acessar e é ele quem delinea o momento em que começa e termina as suas relações, assumindo, assim, a acarretadora da sua própria decisão. Isso lhe concede um grau de empoderamento e o coloca na presença de protagonista daquilo que acessa e da forma como se relaciona com as demais pessoas. Não se espera por nada, já que a busca é atendida no adjunto clique. Como os feedbacks são

imediatos, caso não sejam inteiramente atendidos, buscam-se novas resoluções em outro site. E isso se espelha no próprio ato de estudar já que o ingresso a materiais educacionais é vasto e aberto e se localiza ao alcance de uma procura simples na internet sem possuir, sequer, a necessidade de movimentação. É essa autonomia, antes citada e prevista por Freire (1996), que se apanha em evidência hoje, como competente de levar a pessoa a se reconstruir a todo a ocasião e a conduzir esse caminho de aquisição do saber. Para Freire (1996), o processo de aprendizagem contínuo do professor surge da própria aceitação de que somos indivíduos inacabados, conscientes dessa não conclusão, portanto, movidos por uma curiosidade que nos guia na atenção de aprender mais e presença constante (MORAN, 2007, pág.121)

A internet possui um grande potencial para a aprendizagem, uma vez que oferece uma ampla variedade de recursos e ferramentas educacionais, como plataformas de ensino a distância, vídeos educativos, jogos interativos, fóruns de discussão, entre outros. Através da internet, é possível acessar informações e conteúdos educacionais de qualquer lugar e a qualquer hora, o que permite que o processo de aprendizagem seja mais flexível e adaptável às necessidades individuais dos estudantes. Além disso, a internet permite uma maior interação entre os estudantes e professores, possibilitando uma troca de conhecimentos e experiências mais rica e diversificada. Com a crescente importância da tecnologia na sociedade atual, o uso da internet como recurso educacional torna-se cada vez mais relevante e indispensável para uma formação completa e atualizada.

Esta foi uma primeira etapa da apresentação da tecnologia no meio educacional a partir da década de 1990 e com ampliação a partir dos anos 2000 e inserção dos computadores nas escolas e o aumento no nível de acesso à internet por parte dos alunos e professores que começaram a acessar ferramentas digitais e ver mecanismos que se possibilita uma maior interação entre os alunos e novos meios de informação e difusão

Numa segunda etapa, o avanço das tecnologias e o seu domínio técnico-pedagógico propiciam a criação de espaços e atividades novos dentro da escola, que convivem com os tradicionais: utiliza-se mais o vídeo, para tornar as aulas mais interessantes; desenvolvem-se alguns projetos na internet, nos laboratórios de informática. Professores e alunos criam páginas web e divulgam seus trabalhos. Professores propõem atividades virtuais de grupos, listas de discussão, fóruns e, mais recentemente, blogs, podcasts, produção de vídeos. Esses programas se sofisticaram com a utilização de plataformas integradas de ensino, que permitem atividades a distância. Mas o importante, o que vale de verdade, continua sendo o currículo, as aulas presenciais, as notas. Típica desta segunda etapa é a divisão entre a grade curricular obrigatória (disciplinas) e as atividades virtuais (projetos, webquests, que

costumam ser voluntárias ou consideradas atividades complementares. (MORAN,2007, pág. 121)

A mudança no processo de aquisição do conhecimento por parte do aluno passou por uma grande mudança que foi a horizontalização da informação e da cultura, com um acesso muito mais democratizado e interativo, demandando do professor um preparo teórico e metodológico mais apurado, o que depende de uma formação também mais ajustada às novas demandas de um processo educacional muito mais interativo.

O professor, em qualquer curso presencial, hoje, precisa aprender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora. O primeiro espaço é o de uma nova sala de aula, equipada com atividades diferentes, que se integra com a ida ao laboratório para desenvolver pesquisa e o domínio técnico-pedagógico. Essas atividades se ampliam e complementam a distância, nos ambientes virtuais de aprendizagem, e se integram aos espaços e tempos de experimentação, de conhecimento da realidade, de inserção em ambientes profissionais e informais (MORAN 2007, pág. 122)

Segundo Alves (2014), é fundamental que os professores aprendam a utilizar a tecnologia e orientar os alunos a manejá-la para que nenhum deles seja manipulado por ela” (ALVES, 2014, pp. 5 – 6). Os professores devem, portanto, estar na posição de “pioneiros” na promoção da literatura digital, considerando que “a formação de professores em competências de literacia mediática é fundamental para que os jovens também desenvolvam essas competências” (ALVES, 2014, p. 7).

Isso possibilita compreender a importância da formação digital para os educadores para poderem facilitar o ensino e possibilitar que os alunos alcancem autonomia crítica, que tenham as ferramentas para analisar e refletir sobre a realidade. A participação do aluno está arraigada na questão das redes sociais e de uma nova postura de pesquisa e busca do conhecimento, cabe ao professor direcionar este aluno para se apropriar destas habilidades de busca do conhecimento da informação, ao professor torna-se imprescindível o papel de direcionador e orientador neste novo espaço de aprendizado e de desenvolvimento dos educandos em um letramento digital e busca de aprendizado por meio das mídias ativas.

Considerando que letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição. Lévy (1993) inclui as tecnologias de escrita entre as tecnologias intelectuais, responsáveis por gerar estilos de pensamento diferentes (observe-se o subtítulo de seu livro *As tecnologias da inteligência: “o futuro do pensamento na era da informática”*); esse autor insiste, porém, que as tecnologias intelectuais não determinam, mas condicionam processos cognitivos e discursivos (SOARES, 2002, pág.148)

Como observamos no texto, é de fundamental importância a apropriação dos estudantes destas ferramentas que podem ampliar o seu conhecimento filosófico, cultural e expandir a sua base de conhecimento nas diversas áreas que integram o aprendizado para a vida em sociedade e para o desenvolvimento para o mundo do trabalho que é uma das normas estabelecida na nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular), maneira pela qual o educando pode ter acesso às diversas formas de aprendizado.

Segundo Bourdieu (1997, p. 19), “Todas as produções culturais, a filosofia, a história, a ciência, a arte, a literatura, etc., são objetos de análises com pretensões científicas”. Logo, ciência e cultura são dois campos que convergem entre si e, assim, são basilares para a construção de uma sociedade.

Hobbs (2010) também enfatiza a necessidade de superar a necessidade de entender a tecnologia como ferramenta para a capacidade de usá-la, pois entende que, além do uso técnico dos dispositivos tecnológicos, é preciso também adquirir a capacidade de pensar criticamente sobre mídia de massa, cultura popular e mídia digital.

Com isso em mente, Hobbs (2010) ressalta o mesmo ponto de Meirinhos (2015) de que é necessária uma formação técnica que vá além do uso tecnológico de dispositivos eletrônicos e tenha como foco o pensamento crítico sobre o impacto dos artefatos digitais em nós refletirmos. Sociedade. Com isso em mente, esta discussão considerará a perspectiva de Selwyn (2011) sobre três aspectos da aplicabilidade da tecnologia: como artefatos e dispositivos — os próprios objetos; as atividades e práticas facilitadas por esses dispositivos; e o contexto da tecnologia.

Por fim, para garantir que o letramento digital se torne uma habilidade essencial para os alunos, é preciso considerar a necessidade de formação técnica, reflexão que considera como as inovações tecnológicas moldam a organização social. Essas tecnologias digitais estão construindo relações espaço-temporais e influenciando como nos comportamos e entendemos a realidade (SANTAELLA, 2010).

Isso nos leva às afirmações de Santaella (2010) sobre o futuro da educação nesse contexto, e como lidar com essas diferentes formas de aprendizagem hoje, considerando sua afirmação de que “nenhuma linguagem e tecnologia de comunicação acabará ou eliminará tecnologias anteriores” (SANTAELLA, 2010, p. 18), eles simplesmente alteram as funções ocupadas por essas tecnologias anteriores e organizam o espaço.

Por verificar o desenvolvimento conversável desde a idade antiga até a contemporaneidade, a educação necessita se apropriar dos processos tecnológicos e comunicacionais. Por conseguinte, como os tempos antigos são moldados pelas relações em rede, o curso operacional deve dialogar com as TIC para verificar-se no ciberespaço e integralizar-se das temáticas emergentes da cibercultura.

É importante compreender que essa tecnologia não é mais um objeto da máquina, porque ela já é um objeto cultural, ela é uma peça cultural. E é justamente por ter se tornado uma peça cultural que as pessoas não usam mais reverenciando a linguagem do computador, as pessoas se apropriam da linguagem e automaticamente dão um significado para elas. Os recursos tecnológicos já integram o vocabulário do dia-a-dia das pessoas e nesse processo ressignificam e potencializam o acesso ao conhecimento por meio da mediação digital (Pletsch, Oliveira, Colacique, 2021, pag. 13)

Em relação à autoria dos alunos podemos verificar que os mesmos vêm utilizando cada vez mais as redes sociais como instrumento de comunicação e também como ferramenta de pesquisa e de lazer, este processo demonstra cada vez mais um protagonismo dos mesmos em relação às redes como WhatsApp, Instagram, TikTok entre outros que demandam dos alunos uma interação e também força a um nível de letramento para utilizar os recursos oferecidos por estas ferramentas.

A ampliação da conexão via ‘internet’ e das múltiplas mídias/redes sociais, possibilita que novas ferramentas tecnológicas levem estudos e experiências a qualquer hora e em qualquer lugar para um número significativo de sujeitos. Com efeito, todo esse conectivismo” surge num momento em que a produção e a circulação das informações na Web são multiplicadas exponencialmente”. (PIMENTEL, 2018, p. 126).

É, portanto, pertinente partir da noção de que a escola deve desempenhar um papel no desenvolvimento de indivíduos capazes de exercer a cidadania, levando à discussão de Selwyn (2011), que aponta que a necessidade de uma instrução que promova o desenvolvimento de habilidades usando a tecnologia digital é a Alfabetização digital de fato, conforme definido

pelos autores (SELWYN, 2011), é uma “habilidade essencial” (SELWYN, 2011) essencial para o exercício da cidadania e adaptação à sociedade da informação.

Portanto, generalizando o que Hobbs (2010) define como “cidadania digital”, seria a capacidade de diferenciar e avaliar as informações a que estamos expostos por meio das TIC, e a partir dessa análise essencial para tomar decisões e se posicionar com base nessas informações.

Neste ponto temos que destacar a formação do professor que tem que está adequado a esta nova realidade de uma sociedade conectada e em constante troca de conhecimento e informações que também pode ser aprimorado e transformado em conhecimento, para diagnosticar esta nova realidade o professor tem que se apropriar do uso e compressão como os alunos se utilizam da mesma em suas redes e ‘blogs’ para interagir na rede social seja como influenciador, Youtuber ou apenas socialmente, mas sobretudo que o mesmo pode utilizar estas ferramentas na divulgação de informações.

Estamos praticamente vivendo na sociedade do conhecimento onde os processos de aquisição do conhecimento assumem um papel de destaque exigindo um profissional crítico, criativo, reflexivo e com capacidade de pensar, de aprender a aprender, de trabalhar em grupo e de se conhecer como indivíduo. Cabe à educação formar esse profissional. No entanto, a educação capaz de formar esse profissional não pode mais ser baseada na instrução que o professor transmite ao aluno, mas, na construção do conhecimento pelo aluno e no desenvolvimento dessas novas competências. (VALENTE. 2001, p. 01)

No Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho os alunos utilizam as ferramentas digitais tanto para o lazer como para o aprendizado e este desenvolvimento vem sendo efetuado desde o período de incremento da internet no colégio quando foi possível a utilização dos smartphones e de outros aparelhos que possibilitam a conexão dos alunos a web. Vemos que a utilização de ferramentas digitais possibilita uma maior interação entre os alunos e os conteúdos, sendo isto possível por meio da orientação para a utilização adequadamente das ferramentas que possibilitam a interação entre aluno e conhecimento, a produção de conhecimento por parte do aluno tem como ponto de partida a iniciativa do professor em desenvolver no mesmo uma cultura digital de aprendizado por intermédio do manuseio das múltiplas plataformas digitais disponibilizadas na web 3.0.

O aluno torna-se participante da ação educativa. Com o professor, atua e se envolve num processo de discussão coletiva para buscar a produção do conhecimento. Ele é sujeito ativo, sério e criativo. Apresenta-se como sujeito crítico no ato do conhecimento, atua como corresponsável dinâmico e participativo do processo. Confia em si mesmo e vivência a relação que tem com o professor e seus colegas. A liberdade de expressão, a conscientização e a participação efetiva tornam os alunos corresponsáveis pela sua aprendizagem (Behrens, 2000, p. 82).

No caso dos colégios Estaduais da Bahia o grande problema está localizada em sua infraestrutura, já que os colégios enfrentam problemas de infraestrutura como a fiação precária e dificuldades também na adaptação do sistema de Internet a sua estrutura física, esses problemas acarretam dificuldades para que o aluno tem acesso à internet e dificulta a utilização das ferramentas em virtude das precárias condições de conectividade na escola e, em simultâneo, dificulta o acesso à prática do aluno com os diferentes mecanismos de acesso digital.

Pierre Lévy (1998) fala sobre a tecnologia intelectual, confirmando que a informática e seus utensílios e linguagens afetam o modo como percebemos os objetos, são interfaces de nossas ações e mediam nossas interações com o mundo. Com a mediação digital, os modos de expectativa e a cultura são mudados de modo que a direção e o controle dos instrumentos não dependem mais do abarcamento do corpo e sim do ajustamento de símbolos. A entrada até as coisas descobre cada vez mais pelo computador e seus programas, no levando a ingressar em notícias configurações sociais (Lévy 1998, pág. 27).

O trabalho com os alunos vem sendo realizado de forma bastante satisfatória no colégio de realização da pesquisa-ação. As atividades envolvem as turmas do 2º, 3º anos na disciplina de sociologia, onde os docentes vêm aplicando as ferramentas digitais como o Google sala de aula e também o Google formulários. Os estudantes vêm demonstrando bastante interatividade com essas duas ferramentas até pelo período pandêmico em que eles assimilaram muito bem o funcionamento desses meios digitais para a utilização não apenas na escola, mas para outros fatores como conversas em grupos e até a necessidade para algumas atividades econômicas que os mesmos exercem.

Esta mudança na visão dos alunos acontece também como a visão de mudança geral da comunidade escolar, que também vê agora nos instrumentos da internet uma potencialidade muito maior de interação no presente com a sociedade atual. Outro ponto de destaque na questão da aplicação das Ferramentas digitais tem sido a maior participação dos grupos de alunos nas

redes sociais, o que impulsiona a comunicação e a orientação entre professor e aluno. Em simultâneo, vemos uma maior busca por informações sobre como utilizar estes mecanismos para tanto lazer como o aprendizado.

Durante esse processo, podemos advertir-se a inclusão digital redefinindo o processo de lecionar e aprender e o controle na forma de educar. São novos meios de acesso à bagagem. Sob esta forma tecnológica são forjadas as intenções. De acordo com Bairral (2018) “a história da benevolência é continuamente impregnada e remodelada pela criação, utilização, apropriação e reconfiguração de tecnologias. Continuamente criamos tecnologias, e elas, sinergicamente, nos redimensionam” (BAIRRAL 2018, pág. 81)

A cidade de Almadina por se tratar de um pequeno município, observamos que a utilização dos meios digitais tanto na comunicação como na vida social dos alunos teve uma amplitude muito maior após o advento da covid-19 e também observamos uma maior digitalização da sociedade influenciando diretamente na escola.

É possível afirmar que a digitalização da sociedade passa pelo processo de aglutinação já que o advento do covid-19, acelerou o processo que também afeta o ambiente escolar que está muitas vezes atrás dos acontecimentos da sociedade. A sociedade mais ampla se mostra muito mais dinâmica do que a escola e esse talvez seja um dos grandes problemas do ambiente escolar, pesando também o desinteresse de muitos alunos em estar nos Bancos escolares – já que a escola fica totalmente à margem do que está acontecendo na comunidade.

Sendo assim, é de grande importância que essa transformação que aconteça fora dos muros das escolas, seja absorvida pela mesma e aproveitada para potencializar o aprendizado educacional desses alunos que garantidamente estão entre secamente ligado a cultura local e ao mercado de trabalho que apresenta mudanças constantes muito mais rápidas do que o que a educação consegue responder.

O potencial das redes sociais para a educação torna-se relevante desde o momento que vemos a interação que os alunos possuem e a qual utilização destes mecanismos para comunicação e para a produção de material destinado à propaganda e divulgação das suas realizações, sejam elas da vida pessoal, profissional, ou mesmo do processo de educação escolar. Este potencial tem tudo para se tornar um grande mecanismo de propagação cultural como educacional, para tanto, precisamos estabelecer uma relação entre estes novos meios de comunicação e a educação formal que por muito tempo ficou presa apenas aos muros escolares.

A mudança da luta do sistema de apreciação da educação remota tem fundamentação nas discussões de várias possibilidades, tanto de autoria quanto de desenvolvimento de novas abordagens na educação que transforma a sociedade para mesma refletir o momento atual em que vivemos, em que a educação mais do que nunca é colaborativa e processual.

Mesmo escolas de pequeno porte como na cidade de Almadina apresentam um envolvimento dos estudantes com a questão de tecnologia na escola, principalmente após o advento da covid-19 os estudantes foram obrigados a utilizar as ferramentas digitais para o processo educacional, observamos a partir daí uma mudança cultural nesses alunos em relação à utilização desses instrumentos, mas apesar do enfoque Educacional o que predomina ainda é a utilização dos ‘smartphones’ para o uso em redes sociais mas também para pesquisa e para a informação.

A informação é buscada muitas vezes como conhecimento para ser utilizada no dia a dia em momentos do qual o estudante já não busca mais o livro, mas a informação disponível na internet realizada de maneira descentralizada ser efetuada e ao qual está acessível a qualquer momento ao estudante não necessariamente o mesmo preciso estar em uma escola para ter acesso a essas informações, mas a informação agora está em qualquer local na escola em casa ou em qualquer local no qual este estudante tenha acesso a uma rede wifi que conecte o mesmo com a rede.

Escolas não conectadas são escolas incompletas (mesmo quando didaticamente avançadas). Alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual: do acesso à informação variada e disponível *on-line*, da pesquisa rápida em bases de dados, bibliotecas digitais, portais educacionais; da participação em comunidades de interesse, nos debates e publicações *on-line*, enfim, da variada oferta de serviços digitais (MORAN, 2007, pág. 8)

Todo esse material disponível nas redes pode ser hoje acessado pelos alunos e utilizado pelo professor, tendo o mesmo uma didática adequada ao uso de materiais em rede. Ou seja, ocorre uma mudança de didática essencial na forma de se aplicar as aulas no momento em que o estudante não utilizou apenas o caderno e o quadro. Mas o professor será também um orientador destes alunos na busca deste conhecimento disperso em várias bibliotecas digitais, aplicativos educacionais e várias outras ferramentas que podem ser utilizadas para uma maior

ampliação do conhecimento desses alunos, associando a educação formal, o conhecimento cultural e o mercado de trabalho.

Uma grande mudança esperada da educação é a sua aceleração das transformações provocadas na sociedade visto que muitas vezes a escola se encontra distante da sociedade a qual representa e este distanciamento provoca na escola desestímulos e o abandono do aluno que se sente desmotivado e despreparado para o mundo que a espera fora dos muros da escola.

Do mais básico ao mais elaborado, três princípios orientaram o crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. (p.127) A interconexão para a interatividade é supostamente boa, quaisquer que sejam os terminais, os indivíduos, os lugares e momentos que ela coloca em contato. As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades sejam lúdicas, econômicas ou intelectuais, quer seus centros de interesse sejam sérios, frívolos ou escandalosos. A inteligência coletiva, enfim, seria o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos a priori em direção a quais resultados tendem as organizações que colocam em sinergia seus recursos intelectuais. Em resumo, o programa da cibercultura é o universal sem totalidade. (1999, pág.132)

A cibercultura provocou uma transformação da sociedade, considerando que hoje vemos que a cultura digital faz parte do dia a dia tanto das comunidades como da escola. Ambas têm nas ferramentas um elemento de dinamismo e transformação nos meios de comunicação, nos relacionamentos e nos negócios. Então quando falamos em educação digital falamos em uma educação inclusiva e ampla e abrangente não só na escola, mas também na sociedade ao qual o aluno está inserido e no qual a escola está preparando o mesmo para se desenvolver no contexto dessa sociedade ao qual ele faz parte.

Na escola podemos ver o potencial que as ferramentas digitais têm como mecanismo de dinamismo e instrumentalização da educação, visto que os alunos já trazem de casa essa cultura digital utilizada nas redes sociais e aplicativos de compras que cada vez mais faz parte do cotidiano. Observamos assim um potencial muito grande na educação para o desenvolvimento e para o letramento dos alunos por meio das ferramentas web 3.0. O potencial de socialização das ferramentas digitais, é visualizado na escola em que hoje existe uma maior interação entre os alunos de forma ou por meios digitais.

Considerando que o acesso às ferramentas digitais proporciona uma maior difusão do conhecimento e uma maior abrangência e horizontalidade do conhecimento, é de fundamental importância a orientação dos professores para a sua utilização adequada.

1.2. A Pandemia e a Sala de Aula

A pandemia do covid-19 alterou a forma na qual a educação é trabalhada, que passou apenas dos muros das escolas para todos os lugares, desde a casa do estudante até áreas públicas. A educação mostrou-se um processo dinâmico e que pode ser realizado de várias formas, tanto presencial como de forma online. Para um melhor aproveitamento deste potencial é importante atentar para uma maximização da infraestrutura brasileira. Algumas dificuldades precisam ser sanadas para que as escolas possam trabalhar esses modelos diferentes de educação que influenciam fortemente a sociedade do século XXI.

Demonstrando essa transformação podemos citar o avanço que ocorreu após o período de pandemia nos vários processos de ensino e aprendizagem remotamente. O que antes era tido como apenas o setor da educação agora abrange quase toda a educação básica e a educação superior, exigindo dos diferentes níveis educacionais uma adaptação para poder acompanhar as transformações provocadas por esse modelo tecnológico que se impõe à educação brasileira.

Em um ambiente escolar, o processo de ensino e aprendizagem precisa contextualizar o que os professores dizem com base cotidiana dos adolescentes para facilitar a educação significativa. Dar sentido é essencial na aprendizagem e pode tornar os procedimentos de ensino mais eficazes, visando criar condições para o debate e o desenvolvimento crítico dos jovens que se reconhecerão como parte desta sociedade. Segundo Dayrell (2007), “é uma construção no jeito certo de jovem” (pág. 1113).

A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo na educação, resultando em mudanças e transformações radicais no cotidiano de professores e alunos. Aqui estão alguns dos principais ajustes e transformações:

Antes da COVID-19:

- A maioria das aulas eram realizadas presencialmente, com algum uso limitado de tecnologias digitais para complementar a aprendizagem.
- A interatividade era principalmente restrita a sala de aula, com professores e alunos se comunicando diretamente uns com os outros.

Depois da COVID-19:

- A maioria das aulas passou a ser realizada online devido ao fechamento das escolas e universidades.
- A interatividade se expandiu para além da sala de aula, com professores e alunos se comunicando de forma remota através de plataformas digitais.
- O uso de tecnologias digitais tornou-se mais amplo e abrangente, com professores e alunos usando aplicativos e plataformas para complementar a aprendizagem.

A mudança para a educação digital trouxe desafios e oportunidades. Por um lado, a falta de contato pessoal pode levar a uma sensação de isolamento e falta de conexão entre professores e alunos. Por outro lado, a educação digital permitiu aos professores alcançarem um número maior de alunos de forma mais eficiente e acessível, e permitiu aos alunos aprender de forma mais flexível, adaptável e autônoma.

Experimentar a juventude do século XXI significa viver com tecnologia digital de informação e comunicação (TDIC)⁴. Telefones celulares, computadores, conexão com a Internet, mídias sociais, comunicação global, essas tecnologias estão se tornando cada vez mais frequentes em nosso dia a dia, como o uso de aplicativos de compras online, agendamento de consultas médicas ou sites de vacinação, teleconferências, aulas remotas.

Devido às circunstâncias da pandemia e à necessidade de um período de distanciamento social para conter o desenvolvimento da COVID-19, a tecnologia digital tornou-se uma das principais aliadas neste desafio. A partir daí, os indivíduos foram levados, de certa forma, a passar por um momento de aumento significativo no desempenho de nossas atividades diárias.

Novos formatos e ferramentas tecnológicas, bem como sua ressignificação e adaptação agora, como ambientes para realização de reuniões online. No que diz respeito à educação, mais especificamente no que diz respeito ao uso de ambientes digitais online, temos como se tornou essencial poder retomar e continuar, na medida de atividades que foram abruptamente interrompidas. Jovens que antes estavam imersos no uso digital, principalmente para atividades de lazer, como aplicativos de interação social como redes sociais e jogos online, tiveram durante a pandemia como único espaço de socialização e meios de acesso às crianças em idade escolar. Por isso, com o auxílio de diversas tecnologias de informação e comunicação — TIC, iniciam-se as aulas online. Para Wunsch, Turchielo e Brochet (2012), o crescimento dramático

⁴ TDIC é a sigla para Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. O termo se refere a um conjunto de ferramentas e recursos tecnológicos que permitem a produção, o armazenamento, o processamento e a transmissão de informações de forma digital. As TDIC englobam desde softwares e aplicativos até dispositivos eletrônicos, como computadores, tablets, smartphones e outros equipamentos.

dessas tecnologias no ensino superior requer programas e ações de formação de professores. Isso devido ao fato de o professor ser o facilitador dessa transformação, pois seu papel é estimular os alunos a mudar a forma de pensar e refletir para se tornarem sujeitos do processo de aprendizagem” (MASETTO, 2003, p. 32). Azevedo (2006), acrescenta que esse crescimento permite maior interação entre professores e alunos.

Além dessas tecnologias, a comunicação é outro processo que pode acontecer de forma síncrona, ou seja, alunos e professores se conectam simultaneamente por chat e webconferência. Em outro caso, pode ser assíncrona, o que ocorre quando alunos e professores não estão conectados em simultâneo, e o conteúdo pode ser acessado por ferramentas como fóruns, repositórios, salas de aula virtuais, videoaulas e muito mais. Graças a essas formas de comunicação, mais alunos podem ser alcançados e em diferentes locais. Segundo Maia e Mattar (2007, p. 6), a educação a distância é um método de ensino em que professores e alunos são separados, planejado pelas instituições e utilizando diferentes tecnologias de comunicação”.

Apesar desse cenário de inserção das TIC e uso de métodos ativos, é importante notar que existem dificuldades inerentes à interação online, pois um segmento da população ainda carece de acesso à internet e a dispositivos tecnológicos (laptops, desktops). Isto torna as atividades em tempo real e reuniões virtuais entre alunos e professores são difíceis. Para isso, as universidades precisam desenvolver soluções para integrar esses alunos através de ações sociais para facilitar esse acesso. Um exemplo é o que foi feito na Universidade Federal do Ceará, na qual foram distribuídos chips de conectividade para alunos que não possuem acesso em suas residências.

Não há um autor específico que seja amplamente reconhecido por escrever sobre inclusão digital no início do século XX. No entanto, a discussão sobre a inclusão digital começou a ganhar força a partir dos anos 90, com o advento da internet e o aumento da popularidade de dispositivos eletrônicos.

Alguns dos primeiros teóricos da inclusão digital incluem Howard Rheingold, que escreveu o livro "The Virtual Community" em 1993, e John Perry Barlow, que escreveu a Declaração de Independência da Cyberspace em 1996. Esses autores foram os primeiros a destacar a importância da inclusão digital e a explorar as implicações sociais, políticas e culturais da tecnologia da informação e da comunicação.

"The Virtual Community" é um livro escrito por Howard Rheingold em 1993 que explora as implicações sociais da internet e dos primeiros ambientes de comunidade online. O

livro se concentra na forma como as pessoas se relacionam e se comunicam na internet e como essas interações podem afetar a sociedade e a cultura.

É possível afirmar que a educação digital já existia e existe nas escolas, mas falta a utilização de metodologias adequadas para o seu desenvolvimento e aplicação em sala de aula. A maioria dos professores “imigrantes digitais” que se inseriram no mundo da tecnologia, têm uma forma de ensinar que nem sempre está em sintonia com o modo como os nativos aprendem melhor, ou, pelo menos, que lhes desperta maior interesse. (BACICH, 2015, p.31).

Além de utilizar diversos recursos, muitos professores também enfrentam dificuldades de acesso e, em muitas famílias, não têm outra opção a não ser usar um celular com aplicativo de mensagens instantâneas. A gestão de recursos pelos educadores, em que professores e alunos podem trabalhar juntos para trocar informações produtivamente, é fundamental para que esse processo ocorra.

A criatividade dos professores brasileiros em se adaptar às novas realidades é indescritível na criação de recursos midiáticos: criar videoaulas que permitem aos alunos acessar os conteúdos fora do curso de forma assíncrona por videoconferência e realizar atividades síncronas como fariam em uma sala de aula. Não se trata aqui de utilizar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno (LÉVY, 2005, p. 172).

O que ficou demonstrado no início da pandemia foi justamente que muitos professores tiveram dificuldades em utilizar as ferramentas – por falta de treinamento adequado ou por simplesmente estarem migrando de um mundo analógico para o digital naquele momento. Esta mudança levou ao desgaste muito grande de ordem emocional e social dos professores, já que os mesmos tinham que trabalhar muitas vezes mais para poderem dominar as ferramentas e, em simultâneo, promover aulas que estejam se tornando o que fosse atraente para que os mesmos pudessem assistir e ter um aprendizado realmente significativo.

Este período de adaptação levou algum tempo e dificultou muito o desenvolvimento da Educação no período de distanciamento, sobretudo por redes como a do Estado da Bahia não oferecer treinamento nem ferramentas digitais para que os professores pudessem desenvolver suas aulas e aplicar com os alunos, o que dificultou muito e prejudica sobretudo os alunos. Neste período de parada dos colégios em que os mesmos ficaram longos tempos sem assistir aulas parados e o quê teve um peso no problema do aprendizado que dificultou os alunos no

seu retorno à sala de aula, mostrando que este período causou uma lacuna muito grande no desenvolvimento do seu conhecimento.

Podemos visualizar em sala de aula uma lacuna muito grande dos alunos que chegam ao ensino médio em virtude das dificuldades enfrentadas pelo ensino durante o período que as escolas ficaram fechadas, afetando o aprendizado dos alunos e acentuando as dificuldades já enfrentadas pelo sistema de ensino brasileiro.

O uso de tecnologias baseadas em abordagens ativas pode facilitar o processo de ensino de forma mais efetiva e autônoma, focando em todos os aspectos do desenvolvimento humano e focando nas realidades de nossas vidas. Os estilos de ensino da maioria dos professores imigrantes digitais que entram no mundo da tecnologia nem sempre se alinham com as melhores maneiras de aprender para os locais, ou pelo menos não geram maior interesse neles. (BACICH, 2015, p. 31).

Os métodos usados se aplicam ao uso ativo da tecnologia e ao gerenciamento de recursos de mídia amigáveis ao aluno que podem ser inseridos em sala de aula, bem como a linguagem usada para comunicação remota. Segundo Quintas Mendes (2010) e outros autores, a comunicação à distância mediada por meios tecnológicos, ao contrário do pensamento anterior, pode: “(...) apresentar uma coloração socioemocional muito forte, em muitos aspectos não inferiores à comunicação face-a-face, sendo bastante favorável à criação de comunidades de aprendizagens com relações sociais fortes e desempenhos de tarefa comparáveis à comunicação presencial. (MENDES, 2010, p. 258)”

A gestão dos recursos pelos educadores, onde professores e alunos podem trabalhar juntos para trocar informações produtivamente, é fundamental para que esse processo ocorra. A criatividade dos professores brasileiros em se adaptar à nova realidade é indescritível no que se trata da criação de recursos midiáticos: criação de vídeo aulas para que os alunos possam acessar de forma assíncrona além das aulas através de videoconferência para a execução de atividades síncronas como em sala de aula.

Uma revolução educacional sobre o quanto a tecnologia tem se mostrado eficiente e o quanto as pessoas precisam estar aptas a esse avanço tecnológico. Este não é o uso da tecnologia a qualquer custo, mas é acompanhado por uma mudança consciente e consciente na civilização que questiona profundamente a forma institucional, a mentalidade e a cultura do sistema educacional tradicional, especialmente os papéis de professores e alunos. (LÉVY, 2005, pág. 172).

Os professores com pouca ou nenhuma exposição à tecnologia têm a necessidade de começar a planejar aulas mediadas por tela com seu coordenador instrucional enquanto descobrem como as ferramentas de tecnologia funcionam. Com as aulas online, surgiram novos desafios não comumente vistos em reuniões presenciais, como problemas de conectividade e engajamento remoto dos alunos.

As inseguranças que se desenvolvem entre os professores podem ser divididas em várias etapas. O foco dos professores em questões mais tecnológicas, como ensinar online, gravar vídeos e como os alunos podem acessar materiais sem tecnologia em casa, aumentou as preocupações com o envolvimento dos alunos.

Com relação à educação, no que tange ao uso de ambientes digitais online, vimos o quanto se tornou indispensável utilizá-los para podermos retomar e produzir continuidade, dentro do possível, às atividades interrompidas de maneira abrupta. Os jovens que antes se encontravam imersos no uso das tecnologias digitais, essencialmente para atividades de lazer, como as redes sociais e jogos online, durante a pandemia, tiveram as telas como um incomparável distanciamento (virtual) da socialização e meio para o acesso às atividades escolares.

Aulas online, de aparência híbrida, encontros atravessadamente de aplicativos de sarau online, começaram a perfazer pedaço do seu dia e o âmbito coletivo da seita foi ressignificado. Portanto, esteve desdobrado com a distância residencial, tanto para alunos quanto para professores e gestores escolares. A acomodação a esse novo forma de recíproca é aprendizagem habilidade a intervalo proporcionaram um capaz impelido na vida desses sujeitos. Muitos tiveram dificuldades iniciais, porém, com o passar do tempo, foram se adaptando interiormente aos seus limites estruturais. Ressaltamos quão alguns problemas foram enfrentados, essencialmente pelos alunos da rede pública, no que se refere a aquisição de equipamentos tecnológicos, entrada na internet, diversidade e espaços adequados para a aprendizagem, problemas que não podem ser esquecidos ou minimizados.

Os desafios dessa nova etapa de apropriação atingiram a todos que pertenciam à comunidade escolar. Para os professores, os principais desafios a serem enfrentados seriam de como viabilizar aulas no talhe remoto de aparência seguro para um grupo muitas vezes sem entrada acertado à internet, afora de alvíssaras meios de quão virar a situação do déficit de assimilação com o afastamento social, sobretudo para alunos dos anos iniciais. Outra apreensão era a de várias medidas para prevenir ou subestimar a desenvolvimento das tecnologias em ambientes com infraestrutura deficiente. Para Saviani Galvão (2020), a novas formas de

aprendizagens da geração de nativos digitais. A palavra empregada por admissão da docência remota dependia fundamentalmente do serviço de certas condições primárias, entre as quais a entrada aos recursos tecnológicos (equipamentos, internet, treinamento, etc.), o que infelizmente não ocorreu.

Muitos estudantes não tiveram condições de tomar as aulas de aparência remota condigno a erro dos equipamentos tecnológicos e/ou entrada a internet de qualidade. Os que tinham entrada precisavam se preparar para a forma de uso desses equipamentos para a educação, pois antes, em geral, eram utilizados quanto aparência de comunhão e entretenimento.

Vale ressaltar que o ensino remoto emergencial não se limita às plataformas que permitem aulas por videoconferência, nem se limita às salas de aula virtuais para fins de armazenamento de conteúdo. Diante das mudanças trazidas pela crise do coronavírus, os professores devem compreender seu papel no (re)planejamento e adequação de suas práticas educativas para buscar possibilidades de diversificação da experiência de aprendizagem por meio de aulas virtuais.

É importante compreender que as TDIC fazem parte do cotidiano da sociedade fora da escola, portanto, fazem parte da vida estudantil. Como tal, a tecnologia pode ser uma aliada vital na educação, transformando como os professores ensinam e como os alunos aprendem, fazendo a ponte entre professores e alunos, proporcionando um processo de ensino e aprendizagem.

Os professores com pouca ou nenhuma exposição à tecnologia precisam começar a planejar aulas mediadas por tela com seu coordenador instrucional enquanto descobrem como as ferramentas de tecnologia funcionam. Com as aulas online, surgiram novos desafios não comumente vistos em reuniões presenciais, como problemas de conectividade e engajamento remoto dos alunos. As inseguranças que se desenvolvem entre os professores podem ser divididas em várias etapas. O foco dos professores em questões mais tecnológicas, como ensinar online, gravar vídeos e como os alunos podem acessar materiais sem tecnologia em casa, aumentou as preocupações com o envolvimento dos alunos. Por outro lado, muitos professores se destacam no desenvolvimento de suas atividades e tornam-se parceiros e inspirações para a atuação e criatividade de outros educadores na criação de recursos audiovisuais instrucionais em EAD. Para os estudantes, o sistema e professores devem andar preparados para absorver as

Prensky (2001 apud COELHO, 2012) para comunicar dessa confiança das crianças, que

vivenciam o universo digital desde seu nascimento, com as diversas formas de tecnologias, possuindo largo relevo na ampliação das competências e habilidades na consolidação de vários trabalhos em simultâneo. Essas tecnologias digitais estão naturalizadas no seu cotidiano, pois fazem parte do seu momento. Por outro lado, a aposta aqui é juntar conteúdos escolares às tecnologias digitais para melhor aconchegar a forma presente do ensino-fixação. São imprescindíveis para se apossar dos resultados satisfatórios na ampliação das competências e habilidades dos alunos. Para dilatar a fixação desse jovem conectado, o professor deverá se adaptar ao meio tecnológico, buscando para sala de aula, situações a serem trabalhadas para se integrar com a realidade deles. Ocorre que o tratamento de tecnologias, seu aprendizado, depende da aparência quanto é ensinado e aprendido. Trata-se de uma arte cognitiva e quanto tal precisa ser desenvolvida.

O jovem que nasceu depois dos anos 2000 experimentou um acolhimento mesmo aí novo aos artefatos da idade digital: computadores e outros periféricos, celulares, games, dentre outros. Porém, a entrada não implicou em diferentes, educação de se engrenar da notícia viabilizado pelas novas tecnologias, visto que seu tratamento, geralmente, era terminado de jeito repetitivo, automatizado e, na maioria das vezes, recreativo. A pandemia mostrou faltar aos estudantes as habilidades digitais básicas para preencher atividades de estudo. Mostrou que falta aos estudantes e professores a abordagem de tratamento das TDIC, em suas diferentes interfaces.

Segundo a pesquisa no terceiro lançamento do painel TIC Covid-19 do Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br.), divulgada em novembro de 2021, constatou que 54% dos estudantes entrevistados (maiores de 16 anos das classes DE) efetuaram prática do celular como método principal durante as aulas remotas. Mesmo assim, as dificuldades enfrentadas nesse período foram destacadas no que se refere a entrada dessas ferramentas, prejudicando uma parte desse grupo específico. Além disso, a consulta constatou também que 35% tiveram o acolhimento incerto ou inexistente da internet, prejudicando a ligação desses alunos com a doutrina em geral. Outra insatisfação apontada na consulta foi com aproximação às dificuldades para tirarem dúvidas sobre os conteúdos abordados nas aulas, as limitações da comunicação com o professor afetaram aproximadamente 38% desses.

Na consulta também podemos ter acesso aos dados sobre o progresso da fuga, matraquear cabido a outros fatores respectivos com a forte desequilíbrio financeiro das famílias, precisaram abandonar a escola para arrumar algum emprego e socorrer na complementação da dotação orçamentária da casa, neste instante que o grau de desemprego teve um espaço impelido

negativo, e nos trabalhos familiares.

Portanto, desenvolver trabalhos utilizando ferramentas tecnológicas para animar o sentido sociológico de figura interdisciplinar pode perfazer pedaço do presente no ensino-assimilação dos jovens no ensino médio. Despertar a aceção complexa da associação e criar estímulos para isso cômico desse curso e sobre conteúdos com cópia do sentido barato ajudará transversalmente do tratamento da fantasia sociológica na desnaturação dos fenômenos sociais.

O uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber. Ao prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais com suporte digital redefinem seu alcance, seu significado, e algumas vezes até mesmo sua natureza. As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas como nas escolas. Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transação de conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno. (LÉVY, 1999, pág. 172)

Segundo a visão do autor temos aí o potencial coletivo dos mecanismos digitais no trabalho no aprendizado em sala de aula, dado que esse potencial ele pode ser melhor explorado quando tem ferramentas que podem dimensionar a utilização da informação de uma forma muito mais linear e compartilhada e se esta forma de Educar que hoje na sociedade atual tem um potencial muito grande quando vemos redes como o YouTube e o WhatsApp, que funcionam como ferramentas de trabalho de lazer de informação e de educação em simultâneo, ponto lembrando que durante a pandemia essas ferramentas foram extremamente utilizados assim como outras para possibilitar o ensino dos alunos e manter o aprendizado, é um período marcado pelo distanciamento entre a escola e o alunado, sobretudo no Brasil que teve um dos países dos períodos mais longos de fechamento nas suas escolas o que causou danos no aprendizado dos alunos com índices de aprendizado já deficitários sendo agravados durante esse período.

Quando pensamos hoje em internet, pensamos em um dos insumos mais utilizados no mundo atual e é de extrema importância em todas as áreas da vida humana, ela modificou processos, acelerou transformações, mudando todo o processo de produção mundial que hoje se torna muito mais interligado e sendo ser esse o processo que recebeu o nome de globalização

tem na tecnologia um dos principais fatores de sua difusão.

1.4. As Tecnologias Digitais na Escola

Antes da atividade de retratar a recontextualização ou as recontextualizações das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), é importante dimensionar a conjuntura educativa com as “suas” tecnologias. Talvez seja a aventura de dizer “as velhas”, no sentido daquelas que estão historicamente inscritas nos preparativos espaciais, nos processos e nos produtos. Como afirma Bernstein (1996, p. 234), “o que temos que explicar a importância dos sistemas educacionais, das práticas educacionais, não é quão diferente são, de uma sociedade para outra, mas sua avassaladora similaridade”.

Quando pensamos em tecnologia digital na escola logo pensamos nas dificuldades que as escolas enfrentam para poder entrar nesse mundo digital, uma das grandes dificuldades que observamos é a falta de infraestrutura das escolas as escolas públicas que sofrem com a dificuldade de acesso aos mecanismos digitais, seja pela falta de internet e a falta de equipamentos e a falta de material humano habilitado para o treinamento tanto dos alunos como os professores esta realidade enfrentada pela grande maioria das escolas públicas no Brasil e dificultando ainda mais a extensão de seu lado em um mundo de aprendizado digital o qual tem potencial para alavancar o ensino de forma que ele ganha o maior significado para o aluno constata na escola uma possibilidade de futuro para a transformação tanto de vidas como de realidades.

A Escola do Século XXI está muito distante ainda da maioria dos espaços escolares, no qual ainda vemos situações como falta de insumos básicos como o papel ofício, impressoras e outros insumos utilizados na escola para o seu funcionamento adequado em relação às ferramentas digitais é o grande problema realmente é adequação da estrutura escolar a esse novo formato de educação que veio pós-pandemia e que na escola enfrenta A grande barreira que é a utilização destas ferramentas como material pedagógico.

Um dos desafios do ensino remoto é que, em muitos casos, as escolas recebem materiais digitais para serem utilizados nas aulas, mas os professores não estão preparados para sua utilização. Isso pode levar a uma falta de eficiência e eficácia no ensino remoto, pois os professores podem não saber como utilizar esses materiais de maneira efetiva e interessante para os alunos. Além disso, essa falta de preparo dos professores pode prejudicar a qualidade

do ensino e limitar a capacidade dos alunos de aprender e desenvolver habilidades importantes. Portanto, é fundamental que as escolas forneçam treinamento e suporte aos professores para ajudá-los a se preparar para o ensino remoto e utilizar de maneira efetiva todos os recursos disponíveis.

Por parte dos professores que vê dificuldades por não ter as ferramentas adequadas para a utilização e a falta de internet na escola prejudica significativamente a utilização dessas ferramentas que se tornam inúteis no ambiente escolar sem a conexão com a internet. Com isto muitas dessas ferramentas ficam na escola paradas e qual delas se tornam obsoletas sem utilização e que a defasagem da tecnologia ela acontece pela mudança nos sistemas operacionais utilizados nessas máquinas e a falta de manutenção das mesmas acarretando a perda de muitos aparelhos que nunca foram utilizados para o aprendizado dos alunos é dinheiro público gasto inadequadamente e não aproveitados para alavancar o que realmente é necessário a educação.

Nesse contexto contemporâneo, é necessário destacar a existência e a diversidade de tecnologias digitais e computacionais que utilizam a Internet como meio de comunicação e informação na sociedade. Castells (1999) denominou esse cenário de "Sociedade da Informação" e Lévy (1999) o denominou "Cibercultura", um processo produtivo e rápido da diversidade das mídias, estruturado por temas contemporâneos e interfaces técnicas.

A Escola da Informação e a Ciberescola são conceitos relacionados à importância da educação em tecnologia e informação na atualidade. A Escola da Informação se refere à ideia de que a educação precisa se adequar à era da informação e da tecnologia, a fim de formar cidadãos críticos e capacitados a utilizar esses recursos de maneira consciente e eficaz. Já a Ciberescola se refere ao uso de tecnologias da informação e da comunicação (TICs) como ferramentas pedagógicas para melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem.

A Escola da Informação e a Ciberescola destacam a necessidade de que as escolas estejam preparadas para o uso dessas tecnologias, investindo em recursos e treinamento para professores e alunos. Além disso, esses conceitos destacam a importância de que a educação não se limite ao conhecimento técnico, mas inclua também a formação de valores e habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas, colaboração e criatividade.

Em resumo, a Escola da Informação e a Ciberescola são conceitos que reforçam a importância da educação tecnológica e da utilização de tecnologias na educação, mas também destacam a necessidade de que essas tecnologias sejam utilizadas de maneira consciente e eficaz para garantir a formação de cidadãos preparados para o mundo digital.

Estamos passando por uma revolução tecnológica da ciência e da informação,

marcada por avanços na tecnologia da informação, robótica, telecomunicações que se tornaram obsoletas no processo econômico, e, em geral, na indústria, na agricultura, e agora exigem a educação como uma atividade pedagógica requisitos e o processo de ensinando e aprendendo. Devido aos avanços tecnológicos, o multiculturalismo está intimamente relacionado à diversidade de culturas e idiomas que estão integrados (em um nicho) ao nossocotidiano.

No caso da educação básica, especialmente as escolas públicas, esse contexto não tem sido efetivamente alcançado. Enfrentamos a necessidade de renovação, reinvenção e autoconhecimento e, mais importante, a urgência associada a refletir sobre o que está acontecendo no mundo hoje e o que esses eventos significam, como nos orientamos e nos movemos. Pronto, tudo aconteceu! As condições de pandemia e distanciamento social suspenderam as aulas presenciais e exigiram decisões sobre como conduzir o ensino. Então, como as escolas e os professores estão lidando com essa situação e como eles estão respondendo?

Vale ressaltar que a forma utilizada pelas escolas e professores é a experimentação, tentativa e “tentativa e erro”. (os) professores não estão recebendo nenhuma orientação da Secretaria de Educação”; “Os professores encontram-se isolados e desconectados da orientação do sistema educacional e da tecnologia equipe”. No caso de Almadina, em um cenário social caótico, os professores compartilham ideias e práticas entre si em seus grupos de WhatsApp e divulgam conselhos, estabelecendo possíveis compartilhamentos de estratégias, recursos e procedimentos em toda a rede escolar, conforme descrito no relato de um professor, que usamos como ilustração.

Podemos destacar algumas ferramentas digitais que foram de grande importância durante o período de aulas emergenciais, o Google Classroom e o Google Meet pela sua possibilidade de facilitar a administração do tempo dos alunos e da regência da sala de aula em tempos diferenciados como em aulas online e gravadas como em manter atividades e notas dos

alunos, administrando assim a vida escolar e em simultâneo o contato para poder realizar feedback aos estudantes. Destacamos a importância das duas ferramentas nas linhas a seguir por sua maior utilidade no período de aulas online, assim como a sua relevância seja como mecanismo amplamente utilizado em meios estudantis, mercado de trabalho e na vida cotidiana. Ensino em tempos de distanciamento social causado pela pandemia de coronavírus, ensino remoto de emergência é um importante aliado para a escola. Em resposta às necessidades do período epidêmico, algumas instituições estabeleceram forças-tarefa para permitir que os professores conduzam o ensino em sala de aula em tempo real conforme o cronograma habitual dos cursos presenciais, e os alunos continuarão mantendo o vínculo e o compromisso da sala de aula no horário determinado

Um grande desafio para as escolas, e principalmente para os professores, é criar estratégias que possam manter os alunos conectados para minimizar a distância, respeitar os calendários escolares e, o mais importante, por meio de atividades voltadas para uma aprendizagem mais significativa.

Vale ressaltar que a perspectiva dos professores do ensino fundamental deve focar na mudança da imagem dos alunos e na diversidade da sala de aula para buscar a possibilidade de promoção. Novas formas de aprendizagem que integrem estratégias e práticas de ensino mediadas por tecnologia. Aplicativos educativos para tornar as atividades envolventes, divertidas e interativas para estimular o desenvolvimento de competências e habilidades. Nesse sentido, Marcondes e Ferrete (2020, pág., 212) enfatizam:

A educação mediada pelas tecnologias pode oferecer ao professor possibilidades de novas abordagens pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, projetos, propostas de ensino mediadas pelas TDIC, bem como a utilização de plataformas educacionais, podem contribuir para tornar a escola em um lugar que ofereça condições de promover o ensino visando à formação do indivíduo que seja capaz de analisar, compreender e intervir na realidade através da integração, articulação e cooperação entre professores, alunos e demais agentes envolvidos no contexto educacional.

Nesse caso, a partir do desenvolvimento de salas de aula virtuais, o uso das TDIC na educação é fundamental para realizar o ensino emergencial a distância. Uma possibilidade é usar a plataforma educacional G. Suite for Education, que oferece uma variedade de aplicativos que podem ser usados para melhorar o processo de ensino tanto para o ensino presencial quanto

para o ensino remoto emergencial.

Neste estudo de caso, é demonstrado o potencial oferecido pelo Google Classroom e Google Meet para facilitar o funcionamento diário das aulas virtuais e o processo de aprendizagem dos alunos durante o distanciamento social. Segundo (ALECRIM. 2014, pág. 1), o Google Classroom é

Uma plataforma *online* que concentra ferramentas do *Google* para auxiliar e promover atividades educacionais. A ideia visa permitir que escolas e universidades de todo o mundo possam utilizar o serviço para facilitar a comunicação entre alunos e professores, assim como estimular o interesse dos estudantes pelos assuntos propostos a partir de atividades *online*. [...] No *Classroom*, as ferramentas estão livres de anúncios publicitários, sendo complementadas por um ambiente focado em tarefas e comunicação entre os estudantes — há inclusive uma espécie de *chat* para esclarecimentos de dúvidas com professores.

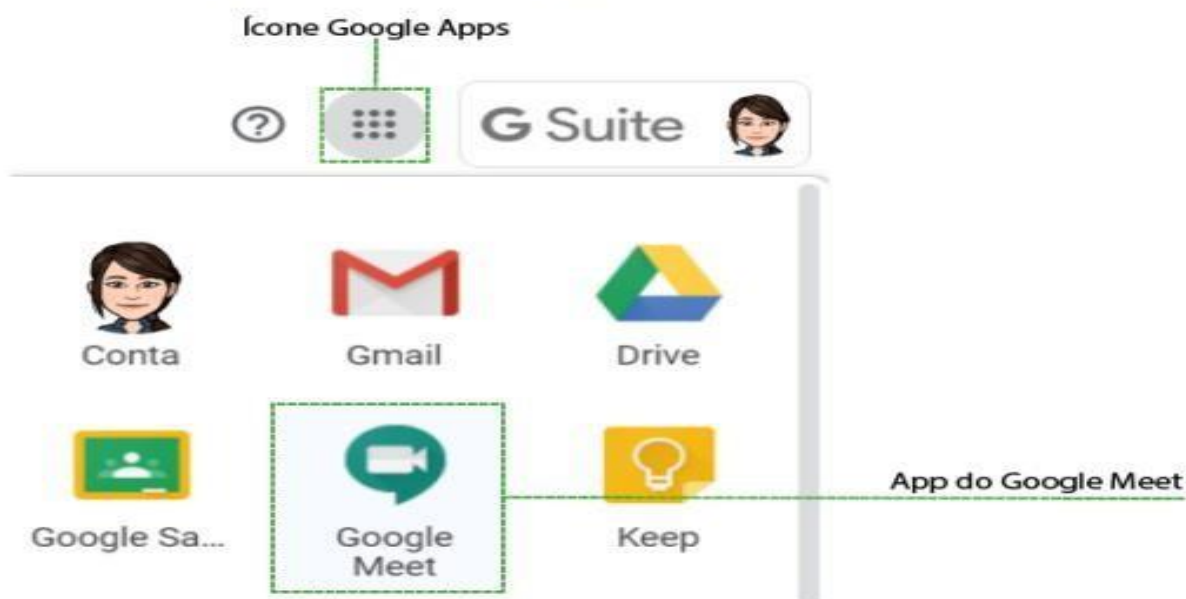
Utilizando aplicativos das plataformas citadas, os professores podem desenvolver atividades de forma síncrona ou assíncrona com diferentes abordagens de conteúdos envolvendo elementos visuais, auditivos e escritos, dando aos alunos a oportunidade de trocar experiências, buscar e se adequar informações e facilitar o ensino e a aprendizagem colaborativa no processo. À luz da exposição do Alecrim, e para entender melhor a aplicação do Google Classroom e Google Meet na educação, disponibilizamos as informações na Tabela

Tabela— 1. Funcionalidades e potencialidades do *Google Classroom* e *Google Meet* na educação

FUNCIONALIDADE	POTENCIALIDADE
Serviço gratuito para unidades de ensino e organizações sem fins lucrativos e para qualquer outro usuário que tenha uma conta <i>Gmail</i> .	Criação de turma, ambiente colaborativo e interativo entre estudante e professor de uma mesma disciplina ou não.
	Promover a colaboração e a criatividade por meio de atividades em grupo.
	Criação de tarefas e atividades com possibilidade de atribuição de notas e respostas em tempo real.
	Desenvolvimento de conteúdo colaborativo entre estudante e professor.
	Acesso irrestrito dos conteúdos desenvolvidos, por meio da internet.
	Estudante e professor conectam-se dentro e fora do ambiente da unidade de ensino.
	Economia de papel, uma vez que as atividades podem ser organizadas e elaboradas com os outros aplicativos do <i>Google</i> , por exemplo com <i>Google forms</i> , <i>Google docs</i> , <i>Google planilhas</i> , <i>Youtube</i> de forma digital, dentre outros.
	Inserção de diversos estudantes e professores em uma mesma turma através do código e compartilhamento.
	Mural para avisos, notícias, postagens de atividades, links, vídeos, etc.
	Elaboração de perguntas e tarefas em uma aba específica denominada de “atividade” para simplificar a busca das atividades pelos integrantes da turma.
Melhorias na comunicação entre os envolvidos em tempo real.	
Conectividade entre professor e aluno por meio de videoconferência.	

No computador, para acessar o *Google Meet*, logado em sua conta *Gmail*, acesse o menu dos aplicativos *Google*, conforme Figura 2.

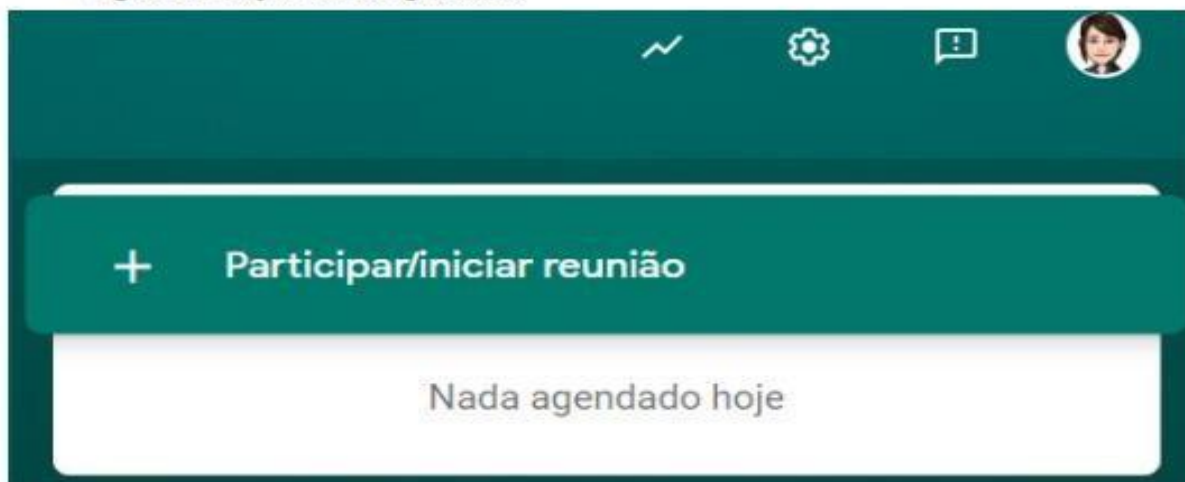
Figura 1. Interface da plataforma *G Suite for Education*.



Fonte — Próprio autor — 2022

Em seguida, para iniciar ou participar de uma reunião/aula *online* clique no botão, *vide*

Figura 2. Interface do *Google Meet*.

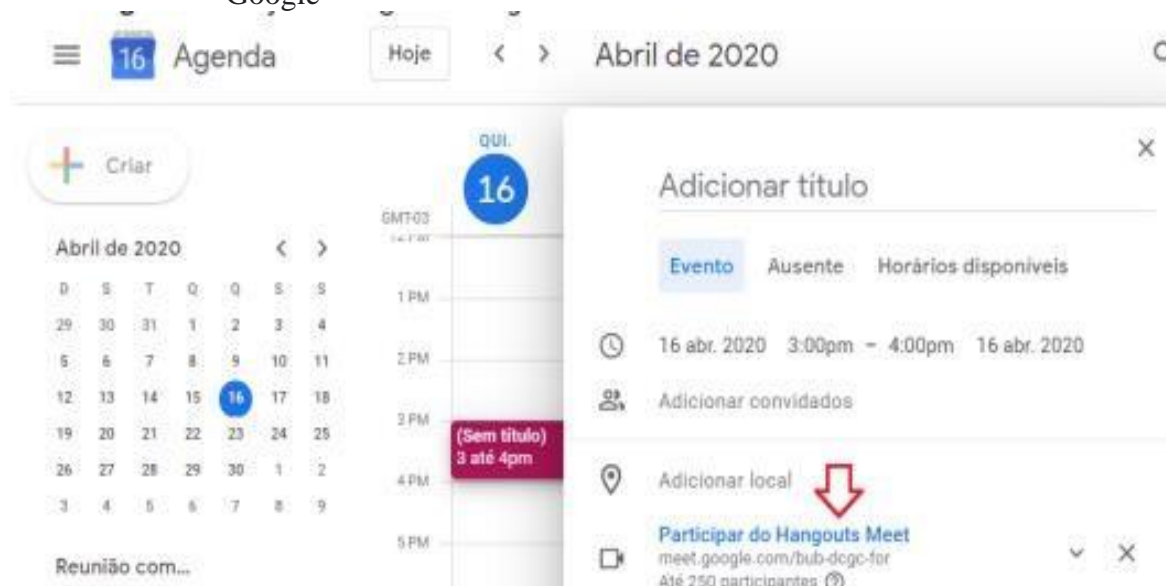


Fonte — próprio autor — 2022

Uma vez clicado, basta criar um nome para a turma e gerar um link que pode ser compartilhado no Google Classroom, por e-mail, ou até mesmo enviado pelo WhatsApp para disponibilizar o link para os alunos acessarem cursos online. Outra forma de iniciar uma aula no Google Meet é por meio do Google Agenda. Para agendar, basta selecionar uma data e horário para o curso online, depois adicionar usuários e reunião, todos os usuários convidados

receberão notificações por e-mail, como na figura abaixo:

Figura 4 - Interface da Agenda Google



Fonte — Próprio autor — 2022

Em decomposição às potencialidades acima listadas, observa-se quão o Google Classroom pode oportunizar aos professores e aos estudantes a produção de um âmbito de docência e aprendizado colaborativo e dinâmico, maiormente na altura quão as aulas aconteceram por médio da docência arredado emergencial.

Diante do exposto, nota-se a consideração e as contribuições quanto a inclusão das TDIC na educação, principalmente, por estar um fenômeno contemporâneo quão pode reforçar as práticas pedagógicas, enriquecendo a participação e promovendo diferentes, educação de docência e aprendizado. Partindo dessa perspectiva, Joly, Silva e Almeida (2012, p. 84) enfatizam quão as TDIC podem propiciar o aprendizado dos estudantes por serem “ferramentas versáteis e desafiadoras, pois vêm reforçar o trabalho do mestre e dos estudantes”. Assim, uma técnica de reforçar a docência é a utilização dos aplicativos educacionais, a intuito de graduar um âmbito educativo colaborativo e interativo entre docente e estudante.

Diante do exposto, nota-se a importância e as contribuições que a inclusão das TDIC tem permitido à educação, principalmente, por existir um potencial contemporâneo que pode ampliar as práticas pedagógicas, enriquecendo a participação e promovendo diferentes formas de ensino e assimilação. Partindo dessa perspectiva, Joly, Silva e Almeida (2012, p. 84)

ênfatizam que as TDIC podem propiciar a fixação dos estudantes por serem ferramentas versáteis e desafiadoras, pois vêm reforçar o trabalho do docente e dos estudantes”. Assim, um método de esforçar o ensino é a utilização dos aplicativos educacionais, a motivo de graduar uma atmosfera educativa colaborativa e interativa entre docente e estudante.

Ainda, segundo Masetto, Moran e Behrens (2000), a inclusão das tecnologias no comportamento propicia processos de assimilação, nos quais o prelecionado pode reivindicar a finalidade de avindor da participação, ao construir momentos de “instruir-se a instruir-se” por meio de diversas linguagens. E, vê-se no Google Classroom e no Google Meet a chance de se andar considerando as múltiplas linguagens a interiormente do curso de assimilação, oportunizando a permanência do curso educativo.

Para vencer os desafios de um momento de pandemia, é preciso se reinventar, pois professores e alunos ocupam espaços geográficos distintos devido à necessidade de distanciamento social, e a presença física das escolas impossibilita isso. Com a suspensão das atividades presenciais e o uso do ensino remoto emergencial, a internet possibilitou a conexão entre professores e alunos, que compartilham o mesmo espaço virtual, para que as aulas online possam ser sincronizadas via videoconferência.

Nesse sentido, como solução temporária, devido às circunstâncias da crise, para facilitar a vida dos professores e alunos, a empresa Google disponibilizou o Google Meet⁵, um aplicativo que permite marcar reunião/aulas online, disponível para as escolas que usam o pacote corporativo G Suíte for Education⁶. A versatilidade do aplicativo foi fundamental, pois permitiu o agendamento de aulas online de forma rápida, integrada e segura, durante a videoconferência, o aluno pode participar mandando perguntas pelo chat — o que facilitou a vida dos mais tímidos, ou simplesmente participar da aula pelo microfone. O professor pode fazer o compartilhamento de tela para apresentar slides, vídeos, fazer jogos online como

⁵ A videoconferência de nível empresarial está disponível para todos com o **Google Meet**. Qualquer pessoa com uma conta do **Google** pode criar uma reunião on-line com até 100 participantes e duração de até 60 minutos.

⁶ Trata-se da solução do Google para melhorar a comunicação e o aprendizado em sala de aula. Com ele, as novas tecnologias disponíveis e os serviços do Google são direcionados para as atividades didáticas e para o contato direto, em tempo integral, entre alunos e professores.

Kahoot⁷, Quizizz⁸, Mentimeter⁹ e outros, tornando a sala de aula virtual interativa e participativa.

As potencialidades as acima descritas tem propulsionado novas abordagens em sala de aula a partir do momento em que o docente consegue essa interação entre o ambiente virtual e falo nada, já que os alunos pouco utiliza essas ferramentas no seu dia a dia e o interesse do mesmo em relação a estas ferramentas é ligado mais ao ambiente escolar e a cobrança para que os alunos utilizam essas ferramentas para realizar as atividades propostas em sala de aula e para obtenção de notas, mas os mesmos não ver ainda essas ferramentas como instrumentos de potencial e aprendizagem e evolução, seja no ambiente de trabalho ou ambiente educacional, já que muitos ambientes hoje estão impregnados por essas novas tecnologias que já fazem parte do cotidiano de várias atividades realizadas tanto no ambiente escolar como ambiente social.

As funcionalidades das ferramentas digitais quando bem aproveitadas pode potencializar o ensino e ampliar o seu alcance, uma vez que as ferramentas digitais conseguem ultrapassar os Muros da Escola e a conduzir o processo educacional até um ambiente familiar Ou social do aluno, às vezes esse potencial têm um referencial no ambiente familiar ao todo o processo de aprendizagem decorrer da escola para a residência do aluno, o Google Classroom apresenta com a grande vantagem já que eu mesmo tem a função tanto de divulgar materiais com ferramentas de agenda e iniciação de aulas online o que favorece a instrumentalização da sala de aula e meio digital. Um grande desafio que se coloca junto com a implantação é a inserção na educação básica da reforma do ensino médio que foi instituída pela Lei nº 13.415/2017, tem sido um desafio para muitas redes escolares no Brasil. O objetivo dessa reforma é promover uma educação mais conectada às necessidades dos alunos e às demandas do mundo contemporâneo, mas a sua implementação tem enfrentado problemas em diferentes áreas.

Um dos maiores desafios é a capacitação dos professores, uma vez que o novo modelo de ensino exige uma nova metodologia e habilidades de ensino. Muitos professores não tiveram a formação necessária para lidar com as mudanças, e as escolas muitas vezes não têm os

⁷ O Kahoot! permite **criar, aplicar e partilhar** os resultados de questionários (Quiz ou Survey) em sala de aula ou como complemento ao trabalho realizado. A aplicação de questionários pode ter vários objetivos, que poderão, ou não, incluir algum tipo de competição.

⁸ É um software que permite usar e criar "Quizzes" para jogar em sala de aula ou como trabalho de casa. Cada pergunta tem duas ou mais opções de respostas.

⁹ É uma plataforma online que permite criar apresentações interativas... a audiência pode responder a vários tipos de pergunta, via smartphone. São várias as possibilidades de perguntas!

recursos necessários para oferecer essa capacitação. Outro problema é a falta de infraestrutura adequada para a implementação do Novo Ensino Médio. As escolas precisam de laboratórios, equipamentos de informática, bibliotecas, entre outros recursos, para garantir um ensino de qualidade. No entanto, muitas escolas ainda têm infraestrutura precária ou insuficiente para atender às necessidades dos alunos.

Além disso, a implementação do Novo Ensino Médio tem gerado muitas dúvidas e incertezas entre alunos e pais. A reforma prevê uma maior flexibilidade na escolha das disciplinas eletivas, o que pode gerar dúvidas sobre qual caminho seguir e quais são as opções disponíveis. Essa falta de clareza pode gerar frustração e desmotivação entre os alunos. Outro desafio é a falta de recursos financeiros para implementar as mudanças necessárias. A reforma exige investimentos significativos em infraestrutura, capacitação de professores e materiais didáticos, mas muitas escolas e redes de ensino não têm recursos suficientes para fazer esses investimentos.

Por fim, a falta de diálogo e participação da comunidade escolar na implementação do Novo Ensino Médio é um problema. É importante que alunos, pais, professores e gestores participem ativamente do processo de implementação, contribuindo com ideias e sugestões e acompanhando de perto as mudanças. Para superar esses desafios, é importante que as escolas e redes de ensino tenham um plano de implementação claro e bem estruturado, que envolva todos os atores da comunidade escolar. É fundamental também que sejam garantidos os recursos necessários para a implementação das mudanças e que sejam oferecidas capacitações para os professores.

Além disso, é importante que a reforma seja comunicada de forma clara e transparente para alunos e pais, para que eles entendam as mudanças e possam tomar decisões informadas. No dia 04 de abril de 2023 o governo por meio de portaria decretou a suspensão do ensino médio pelo prazo de 90 dias para debates e consultas sobre a implantação do mesmo para que associações de professores, estudantes e a sociedade civil possa ser consultado para que ao final desse prazo seja formulada uma decisão em conjunto sobre a implementação do mesmo.

2. CAPÍTULO - ENSINO DE SOCIOLOGIA E A LEI 10.639/2003 EM CIAMPA

A Sociologia, enquanto disciplina obrigatória, incluirá debates sobre a educação para as relações étnico-raciais, visando promover o pensamento crítico livre de preconceitos, tendo em vista que a disciplina tem compromisso com a formação humana e cidadã dos jovens.

Em relação à obrigatoriedade da Sociologia, convivemos em meio a disputas de espaço no currículo, que não oferecem possibilidades para que os estudantes se sintam representados no atual cenário educacional, visto que os estudantes carregam saberes que precisam ser legitimados, mas que, na prática, não são. Desta forma, a pesquisa de mestrado buscou estabelecer uma relação entre o estudo das relações étnico-raciais e as contribuições da Sociologia enquanto disciplina do Ensino Médio, visto que a sala de aula é um ambiente de inúmeras diferenças e os alunos afrodescendentes, por vezes, relatam que o conteúdo não é aprofundado em sala de aula, por isso a temática surge como demanda de investigação.

A Lei n.º 10.639/2003 é resultado de um longo processo de lutas e reivindicações do Movimento Negro no Brasil. A Lei foi sancionada em janeiro de 2003, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) n.º 9394 de 1996, nos incisos 26, 26 A e 79, tornando obrigatório o ensino de história e cultura africana no sistema de educação básica, especialmente nas disciplinas de história, literatura e educação artística.

Em sua busca por compreender a realidade social, a sociologia tem sofrido inúmeros ataques, tanto como ciência quanto como disciplina do ensino médio. Ao apresentar uma análise crítica da sociedade e suas desigualdades, as humanidades ajudam a combater ideias gestos conservadores e reacionários que ignoram a diversidade e as diversas perspectivas. Ao analisar a construção histórica da disciplina e da própria sociologia brasileira, constatamos que elas têm sido utilizadas para reproduzir ou manter as ideias dominantes na sociedade, ideias a serviço das forças dominantes, teoria que nem sempre é dirigida pela crítica e pela prática método.

É fato que a sociologia tem desempenhado um papel importante na construção da cultura brasileira e de sua identidade nacional, seja desenvolvendo literatura e pesquisas conservadoras ou progressistas. Fica evidente também que a identidade nacional construída no Brasil está intrinsecamente ligada às questões raciais.

Desde a Independência, temos um projeto de nação que está ligado à construção de um Estado nacional; deixamos de ser parte do Estado português, passamos a formar

um Estado brasileiro mantendo a escravidão, mas tínhamos já integrado um número grande de pretos libertos, de homens livres de cor, e a importância da cor não cessou de crescer desde então. (GUIMARÃES, 2003, p. 100)

O foco do Brasil no século XIX era a escravidão. Essa visão era amplamente disseminada entre a elite branca, que se utilizava da escravidão para explorar economicamente os negros, que eram considerados propriedades e não tinham seus direitos reconhecidos. A ideia de inferioridade racial dos negros também era utilizada para justificar a exclusão e a marginalização social dessa população inferior.

Terminada a escravidão, o Brasil voltou sua atenção para os problemas causados pelos negros e seus descendentes. As pessoas classificaram a raça usando métodos de biologia e medicina no final de 1800. Isso levou ao desenvolvimento do racismo científico. Sociólogos e antropólogos usaram principalmente esse conceito para criar classificações raciais.

A sociologia clássica, com suas raízes europeias, teve um impacto importante na formação da sociologia como disciplina científica. No entanto, a história social e política do Brasil apresenta uma realidade distinta da europeia, e isso reflete-se nas lutas e revoltas sociais e políticas do país. A escravidão, por exemplo, foi um fenômeno fundamental na formação da sociedade brasileira, e sua abolição foi resultado de uma luta de décadas por parte de escravizados, negros forros, libertos e livres.

Uma das mais significativas revoltas negras na Bahia foi a dos Malês, que ocorreu em 1835 e foi uma manifestação contra as condições precárias e opressivas da escravidão. Outra importante revolta foi a de Búzios, em 1857, que teve como objetivo lutar contra a escravidão e exigir mais direitos para os negros. Essas e outras revoltas negras são exemplos da luta histórica dos negros e escravizados no Brasil pelos seus direitos e liberdades.

A sociologia clássica é importante na formação da disciplina, mas a realidade histórica e social do Brasil é distinta e deve ser considerada para compreender a formação da sociedade brasileira e as lutas sociais e políticas do país.

As pessoas criam um movimento para criar uma identidade nacional através de casamentos inter-raciais na primeira metade do século XX. O sistema de crenças da democracia racial brasileira é criado com base em pesquisas feitas por Gilberto Freyre para explicar por que esse movimento começou. Esse sistema de crença diz que os casamentos mistos eram porque todos eram felizes uns com os outros, e isso criou os brasileiros entre os grupos raciais aqui existentes. Em *Casa-Grande & Senzala*, Freyre (1954), aponta a mistura brasileira como algo pacífico, em que a colonização portuguesa foi suave e tolerante, e por

isso ocorreu a mestiçagem racial. Sobre esse mito diz Moura:

O mito do bom senhor de Freyre é uma tentativa sistemática e deliberadamente bem montada e inteligentemente arquitetada para interpretar as contradições estruturais do escravismo como simples episódio epidérmico, sem importância, e que não chegaram a desmentir a existência dessa harmonia entre exploradores e explorados durante aquele período. (MOURA, 1986, p.18)

Hoje em dia, o mito da democracia racial é amplamente reconhecido como uma falácia, uma vez que os dados mostram que a discriminação racial é uma realidade presente em todos os aspectos da vida brasileira, desde o mercado de trabalho até o acesso à educação e aos serviços públicos. Ainda há muito a ser feito para superar essa desigualdade histórica e construir uma sociedade verdadeiramente democrática e igualitária.

O Movimento Negro, sempre teve por objetivo lutar por uma educação plural e inclusiva, no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana tem por objetivo que “[...] os sistemas de ensino cumpram as determinações legais com vistas a enfrentar as diferentes formas de preconceito racial, racismo e discriminação racial para garantir o direito de aprender, a equidade educacional de modo a promover uma sociedade justa e solidária.” (BRASIL, 2006, p.19).

Assim, o racismo se constitui até agora como um grave problema no mundo, por isso, o ambiente escolar não está imune às suas consequências. Nesse sentido, cabe questionar qual o papel da escola? Sendo assim, Munanga (2005) relata sobre a falta de preparo dos profissionais da educação para tratar com a temática da diversidade:

Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã [...] (MUNANGA, 2005, p.15).

Ao se considerar que a Lei nº 10.639/2003 torna obrigatório o ensino de arte e cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica, reafirma-se a necessidade da contribuição específica da Sociologia na formação inicial de professores com o objetivo, entre outros, de analisar sociologicamente as relações étnico-raciais na sociedade brasileira, visto que entendemos as potencialidades da perspectiva sociológica para auxiliar na construção de uma educação antirracista.

O reconhecimento da escola pública como espaço de convergência de diversas disciplinas é condição necessária para o desenvolvimento de práticas pedagógicas capazes de criticar culturas hegemônicas, alicerçadas em valores coloniais, para afirmar a dimensão libertadora que existe nessas trajetórias disciplinares. Nesse sentido, como aponta Paulo Freire, Bell Hook também afirma a necessidade de considerar a prática docente para ir além do sistema de dominação existente (2017). A hegemonia estrutural das escolas de ensino médio reproduz a lógica intelectual do eurocêntrico, do branco e do colonialismo. Entre outros fatores, essas mudanças na prática exigem formação inicial de professores para lidar com as questões inerentes à desigualdade racial existente em nossa sociedade.

Gomes (2012) argumenta que descolonizar currículos e práticas é um desafio para as escolas e para o campo da formação de professores, pois é preciso estabelecer relações com as realidades sociais vivenciadas pelos sujeitos da educação básica. Nessa perspectiva, é preciso destacar que as instituições escolares precisam se reconhecer como um espaço diverso, repensar seus programas políticos de ensino para incluir as diversas disciplinas que fazem parte desse espaço, e que toda a comunidade escolar seja capaz de refletir sobre raça e a relação com a escola. Para que isso seja efetivo, a compreensão de que a mudança deve acontecer é fundamental e visa reorientar a prática. Hooks acredita que

Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores – em todos os níveis, do fundamental à universidade-, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar (HOOKS, 2017, p. 51).

Essa mudança é essencial para a superação do racismo na escola. Como Kabengele Munanga afirma, não debater a diversidade cultural existente na escola mantém as formas de preconceito e impossibilita muitas vezes que os alunos negros permaneçam na escola. Munanga afirma que

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado (MUNANGA, 1999, p.14).

Tanto o corpo docente quanto os alunos estão expostos a uma sociedade estruturalmente racista que manifesta o colonialismo em suas mais diversas formas. Coerente

com Munanga (1999), a educação pode ajudar jovens e adultos a questionar e desconstruir mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos, bem como divisões criadas por culturas racistas. Essa desconstrução implica uma mudança nas instituições, nas estruturas sociais e na mentalidade dos professores, e os professores como educadores podem criar uma ruptura no processo de negação da diversidade cultural da sociedade brasileira.

Com esta intenção, é possível superar o modelo positivista de construção do conhecimento em sociologia, história, geografia e psicologia social, mas fundamentalmente, ao ir além das dicotomias sujeito e objeto, produto e produtor, indivíduo e sociedade, o caminho a ser percorrido passa a considerar o "Homem, como a personificação do todo social histórico, é o produto e produtor da história" (Lane, 1992b, p. 32). Assim, para a psicologia social, a atividade se constitui como o domínio de estudo do indivíduo, seguido da consciência e da personalidade.

Ciampa propunha demonstrar como as teorias de identidade desenvolvidas na ocasião, associadas inevitavelmente por interesses sociais, poderiam converter-se em formas de manipulação ideológica. O traço mais significativo da pesquisa estava no fato de assumir que a produção científica deve estar diretamente associada à práxis. (Lima & Ciampa, 2012, p. 13)

A implementação da Lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de todo o país, tem enfrentado diversas dificuldades em pequenos municípios do Nordeste. Uma das principais dificuldades é a falta de capacitação dos professores para trabalhar o tema em sala de aula. Muitos professores não têm formação específica em história e cultura afro-brasileira e africana, o que dificulta a elaboração de atividades pedagógicas adequadas e comprometidas com a temática.

Além disso, a falta de recursos financeiros também é um grande obstáculo para a implementação da Lei 10639/03 em pequenos municípios do Nordeste. Muitas escolas não têm acesso a materiais didáticos específicos sobre o tema, o que compromete a qualidade do ensino e a aprendizagem dos alunos. Outra dificuldade é a resistência de alguns grupos sociais em relação à temática. Em muitos casos, há uma falta de compreensão sobre a importância da história e cultura afro-brasileira e africana na formação do povo brasileiro. Isso acaba gerando conflitos e dificuldades para a implementação da lei.

Portanto, é preciso que sejam criadas políticas públicas efetivas para a implementação da Lei 10639/03 nos pequenos municípios do Nordeste, bem como investimentos em formação de professores e recursos didáticos específicos para a temática. Somente assim, será possível superar as dificuldades e garantir a efetivação da lei, promovendo uma educação mais inclusiva,

diversa e comprometida com a valorização da cultura e história afro-brasileira e africana.

O levantamento de Ciampa e uma série de estudos desenvolvidos em psicologia social levaram Lane (1995) a apontar que algumas reformulações eram necessárias nas categorias básicas da análise psicossocial. "No entanto, nossa investigação nos levou a algumas reformulações. A primeira delas surgiu em diversos estudos que apontavam a identidade como categoria, culminando no estudo de Antônio C. Ciampa" (p. 56 págs.). Outra reformulação mencionada pelos autores é o sentimento como categoria analítica.

Segundo Ciampa, a identidade é um processo contínuo e dinâmico, que envolve a integração de diferentes aspectos da personalidade, como as crenças, valores, habilidades e experiências. Esse processo pode ser influenciado por fatores internos e externos, como as relações familiares, o contexto cultural e as experiências vividas ao longo da vida.

Para Ciampa, a formação da identidade é um processo complexo, que pode ser facilitado ou dificultado por diferentes fatores. Por exemplo, as dificuldades enfrentadas na infância, como a falta de amor e de apoio emocional, podem levar a problemas de identidade na vida adulta. Da mesma forma, as pressões sociais e culturais podem impedir a expressão autêntica do self, levando a uma identidade fragmentada e incoerente. A identidade é um tema central na psicologia social e tem sido amplamente estudado por diversos autores ao longo dos anos. A obra de Ciampa é uma importante contribuição para a compreensão desse processo complexo e dinâmico, que envolve tanto fatores individuais quanto sociais e culturais.

Os fenômenos psicológicos estudados tornam-se, assim, subjetivos, enquanto a mediação os constitui como processos; em vez de buscar sua estrutura, componentes e determinantes, o campo de estudo é dividido em categorias de atividade, consciência, identidade e emoção. Observou-se que a categoria "Personalidade" foi substituída por "Identidade", enquanto "Emoção" foi incluída na sequência como categoria de análise.

No âmbito dos indivíduos, a Consciência, a Atividade e a Afetividade constituídas pela mediação, não só da linguagem e do pensamento, mas também por emoções e afetos contraditórios entre o que se sente e o que se "deveria" sentir, levam tanto à fragmentação da consciência como da Atividade. (Lane, 1995, p. 62)

A proposta de que identidades coletivas e individuais são identidades sociais só é possível se forem compreendidas no processo de formação social, uma perversão em um movimento histórico de emancipação. É nesse contexto que a pessoa concreta se constitui

individual e coletivamente, aliada à história social e natural. Essa suposição é baseada no conceito de socialização, conforme sugerido por Berger e Luckmann (1973). Para o autor, a construção da realidade ocorre de forma objetiva e subjetiva, e para entendê-la é preciso considerar aspectos em um processo dialético constituído por três momentos: "externalização, objetivação e interiorização" (p. 173), porém, não pense neles como ocorrendo em ordem cronológica.

Os princípios, leis e categorias do materialismo histórico e dialético orientam a concepção que busca superar a dicotomia subjetivo-objetivo no estudo do indivíduo, abordando os processos psicológicos em sua constituição e produção a partir da atividade humana em um contexto sócio-político-econômico. Este conceito e um levantamento bibliográfico sobre as políticas públicas de educação, vivenciadas cotidianamente no contexto das instituições escolares, orientarão a reflexão sobre a possibilidade das instituições escolares se reunirem em torno dos alunos na direção de identidades emancipatórias.

A discussão e a visibilidade das questões raciais por professores sobre aponta para o desenvolvimento de novos métodos e práticas de ensino no currículo de graduação para produzir e difundir o conhecimento afro-brasileiro e desconstrução do saber etnocentrista e colonialista, primordialmente um processo de configuração de profissionais da educação com perspectivas antirracistas. Portanto, sabe-se que

Mais do que criar novos métodos e técnicas para se trabalhar com as diferenças é preciso, antes, que os educadores e as educadoras reconheçam a diferença enquanto tal, compreendam-na à luz da história e das relações sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira, respeitem-na e proponham estratégias e políticas de ações afirmativas que se coloquem radicalmente contra toda e qualquer forma de discriminação. (GOMES e SILVA, 2002, p. 19)

Esses desafios remetem a mudanças internas e reconfiguração das ações dos docentes, seja na universidade ou na escola de educação básica. As mudanças almejadas são fundamentais na luta por uma educação libertadora, como afirma Hooks:

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade- de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade (HOOKS, 2017, p. 50).

Para entender melhor os desafios apresentados na sociologia, pesquisas modernas vêm sendo realizadas desde os anos 2000. Um estudo, de Handfas e Maçaira (2014), analisou a qualidade da ciência produzida entre 1993 e 2012. Este foi inspirado na necessidade de soluções em resposta às disciplinas obrigatórias do ensino médio em sociologia. Nos anos 2000, foram identificadas 43 obras que versavam sobre seis temas distintos. Os três primeiros tratam dos conceitos que as escolas consideram ciência social; o quarto focou nas práticas pedagógicas e metodologias de ensino; e a quinta estava relacionada à institucionalização das ciências sociais nas escolas.

Os próximos três temas estavam relacionados ao currículo: o sexto estava relacionado às práticas pedagógicas e metodologias de ensino; o sétimo estava relacionado à formação de professores; e a oitava estava relacionada às concepções sobre a sociologia escolar. Isso mostra que, devido à obrigatoriedade de ensinar sociologia nas escolas, houve um aumento da pesquisa ao longo dos anos 2000. em função da obrigatoriedade da disciplina nas escolas, o número de pesquisas sobre o ensino de sociologia ampliou.

A sociologia tem um papel importante na formação escolar, pois fornece ferramentas para compreender a sociedade e seus fenômenos sociais. Na educação básica, a sociologia pode ajudar os estudantes a compreender as relações sociais, as desigualdades e as lutas sociais e políticas.

A lei 10.639/2003, que incluiu a obrigatoriedade da inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, é uma importante iniciativa para incluir a perspectiva e a história dos negros e afro-brasileiros na educação. A sociologia pode ser uma ferramenta importante para a compreensão dessas questões, ajudando a contextualizar a realidade e a história dos negros e afro-brasileiros no Brasil.

A questão da identidade também é relevante na sociologia da educação. O pensamento de Antônio Ciampa sobre identidade destaca a importância da compreensão da construção social da identidade e sua relação com o processo de escolarização. Ciampa argumenta que a escola é um importante lugar de construção e negociação da identidade, e que a compreensão desses processos é fundamental para compreender a formação da identidade dos estudantes.

A sociologia desempenha um papel crucial na compreensão das dinâmicas sociais e culturais, promovendo uma visão crítica e analítica da sociedade. A Lei 10.639/2003, por sua vez, representa um avanço significativo ao incluir a história e a cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. Isso reconhece a rica diversidade cultural do Brasil e destaca a contribuição dessas culturas para a formação da sociedade brasileira.

Essa integração tem avançado na promoção da inclusão e na luta contra o racismo. A lei contribui para a conscientização dos alunos sobre a importância da igualdade racial, um passo crucial para uma sociedade mais justa. Além disso, incentiva o respeito à diversidade e à identidade cultural, promovendo uma educação mais inclusiva.

No entanto, enfrentamos desafios significativos. A formação de professores é um deles, uma vez que muitos ainda não estão preparados para abordar adequadamente os conteúdos relacionados à história e cultura afro-brasileira e africana. É necessário investir na capacitação docente para garantir que esses temas sejam ensinados de maneira competente.

Outro desafio importante é a falta de material didático adequado. A produção de materiais de qualidade que atendam às exigências da lei é essencial para uma implementação eficaz. A carência de recursos financeiros adequados na educação também é uma barreira a ser superada. A falta de investimentos compromete a formação de professores, a produção de materiais e a infraestrutura das escolas.

Além disso, enfrentamos resistência cultural de alguns setores da sociedade que veem a implementação da Lei 10.639/2003 como um desvio do currículo tradicional. Superar essa resistência é crucial para avançar na inclusão e no combate ao racismo.

Por fim, a falta de um sistema eficaz de avaliação da implementação da lei dificulta o monitoramento de seu impacto nas escolas. Uma avaliação consistente permitiria ajustes e melhorias no processo.

Em resumo, os avanços incluem a promoção da diversidade cultural e o combate ao racismo, enquanto os desafios estão relacionados à formação de professores e à disponibilidade de material didático adequado. As principais barreiras envolvem resistência cultural, recursos financeiros insuficientes e a necessidade de um sistema de avaliação mais eficaz. A superação desses desafios e barreiras é fundamental para uma educação mais inclusiva e igualitária no Brasil.

Na perspectiva de Antônio Carlos Ciampa, o "vir a ser" professor de sociologia representa um processo em constante evolução na construção da identidade profissional do educador. Ciampa destaca que a identidade do professor não é estática, mas sim dinâmica e moldada por uma série de fatores e experiências ao longo de sua carreira.

Para Ciampa, as interações com alunos e colegas desempenham um papel fundamental na formação da identidade do professor de sociologia. Cada experiência de ensino, discussão em sala de aula e feedback dos estudantes contribui para essa construção. Além disso, o contexto educacional, incluindo as políticas educacionais e a cultura escolar, influencia a maneira como o professor se percebe e atua em sua disciplina.

A reflexão e autorreflexão também são elementos-chave desse processo. O professor, ao longo de sua carreira, constantemente se questiona e analisa suas práticas pedagógicas. Ele se depara com dilemas éticos, desafios didáticos e questões de inclusão. A autorreflexão, nesse sentido, o impulsiona a buscar o aprimoramento constante e a reavaliar suas crenças e valores, o que, por sua vez, contribui para um ensino mais eficaz e relevante.

Desafios e aprendizados fazem parte do caminho do "vir a ser" professor de sociologia. Enfrentar questões de gestão de sala de aula, ajustar-se a mudanças curriculares e abordar questões sociais relevantes são exemplos de desafios que moldam a identidade do professor. Cada desafio superado representa uma oportunidade de crescimento profissional.

Em síntese, na visão de Antônio Carlos Ciampa, o processo de construção da identidade do professor de sociologia é uma jornada fascinante e multifacetada. Moldada por interações, experiências, reflexões e adaptações ao contexto educacional, essa identidade reflete o compromisso do professor com o ensino da sociologia como uma disciplina essencial para a compreensão crítica das sociedades. É uma jornada que nunca cessa, pois a busca pelo aprimoramento e pela construção de uma identidade profissional sólida é uma missão contínua e apaixonante.

2.1. Práticas que Abordam a Temática Racial e que contribuem para o Desenvolvimento de uma Educação das Relações Étnico-Raciais tendo por Critério de Avaliação a Lei 10.639/03 e suas Diretrizes

De acordo com Nilma Lino Gomes (2012), do ponto de vista da Lei nº 10.639/03, a prática docente é uma prática que depende das condições materiais e emocionais de execução; é preciso atentar para todos os envolvidos, assim como o Brasil e África Cultura e história negras; que questionem preconceitos e estereótipos estabelecidos; que reconheçam as lutas dos negros escravizados e suas contribuições para nossa história; que não naturalizem “brincadeiras e brincadeiras” que fragilizem a identidade física negra e sua cultura.

Fortaleçam a construção de identidades negras positivas para incentivar a juventude; realizar essas atividades no cotidiano escolar com toda a comunidade escolar e com parceiros de todas as esferas da vida; desconstruir equívocos sobre tentar responsabilizar os negros. Responsabilizar-se pelo racismo e pelos mitos democráticos raciais; devem falar a todos, brancos e negros; devem estar inseridos no Programa de Ensino Político (PPP) da escola; e buscar conteúdos de diversas fontes, como o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) e grupos afins; críticas aos materiais didáticos que reproduzem o racismo.

Antes de planejar seus cursos sobre temas étnico-raciais, os professores são aconselhados a entender o que constitui as relações raciais em nossa nação e como elas afetam

a dinâmica social. Ficou claro pelas respostas dos professores que cada um identificou o racismo como um problema social na sociedade brasileira e apontou como viam o impacto do problema na sociedade, nas escolas e na vida dos jovens. Como apontam Gomez e LaBone, a sociedade brasileira é racista e diversos tipos de discriminação racial são reproduzidos todos os dias, infelizmente, nas escolas, gerando tumulto e vida violenta.

O professor deixou isto claro por meio de levantamento realizado pela escola através de conversas durante a semana pedagógica quando foi falado por cada professor as dificuldades de implementação da lei 10.639/03 no currículo e nas diversas disciplinas que forma o mesmo.

O racismo não é uma mera consequência da violência que assola a juventude negra brasileira. Ele também não é um epifenômeno da questão de classe ou somente uma questão do Estado. O racismo é violento e produz violência. Uma violência que incide sobre determinados sujeitos, portadores de sinais diacríticos específicos, frutos de uma ancestralidade negra e africana. No imaginário socio-racial, aos portadores desses sinais soma-se tudo de negativo que a violência racista construiu no contexto das relações de poder, na luta de classes, na desigualdade de gênero e sexual (GOMES e LABORNE, 2018, p. 215).

A seguir fizemos um compilado de alguns formatos de aulas que vem sendo trabalhados no colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho que podem ser utilizadas em uma abordagem interdisciplinar anti-racista e ao mesmo tempo aplicar a lei 10.639/03 e os seus preceitos em relação ao ensino de Ciências Humanas e suas Tecnologias na unidade escolar.

Para garantir a confidencialidade dos entrevistados, optou-se por identificá-los fornecendo seus nomes sem citar seus nomes reais devido a considerações éticas na pesquisa. O processo costuma ser aleatório, mas optamos por homenagear a escolha do nome. Recebemos o nome de figuras negras do nosso país que contribuíram para a luta e resistência do povo negro. Os nomes que escolhemos são: Angenor de Oliveira (Cartola), Carolina Maria de Jesus,

Francisco José do Nascimento, Lélia Gonzales, Luiz Gama, Marielle Francisco da Silva e Milton Santos. As entrevistas foram realizadas com os alunos da escola sobre as questões do ensino de sociologia, a utilização de ferramentas digitais e a questão do reconhecimento de sua identidade.

Para o professor Francisco, o racismo é estrutural, faz parte do tecido da sociedade brasileira, está enraizado nas instituições, é negado pela população, que acredita no mito da democracia racial, ainda hoje, conforme sua fala abaixo;

Bom, eu vejo o racismo no Brasil como algo estrutural, muito estrutural, tão estrutural que as pessoas não se dão conta de como que ele funciona... A questão de raça aqui no Brasil eu acho extremamente complicada porque ela é negada, é como se ela não existisse, o mito da democracia racial ainda é muito forte e parece que as pessoas estão muito mais empenhadas em isso eu falo dentro da escola, em resolver uma situação de racismo em específico “olha, tal pessoa chamou o outro de macaco” do que efetivamente encarar esse racismo como algo estrutural. Então eu acho que o racismo no Brasil é muito dissimulado, e até evita o enfrentamento que a gente precisa ter. (ENTREVISTA FRANCISCO, 2021)

As pessoas em nossa sociedade acham difícil discutir o racismo; eles acreditam na igualdade racial em vez disso. Este sistema de crenças é apoiado pelo professor Milton.

O racismo escolar é um assunto difícil de enfrentar devido à forma como muitas vezes se repete de diferentes maneiras. Isso já foi discutido em lições anteriores, mas vale a pena mencionar novamente. Diferentes aspectos do racismo escolar podem ser encontrados no currículo, nos métodos dos professores e até mesmo entre os alunos. Também há pouca ou nenhuma representação da equipe pedagógica para pessoas de cor. As escolas são instituições racistas que precisam ser reconhecidas e combatidas. Gonçalves (2006) destacou que a escola ajuda a manter o preconceito por meio da discriminação social, educacional e ocupacional.

Os professores entrevistados no âmbito desta pesquisa acreditavam que o racismo estava presente nas escolas onde trabalhavam. As declarações que fizeram mostraram a força de suas convicções e reforçaram a pergunta feita acima. Tanto Francisco quanto Angenor acreditavam que o racismo estrutural impedia que professores negros fossem representados nas escolas.

Lelia afirma que os professores tratam os alunos de forma diferente com base na raça. Ela acredita que esse racismo decorre de pensar que os negros são problemáticos ou difíceis de ensinar. Além disso, Lelia acredita ter visto dois tipos de racismo no sistema educacional. A primeira está relacionada aos padrões de beleza nas escolas.

Ela diz que os adolescentes se percebem como indivíduos bonitos e desejáveis, ao mesmo tempo em que sexualizam as mulheres. No que diz respeito à classificação dos alunos, ela acredita que essa mentalidade leva à segregação racial. A aluna relata que uma questão religiosa faz com que sua turma se transforme em meninas negras muito grandes. Ele relata que os alunos frequentemente se referiam a ele como macumbeiro, uma pessoa de origem africana. Além disso, ela menciona que esse problema faz com que sua turma supere o tamanho das salas de aula convencionais.

A teoria sobre relações étnico-raciais destaca que a desigualdade racial é resultado da estruturação da sociedade e dos processos históricos de dominação e exploração, e que a educação tem um papel importante na perpetuação dessas desigualdades. De acordo com essa teoria, as relações étnico-raciais são dinâmicas e estão presentes em todas as esferas da sociedade, incluindo a educação.

No Brasil, a desigualdade étnico-racial tem sido perpetuada pelo sistema educacional, que tem resultado em uma educação de qualidade inferior para os negros e afro-brasileiros. As políticas educacionais voltadas para a população negra são insuficientes e não têm alcançado resultados significativos na melhoria da educação para essa população.

A lei 10.639/2003, que incluiu a obrigatoriedade da inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, é uma importante iniciativa para incluir a perspectiva e a história dos negros e afro-brasileiros na educação, mas ainda é necessário avançar na implementação efetiva dessas políticas.

Milton amplia a discussão,

Eu vi o discurso e me lembro de um discurso muito estranho do diretor quando estávamos falando sobre a Semana da Consciência Negra. Perguntei como era a Semana da Consciência Negra, o que eles faziam, etc. Ela, que é branca, disse: "Não sei porque isso aconteceu, eu estava no carro semana passada e um homem me trancou e me chamou de loira burra, aquele homem é negro, por que não posso xingar ele também?" Então expliquei a ela que não era a mesma coisa. Nossos problemas em trazer a consciência negra para as escolas são exatamente o que precisamos para entender e desmistificar esses problemas. Ela era assim, meio alegre. Mas eu vejo, tão triste. (entrevista Milton, 2021)

O racismo atua desenfreadamente na vida desses jovens, seja no cotidiano das escolas, vivenciando todos os relatos de seus professores, seja em outros espaços da sociedade. O professor Francisco e o professor Luiz ressaltam que, como a sociologia só tem um horário por semana, há pouco contato com os jovens, o que os impede de ver mais profundamente como o

racismo atua na vida de seus alunos. Os professores que participaram das entrevistas ministram as disciplinas de história, filosofia e língua portuguesa e várias então áreas fora de suas graduações.

Outros professores disseram que muitas vezes tiveram essa percepção e os alunos, por vezes, pedem a eles uma apresentação sobre esse tema. Marielle, Milton, Lélia e Angenor disseram que seus alunos sempre denunciam e reclamam de situações como segurança de lojas e apostas policiais. Os professores também observam que entendem que seus alunos muitas vezes não sabem que a violência que vivenciam é racismo e outras consequências da falta de debate dentro das escolas. Como também identificam que eles têm vergonha de relatar certas situações, que remetem a questões que eles não se sentem confortáveis para falar.

O Professor Francisco apresenta suas aulas sobre a temática apresentando dados estatísticos sobre a realidade brasileira, principalmente no que abrange às desigualdades raciais que atingem a população negra. Ele utiliza dados do IBGE, mapa da violência, e outras fontes de informações atuais. Ele descreve suas estratégias:

Eu basicamente trabalho com dados, e tomo os dados para provar que uma coisa é que é muito mais difícil para as mulheres negras terem contratos formais, por exemplo. Estes são os dados expostos. Dessa forma é difícil ver refutações vazias, então é difícil para eles dizerem que o racismo não existe ou algo assim. Minhas aulas são 100% expositivas e sempre peço que eles forneçam algum tipo de trabalho escrito e algum tipo de trabalho que façam que gere debate. Então, por exemplo, um dos trabalhos que usei muito no meu terceiro ano foi fazer podcasts. Eles tiveram que fazer um podcast sobre o assunto que estávamos discutindo. Então, obviamente, a questão da raça surge, e as coisas básicas, como os direitos humanos, dizem que todos são iguais. Obviamente, surgirá o racismo, justiça e justiça para todos e, no âmbito dos direitos humanos, obviamente surgirão questões raciais. Então eles têm que produzir sim, e eu nunca vi a negação do racismo, das desigualdades, mas eu também vejo uma relação muito forte que os alunos fazem que aquilo que o negro sofre o pobre também sofre. Então, a questão das cotas é que precisa ser discutida 'ah, não devia ser pra negro, tinha que ser pra pobre; a violência não afeta só os negros, afeta os pobres', esse tipo de coisa, mas fora isso. (ENTREVISTA FRANCISCO, 2021)

A teoria das desigualdades raciais no Brasil tem como base a compreensão da história do país e a sua formação como sociedade escravocrata. Pensadores negros têm contribuído significativamente para a construção desta teoria, destacando a importância da compreensão da história e da luta pela igualdade racial no Brasil.

Um dos pensadores negros mais importantes na construção desta teoria é Abdias do Nascimento (Nascimento, 2016). Ele destaca a importância da luta contra a discriminação racial e a defesa da identidade negra como forma de lutar contra as desigualdades raciais no Brasil. Além disso, ele aponta a necessidade de incluir a história e a cultura afro-brasileira e africana

na educação como forma de combater as desigualdades raciais. A professora Marielle trouxe um exemplo em que trabalha esse assunto na relação com outras temáticas. Ela discorre sobre uma atividade que fez com seus alunos:

Mas enfim, fiz um exercício muito legal. Um grupo de jovens do Rio de Janeiro estava a caminho da Praia de Ipanema quando a polícia começou a impedi-los de deixar a comunidade. Então eles ficaram chateados e eu pedi que escrevessem e abrissem para debate. Foi uma aula sobre violência urbana e lemos um texto sobre desigualdades espaciais e como os espaços urbanos refletem essas desigualdades sociais, algumas pessoas podem assistir, outras não, esse exercício é novidade, é muito interessante fazer essa análise. Além disso, organizei uma exposição de cientistas negros com outros professores e alunos. Eu venho tentando mudar a discussão, quando eu era criança a questão da raça era em grande parte baseada no racismo, e hoje vejo que mudou, no sentido de mostrar a luta dos negros. Eu abordo outros tópicos. (ENTREVISTA MARIELLE, 2021)

Outro pensador negro importante é Lélia Gonzalez, que destaca a importância de se compreender as desigualdades raciais como resultado da estruturação da sociedade e dos processos históricos de dominação e exploração. De acordo com ela, é necessário avançar nas políticas sociais e na implementação de ações afirmativas para combater as desigualdades raciais no Brasil.

Milton também responde que tem trabalhado de forma interseccional, pois acredita que a questão racial está presente em todas as discussões. Enunciou o que está a seguir:

Eu tenho tentado resolver esses problemas de uma forma cruzada. Em alguns casos, essa abordagem aborda o racismo de forma clara, e o aspecto racial permeia tudo, certo? Então, às vezes é mais expositivo, por exemplo, tem aulas que a gente acaba entrando em discussões sobre violência policial, e eu lembro que usei um vídeo da série O maluco no povo do Will Smith, que abordava isso, eles diziam que da mesma forma, "Por que você acha que foi abordado?", "Ah, porque somos negros, né fessor", é isso. Às vezes eu tento trazer recursos audiovisuais, eu tento usar bastante o rap, também é uma ferramenta muito poderosa nesse sentido, eles são mais funk, mas eu tento, a música tem muito pra mim nesse sentido também ajuda. (ENTREVISTA MILTON, 2021)

A Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino sobre a história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas, foi uma conquista importante para a luta pela igualdade racial no Brasil. No entanto, sua aplicação nas escolas tem sido desafiadora.

De acordo com pesquisas e estudos, a maior parte das escolas ainda não tem incorporado a história da África e da cultura afro-brasileira de maneira adequada em seus currículos. Muitas

escolas ainda enfrentam dificuldades em encontrar materiais didáticos que abordem de forma clara e objetiva a história e a cultura afro-brasileira, o que tem dificultado a implementação da lei.

Além disso, a falta de capacitação dos professores e a falta de apoio das instituições também têm dificultado a aplicação da lei. Muitos professores sentem-se inseguros e despreparados para tratar do tema, e isso tem afetado a qualidade do ensino sobre a história da África e da cultura afro-brasileira.

A falta de recursos financeiros e a falta de políticas públicas efetivas também têm contribuído para a dificuldade de implementação da lei. Muitas escolas precisam lidar com limitações em relação a infraestrutura, biblioteca e material didático, o que tem prejudicado a qualidade do ensino. Durante essas entrevistas, percebemos que existem múltiplas possibilidades de estudo do tema raça nos cursos de sociologia, e que cada uma pode contribuir para o combate ao racismo e a implementação da Lei 10.639/03. Embora alguns professores não tenham uma compreensão profunda da lei, suas ações permeiam as diretrizes e diretrizes desta lei, como atestam seus discursos.

Ao dialogar sobre as realidades brasileiras de desigualdade e racismo, ao desenvolver teorias que apoiam a existência do racismo no Brasil, ao expor o que está acontecendo no cotidiano dos jovens brasileiros, ao debater a identidade negra e as crenças religiosas afro-americanas, ao afirmando a ação afirmativa e a necessidade de cotas raciais, entre outras práticas, os professores estão contribuindo para a educação das relações raciais.

Percebemos que ainda existem algumas lacunas, seja por falta de capacitação ou dificuldades para lidar com o tema, pela resistência em debater tal temática ou pela falta de experiência em lidar com assuntos conflituosos, tanto que em sua maioria as práticas trazem como conteúdo principal a denúncia ao racismo e às desigualdades raciais, mas não apresentam conhecimentos sobre a cultura e história africana, por exemplo.

Para a implementação da Lei 10639/03 e de suas diretrizes, para uma prática pedagógica antirracista o desempenho docente precisa ser responsável e entender que a sua prática é parte do processo de desconstrução do racismo na sociedade, ou pode contribuir para a manutenção do mesmo.

Dessa repensar sobre o significado do ensino de sociologia e a responsabilidade dos professores nesse processo na escola é uma parte importante da estratégia da educação das relações étnico-raciais. Nas entrevistas os docentes responderam acerca dessas responsabilidades e como eles acreditam que estão contribuindo para o enfrentamento ao

racismo. Oliveira (2016) considera que o ensino de Sociologia tem condições privilegiadas para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que debatam as questões raciais, que desnaturalizam e combatem o racismo, que reflitam sobre a história e cultura afro-brasileira e africana.

2.2. Os avanços e os retrocessos da lei 10.629/23 nos seus 20 anos de implementação

A Lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino sobre a história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas, completou 20 anos em 2023. Neste período, foram registradas mudanças positivas e negativas no ensino sobre este tema no Brasil.

Mudanças positivas:

- **Conscientização:** A lei 10639/03 contribuiu para a conscientização da sociedade sobre a importância da história da África e da cultura afro-brasileira. Isso tem ajudado a desmistificar mitos e estereótipos e a promover a valorização da diversidade cultural.
- **Currículos mais diversos:** A lei tem estimulado a incorporação de conteúdos diversos nos currículos escolares, incluindo a história da África e da cultura afro-brasileira. Isso tem contribuído para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes.
- **Valorização da cultura afro-brasileira:** A lei tem ajudado a valorizar a cultura afro-brasileira, que tem sido reconhecida como uma das mais ricas e diversas do mundo. Isso tem contribuído para o fortalecimento da autoestima dos negros e da população afro-brasileira em geral.

Mudanças negativas:

- **Falta de implementação:** Apesar da lei ter sido aprovada há 20 anos, muitas escolas ainda enfrentam dificuldades em sua implementação. Muitas escolas ainda não incorporaram a história da África e da cultura afro-brasileira de maneira adequada em seus currículos.
- **Falta de capacitação dos professores:** A falta de capacitação dos professores tem sido um obstáculo importante para a implementação da lei. Muitos professores sentem-se inseguros e despreparados para tratar do tema, o que tem afetado a qualidade do ensino sobre a história da África e da cultura afro-brasileira.
- **Falta de recursos:** A falta de recursos financeiros e de políticas públicas efetivas

também tem contribuído para a dificuldade de implementação da lei. Muitas escolas precisam lidar com limitações em relação a infraestrutura, biblioteca e material didático, o que tem prejudicado a qualidade do ensino.

Em 20 anos depois da implementação da Lei nº 10.639/2003, é possível perceber que a lei tem tido impactos positivos e negativos na educação brasileira. Embora tenha contribuído para a promoção da igualdade racial e da valorização da diversidade cultural, a aplicação da lei ainda enfrenta muitos desafios, como a falta de capacitação dos professores, falta de apoio das instituições, falta de recursos financeiros e políticas públicas efetivas.

A implementação da Lei 10.639/03 teve um impacto significativo no currículo escolar, que passou a incluir temas relacionados à história e cultura afro-brasileira. Isso contribuiu para uma maior conscientização sobre a diversidade étnico-racial do país e para a valorização da cultura negra. Além disso, a lei também estimulou a produção de materiais didáticos mais adequados para o ensino da história e cultura afro-brasileira.

Outro impacto importante da lei foi a valorização da cultura afro-brasileira. Através do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, foi possível resgatar e valorizar as tradições, crenças e expressões culturais dos negros, contribuindo para a preservação da diversidade cultural brasileira. A lei também incentivou a produção e difusão de obras artísticas e culturais relacionadas à cultura negra, como a música, a dança, o teatro, o cinema e a literatura.

3. CAPÍTULO — DESCRREVENDO A EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO NO PERÍODOPANDÊMICO

A tecnologia sempre foi uma ferramenta muito importante para formar sociedade contemporânea. Desta forma, o progresso tecnológico também produziu uma contribuição para a educação moderna. Uma das primeiras manifestações de desenvolvimento da educação a distância (EAD) começou no século XIX nos Estados Unidos. No Brasil, a disseminação desse modelo acontece por meio de um curso de transmissão (OLIVEIRA, 2019).

Pode-se perceber que já é possível verificar o que é a interrupção do ensino na sociedade ao usar a tecnologia como forma de melhorar a aprendizagem (ARAÚJO et al. 2017). Além disso, pode-se identificar uma nova forma de ensinar e aprender, inovando e adotando novas formas de interagir com os alunos. Os professores buscam atender novas necessidades da sociedade, como nas atividades lúdicas próprias disciplinas tradicionais (COSTA, 2019).

Durante a pandemia do COVID-19, escolas e famílias tiveram que lidar com desafios significativos. Um desses desafios foi o aumento da digitalização e da cultura global da sociedade. Nesse período, as escolas começaram a apresentar sinais de mediação das relações digitais entre as pessoas. Também demonstraram interesse em romper antigos limites nas relações sociais. Embora as escolas tenham resistido inicialmente à influência da cultura digital, acabaram por chegar a um acordo com ela. Isso se deve às novas maneiras de impor a separação social durante a pandemia do COVID-19. Em primeiro plano, importa pontuar. Segundo Vani Kenski (2018, p. 139) “O termo *digital*, integrado à *cultura*, define este momento particular da humanidade em que o uso de meios digitais de informação e comunicação se expandiram, a partir do século XX, e permeiam, na atualidade, processos e procedimentos amplos em todos os setores da sociedade.”

Essa condição representa *per se* um desafio à escola muito antes da pandemia: o ponto de tensão residia na necessidade de a escola assumir os valores da cultura digital como modo de se inserir e se legitimar no contexto de seu público-alvo, não obstante, o impacto que esse movimento teria na dinâmica da instituição escolar e no papel do professor.

Pode-se perceber que ao utilizar a tecnologia como forma de melhorar a aprendizagem, tornou-se possível verificar que a disrupção da educação é algo que existe na sociedade (ARAÚJO et al., 2017). Além disso, pode-se identificar a existência de novos estilos de ensino

e aprendizagem, e inovar e desenvolver novas formas de interação entre alunos e professores, buscando atender às novas necessidades da sociedade, como atividades lúdicas nas próprias disciplinas tradicionais (COSTA, 2019). Com isso em mente, podemos também relembrar o conceito de educação para o empreendedorismo como “educação que visa despertar nos alunos a vontade de inovar” (LIMA, 2017, p. 15). O empreendedorismo, como ação voltada ao alívio da dor social, pode trazer novas soluções para os desafios das escolas no campo da educação (BAGGIO, BAGGIO, 2014).

Com o advento da quarentena, a educação passou por várias transformações e se viu obrigada a se adaptar a essa nova realidade que se impõe a toda a sociedade de uma forma abrupta e rápida – muitas vezes sem o treinamento e as habilidades necessárias para solucionar os problemas apresentados pelas escolas e as dificuldades dos alunos. A partir das dificuldades apresentadas pelos professores em conseguir desenvolver essa metodologia em sala de aula e ter dos alunos um feedback suficiente para justificar a realização, no Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho compartilhamos as redes sociais disponíveis com o objetivo de potencializar o ensino no ambiente escolar a divulgação das ações projetos que serão realizados no ambiente escolar.

No entanto, Crawford et al. (2020) entendem que o processo de readaptação não é simples. Algumas das dificuldades relatadas por esses autores estão relacionadas à falta total ou mesmo parcial de infraestrutura residencial adequada para trabalho e estudo em home office (ou seja, trabalho remoto). Huang et al. (2020) revisaram as dificuldades que certos grupos têm em usar as redes da Internet de forma confiável.

Além dessas questões externas (2020, p. 57), também citam algumas questões internas para os alunos, das quais podemos destacar: as dificuldades impostas pela dificuldade de concentração ou realização de atividades remotamente, soma-se aos fatores que Oliveira (2020) aponta como a diferença entre alunos de escolas públicas e alunos de redes privadas. Existe uma grande diferença entre os alunos que estudam em escolas públicas e os alunos que estudam em redes privadas. Essas diferenças podem ser observadas em vários aspectos, incluindo: Acesso a recursos: Alunos de escolas privadas geralmente têm acesso a mais recursos, como laboratórios bem equipados, bibliotecas modernas, salas de aula espaçosas e tecnologia avançada. Alunos de escolas públicas, por outro lado, frequentemente têm acesso limitado a esses recursos.

A classe social, por exemplo, influencia diretamente no acesso à educação, já que famílias com menor poder aquisitivo têm menos recursos para investir na escolarização de seus

filhos, como a compra de materiais escolares, transporte, alimentação e até mesmo moradia próxima à escola. Isso pode afetar a frequência à escola e o desempenho escolar, bem como limitar as oportunidades educacionais e profissionais no futuro. O gênero também é uma dimensão importante, uma vez que as meninas enfrentam mais obstáculos para a sua educação em algumas sociedades e culturas. A discriminação de gênero pode limitar as oportunidades educacionais das meninas e perpetuar desigualdades na vida adulta.

A etnia/raça também é uma dimensão importante, já que pessoas negras e indígenas, por exemplo, enfrentam obstáculos adicionais para o acesso à educação, como o racismo estrutural e a exclusão social. O preconceito racial e a falta de representatividade também podem afetar o desempenho escolar e a autoestima dos estudantes, bem como limitar as oportunidades no mercado de trabalho o território também é uma dimensão importante a ser considerada, já que as desigualdades educacionais são mais acentuadas em áreas rurais e periféricas, onde há menor acesso a recursos e infraestrutura. A falta de transporte público adequado, a precariedade das escolas e a falta de acesso à tecnologia também podem afetar o desempenho escolar e limitar as oportunidades educacionais.

Qualidade da educação: Alunos de escolas privadas geralmente têm acesso a uma educação de qualidade superior, com professores altamente qualificados e uma ampla gama de programas extracurriculares. Alunos de escolas públicas, por outro lado, muitas vezes enfrentam desafios, como professores sobrecarregados, falta de recursos e uma carga de trabalho pesada.

Oportunidades: Alunos de escolas privadas têm mais oportunidades de se preparar para universidades de prestígio e carreiras bem remuneradas. Alunos de escolas públicas, por outro lado, frequentemente enfrentam obstáculos para se preparar para essas mesmas oportunidades.

O Centro Regional de Pesquisa para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação — CETIC.BR¹⁰ (2020) é uma entidade civil de direito privado, integrante do Centro de Informação e Coordenação Ponto BR — NIC.BR, realiza levantamento anual O projeto visa avaliar por meio de uma pesquisa E para entender o número e a evolução dos alunos em todo o Brasil, a pesquisa pesquisou a participação de mais de 11.361 alunos, além de profissionais do ensino, das redes privada e pública em todas as regiões geográficas do Brasil, urbanas ou rurais.

¹⁰ Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação

Como tal, o estudo levanta a questão do fato de que muitos alunos de escolas públicas urbanas não possuem tablets, desktops ou laptops, pois cerca de 40% dos alunos não possuem comprovação de ter algum desses dispositivos. Os números refletem que um grande, embora não a maioria, dos alunos foi prejudicado durante a pandemia por causa de sua incapacidade de fazer aulas remotas. No sistema de ensino privado, no entanto, surgiu um quadro diferente: cerca de 9% dos alunos pesquisados não tinham acesso a um computador ou tablet em casa.

Quando o objeto de pesquisa é uma escola rural, a dificuldade de acesso à rede é ainda mais destacada. Entre as instituições dessas regiões, 60% não têm acesso à Internet e 76% não têm acesso comunitário em redes maiores (Censo Escolar 2019). Nesse ponto, pode-se constatar que a falta de acesso à internet pode prejudicar o desenvolvimento e isolar mais alunos da sala de aula.

Essa situação mostra a disparidade entre as escolas públicas e privadas nas áreas urbanas, bem como a disparidade de percepção em relação às escolas rurais, levando a reflexões sobre o sistema educacional. Além da necessidade de abordar a necessidade de abordar a inclusão e democratização da tecnologia, também deve ser abordada a discussão de formas de proporcionar aos alunos o acesso a dispositivos que facilitem a pesquisa, como tablets, desktop ou laptop.

Sene (2020), explica que em meio às dificuldades causadas pela pandemia, há disparidades nas instituições de ensino em todo o Brasil. O autor relata principalmente como os tempos se tornaram difíceis ao explicar que no ensino público muitos alunos não têm acesso adequado às atividades realizadas à distância. Para o Sene (2020) na Universidade Federal de Pernambuco, há um total de 80%. Entre profissionais técnicos ou professores que desejam fazer cursos voltados para o ensino à distância, ou seja, modelo de ensino sem comunicação. Nesse contato físico, alunos e professores se encontram geograficamente para poder praticar em sala de aula (BEHAR, 2020).

Na escola de aplicação do projeto buscamos diversas maneiras para que os alunos pudessem ter acesso aos materiais de aula e também as ferramentas para a utilização da internet em suas casas, principalmente em virtude do isolamento social devido à crise de pandemia que assolou o Brasil nos anos de 2019 e 2020 e 21. Este isolamento prejudicou prioritariamente as pessoas que não tinham acesso aos meios tecnológicos para poder assistir e acompanhar as aulas que foram dadas remotamente.

Para diminuir a perda dos alunos foram organizados os materiais escritos que eram entregues na porta da escola para que os alunos fizessem em casa e depois era corrigido pelos

professores como uma forma dos mesmos permanecerem em contato tanto com a educação como o colégio. Assim, buscou-se reduzir os prejuízos causados pela falta de acesso à internet de muitas famílias que não tinham redes wi-fi em suas residências.

As possibilidades da educação remota mostraram-se várias, mas as casas geralmente na falta de uma qualificação do corpo docente e do letramento dos alunos para trabalhar com este tipo de metodologia, sendo que o letramento digital é feito e construído em grupos da escola e em outros ambientes os quais os alunos desenvolvem as habilidades necessárias para manejar as ferramentas disponibilizadas para que os mesmos possam executar suas tarefas e assistir às suas aulas no seu dia a dia. Utilizamos diversas formas de interagir com os alunos que se encontravam em estado de vulnerabilidade em relação a sua educação como chamamentos para comparecer às aulas por meio principalmente dos aparelhos smartphones, em que tivemos uma participação significativa.

Esse trabalho foi de grande importância para que pudessemos alcançar o maior número possível de alunos que naquele momento estavam impossibilitados de comparecer ao Colégio e também não tinha um acesso à internet – seja por falta de equipamento ou mesmo por falta de wi-fi em suas residências. Durante o período de afastamento da escola pudemos notar a grande importância que teve o projeto de extensão, sendo focalizados em um material didático sobre cultura afro-brasileira e também a utilização de um blog para que os alunos pudessem ter este relacionamento não só com a escola física, mas também via material didático aplicado. Esse blog foi utilizado como ferramenta para fornecer aos alunos informações e também para a realização das aulas de sociologia e também a utilização do mesmo como divulgação e informação sobre cultura afro-brasileira. Notamos aí a grande importância com os projetos de extensão realizados na escola e que também têm fora da escola, sua realização por parte dos alunos e da comunidade escolar de uma forma unificada. O blog História e Sociologia -

<https://sites.google.com/enova.educacao.ba.gov.br/educacaoluisvianafilho/p%C3%A1gina-inicial> e Café com Sociologia - <https://cafecomsociologia.com/>

Foi vital importância para mantermos o ensino e o aprendizado durante o período de isolamento social decretado em todo o Brasil que impossibilitou a esses alunos o acesso aos ambientes escolares, então tivemos que transformar as salas virtuais para que pudessemos realizar o trabalho docente junto aos alunos e, em simultâneo, não deixar ser o período afastado do ambiente escolar afetasse o seu aprendizado e desenvolvimento.

A percepção de um produto educacional no âmbito da proficiência profissional envolve conhecimento, prática pedagógica, objetivos de aprendizagem e identificação da natureza desse artefato cultural. Esses aspectos, mencionados acima, remetem ao estudo de Chisté (2019) em sua trajetória de avaliação de produtos educacionais. De acordo com a Portaria Normativa nº 17, de 28 de dezembro de 2009, está descrito em 3 que:

[...] o trabalho de conclusão final do curso poderá ser apresentado em diferentes formatos, tais como dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, patente, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas; desenvolvimento de aplicativos, de materiais didáticos e instrucionais e de produtos, processos e técnicas; produção de programas de mídia, editoria, composições, concertos, relatórios finais de pesquisa, softwares, estudos de caso, relatório técnico com regras de sigilo, manual de operação técnica, protocolo experimental ou de aplicação em serviços, proposta de intervenção em procedimentos clínicos ou de serviço pertinente, projeto de aplicação ou adequação tecnológica, protótipos para desenvolvimento ou produção de instrumentos, equipamentos e kits, projetos de inovação tecnológica, produção artística, sem prejuízo de outros formatos, de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, desde que previamente propostos e aprovados pela CAPES. (BRASIL, 2009, p.21, grifos nossos).

A partir da demonstração das potencialidades dos produtos no âmbito de um programa de mestrado profissional em educação, pode-se considerar que a produção de materiais está vinculada a desenhos pedagógicos em diálogo com a legislação educacional estabelecida. Nesse sentido, entendemos uma prática pedagógica reflexiva que visa reconhecer as práticas culturais e religiosas de seus alunos, educadores e gestores. O conceito educacional que defendemos é inclusivo e a importância da idade, religião, gênero, etnia e diversidade racial.

A elaboração de um material didático apresenta uma série de desafios a serem analisados, pois se inicia com as concepções pedagógicas propostas pelos professores a respeito de suas vivências, histórias, experiências de vida, cotidiano durante sua formação e prática pedagógica a percepção de produto educacional no âmbito do mestrado profissional de sociologia que é ofertado por instituições públicas federais e estaduais. Essas considerações nos levam a um estudo sobre o desenvolvimento de um produto pedagógico que possibilite uma nova metodologia condizente com o que Franco (2016) chama de pesquisa-ação pedagógica (PAPe), cuja descrição é,

[...] uma modalidade de pesquisa-ação, voltada à formação continuada de professores protagonistas, críticos-reflexivos, empoderados, capazes de transformarem a si e às suas circunstâncias. Na perspectiva da PAPe, a proposta é que os participantes, através da superação da consciência ingênua, renovem a percepção das suas condições de

olhar do sujeito sobre a situação em que vivem e que os oprimem. (FRANCO, 2016, p. 513).

A partir dessa percepção, entendemos que quando os educadores mudem sua concepção de sua profissão e realizam ações pedagógicas práticas, conduzem os alunos a integrarem conteúdos de aprendizagem em suas vidas. Segundo o autor isto ocorre um fenômeno conhecido como a "produção de pontos de ruptura cognitivos" acontecer no qual o conhecimento é criado não apenas para educadores e alunos, mas para todos os participantes do processo de ensino e aprendizagem.

A minha pesquisa apresenta algumas dificuldades observadas no período educacional em relação à momento que foi desenvolvido a pesquisa podemos apontar dificuldades que foram observadas no decorrer desta pesquisa e em particular no período pandêmico:

Acesso à internet: estudantes negros e negras tiveram mais dificuldades para acessar a internet do que estudantes brancos. Isso ocorreu principalmente em áreas rurais, onde a infraestrutura de internet é menos desenvolvida. Foi observado na experiência em sala de aula a dificuldade de estudantes negros e negras também relataram ter mais dificuldades para usar a tecnologia do que estudantes brancos. Isso pode estar relacionado a fatores como falta de acesso a dispositivos eletrônicos, falta de habilidade em lidar com tecnologia e falta de suporte técnico para usar as plataformas de educação a distância.

Foi notado também apesar de ser uma escola pública o local da pesquisa as desigualdades socioeconômicas também foram identificadas como um fator importante que afeta a experiência dos estudantes negros e negras na educação a distância. Muitos desses estudantes vêm de famílias de baixa renda e podem enfrentar dificuldades com a falta de acesso a recursos como alimentação adequada e apoio financeiro.

Outro fator importante notado por toda escola e principalmente no período de distanciamento é que é necessário o desenvolvimento de políticas públicas que considerem as desigualdades étnico-raciais e socioeconômicas na educação a distância. Isso pode incluir ações como a melhoria da infraestrutura de internet em áreas periféricas e rurais, o fornecimento de dispositivos eletrônicos para estudantes de baixa renda e a implementação de medidas de proteção contra discriminação racial online.

Franco (2016) destaca que a metodologia da pesquisa-ação pedagógica rompe o círculo negativo associado à formação precária e empobrecida, as condições de trabalho docente, o esgotamento da racionalidade pedagógica e, principalmente, as condições de alienação e desumanização que alunos e professores têm que suportar nas instituições de ensino. Ao romper esse ciclo de formação negativa, os educadores adotam a perspectiva de aprendizagem/investigação coletiva, colaborativa, contínua, visando acabar com a apatia e a desumanização da vida e a formação de professores na educação básica'.

Romper o ciclo negativo da formação permite que os educadores enriqueçam suas atividades pedagógicas práticas, criando materiais relacionados aos fatores que facilitam o aprendizado dos alunos. Nesse sentido, é fundamental que os professores desenvolvam produtos que contribuam para sua pedagogia, condizentes com suas proposições educativas, e que a aceitação dessa materialidade os leve a novas perspectivas sobre a educação. Portanto, produtos educacionais devem ser testados e avaliados, por exemplo, a prototipagem é um procedimento interessante, que pode ser entendido como testar a primeira versão do material desenvolvido pelos educadores.

Considerando a avaliação de produtos educacionais, o pesquisador uruguaio Gabriel Kaplun (2002) desenvolveu três eixos analíticos para avaliá-los, a saber: conceitual, pedagógico e comunicativo. No que diz respeito ao eixo conceitual e de forma sintética, antecipa-se mais profundamente sobre o assunto e o conhecimento dos atores disciplinares que formarão o material didático, bem como as características e proximidade com as quais o documento se propõe. O eixo pedagógico pressupõe um convite ao estudo de uma trajetória pedagógica que inclua percepção de objetos, abertura ao diálogo sobre concepções de mundo e possíveis lacunas relacionadas ao assunto de tal forma que avanços visem à ampliação do conhecimento com suporte teórico na área. No eixo de comunicação estão todos os artefatos técnicos e gráficos propostos para realizar, por meio de uma determinada linguagem, a produção de material educativo, o **Manual Para o Professor Africanidade**.¹¹

Trata-se de um artefato cultural elaborado como fonte de materiais didáticos que darão o suporte necessário para a implementação da Lei 10.639/03 nas instituições de ensino. A produção de um produto educacional que tenha função pedagógica e assegure a mediação do conhecimento nas escolas A educação básica é um requisito para desenvolvimento do mestrado

11 Material desenvolvido pelo autor para servir de material pedagógico para o trabalho sobre história, sociologia e cultura africana para ser utilizado pelos professores da rede escolar

profissional. O Manual Africanidade foi organizado como um recurso capaz de potencializar as culturas africanas e afro-brasileiras com foco nas religiões de matriz africana (Candomblé e Umbanda).

Todos os objetos nele contidos dizem respeito a aspectos da cultura africana e afro-brasileira, bem como da cultura popular. Na bolsa temática, os educadores poderão ter um acervo de obras que proporcionam propostas de aprendizagem lúdicas relacionadas aos valores civilizados afro-brasileiros, promovendo narrativa e conhecimento sobre as culturas afro-brasileiras na perspectiva da descolonização religiosa na educação.

Figura - 5 - Capa do Manual Africanidade



Fonte: Acervo pessoal do autor

É importante destacar que descreve o Manual do Usuário de Africanidade, cujas obras ampliam o diálogo sobre a formação de professores no contexto das religiões de matriz africana e, em simultâneo, editoriais. Uma série de leis de âmbito municipal, estadual e nacional que subsidiam o trabalho docente no tratamento de temas culturalmente relevantes África e Afro-Brasileiro. O artefato cultural apresentado é um material que pode servir de modelo para outros educadores redigirem seus próprios materiais pedagógicos de instrução, de acordo com o gosto do professor e a legislação específica do estado e cidade em que a instituição de ensino está localizada.

Figura — 6 — Composição do Manual do Professor

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
REFLEXÕES E SUGESTÕES.....	08
ALGUMAS OBRAS SELECIONADAS.....	10
ÍCONES E COMANDOS.....	12
LETRA A: ACARAJÉ.....	13
LETRA B: BETINA.....	14
LETRA C: CAPOEIRA.....	15
LETRA DIÁSPORA NEGRA BRASILEIRA.....	16
LETRA E: ESCOLA DE SAMBA.....	18
LETRA F: FAVELA	19
LETRA G: GINGA	21
LETRA H: HOMEM QUE É HOMEM NÃO CHORA.....	24
LETRA I: ILÊ AIYÊ.....	25
LETRA J: JONGO.....	26
LETRA K: KING, MARTIN LUTHER.....	27
LETRA L: LÁPIS COR DE PELE.....	29
LETRA M: MACUMBA.....	30
LETRA N: NAGÔS.....	32
LETRA O: ORIXÁS.....	33
LETRA P: PEQUENA ÁFRICA.....	35
LETRA Q: QUILOMBO.....	36
LETRA R: RACISMO.....	37
LETRA S: SINCRETISMO.....	38
LETRA T: TIA CIATA.....	39
LETRA U: UBUNTU.....	40
LETRA V: VALONGO.....	41
LETRA W: WALKER, ALICE.....	42
LETRA X: XODÔ.....	43
LETRA Y: YORUBÁ.....	44
LETRA Z: ZUMBI.....	45
FONTES.....	46
REFERÊNCIAS.....	56

É importante ressaltar que os educadores de todas as disciplinas devem explorar temas relacionados às culturas africana e afro-brasileira ao longo do ano letivo, mesmo que alguns deles sejam obrigatórios. No entanto, há datas e horários propícios para atividades afro-religiosas em sala de aula. O evento é oportuno para o Dia Nacional Contra a Intolerância Religiosa (21 de janeiro), e se os alunos e educadores estiverem de férias, a data pode ser lembrada pelo resto do ano letivo.

Dado que o Carnaval simboliza a maior festa popular do Brasil e assume características de tradições religiosas de matriz africana, esses eventos podem ser preparados nas semanas que antecedem o Carnaval. Trabalhos que se referem à abolição da escravatura no Brasil podem ser desenvolvidos no dia 13 de maio. Os professores ainda podem trabalhar no dia 20 de novembro,

Dia Nacional da Consciência Negra, e 2 de dezembro, Dia Nacional do Samba. Não há nada que impeça os educadores de usar o Manual do Professor Africano para atividades em datas diferentes das sugeridas. Pode ser utilizado desde que o conteúdo a ser tratado esteja relacionado à cultura africana e afro-brasileira, e se estes atenderem a algum conteúdo substancial contido no Manual de Sexualidade Africana.

O presente material foi desenvolvido no decorrer do ano de 2021 e 2022 como projeto que foi realizado no colégio Estadual Senador Luis Viana e que transformei em material como um dicionário básico para que os professores tenham um material de norte no trabalho de cultura afro-brasileira e que foi desenvolvido com uma licença Creative Commons.¹²

Neste período notamos alterações no comportamento dos alunos em relação a pontos que foram levantados pela pesquisa como com as escolas fechadas e a transição para a educação a distância, muitos alunos tiveram que ajustar suas rotinas diárias. Isso inclui ter que acordar mais cedo ou mais tarde, ter mais flexibilidade em seus horários e ter que se adaptar a um novo ambiente de aprendizagem em casa. Outro fenômeno foi o distanciamento social e a proibição de grandes aglomerações, muitos alunos experimentaram uma diminuição significativa na interação social com seus colegas de classe e amigos. Isso pode ter afetado sua saúde mental e emocional.

Os alunos apresentaram maior autonomia com a transição para a educação a distância, muitos alunos tiveram que assumir maior responsabilidade por sua própria aprendizagem. Eles tiveram que gerenciar seu tempo, acompanhar seu próprio progresso e buscar ajuda quando necessário. Outro ponto observado foi a mudança na questão da higiene e comportamental dos alunos.

Preocupações com a saúde: Com o risco de contrair o COVID-19, muitos alunos também se tornaram mais conscientes de sua saúde e higiene. Eles adotam hábitos mais rigorosos de higiene, como lavar as mãos com mais frequência e usar máscaras faciais. Além disso, a pandemia também exacerbou desigualdades educacionais já existentes para a população negra. O ensino à distância foi adotado em muitas escolas, mas a falta de acesso à internet, tecnologia e suporte educacional em casa deixou muitos alunos negros em desvantagem. Isso pode ter impactos a longo prazo na educação e no desenvolvimento desses alunos.

¹² São uma forma padrão usada pelos criadores de conteúdo para autorizar que terceiros usem a obra deles. O YouTube permite que os criadores de conteúdo marquem os vídeos com uma licença CC BY da Creative Commons. Ao marcar seu vídeo com essa licença, você mantém seus direitos autorais.

Por fim, a etnografia da população negra durante o período do COVID-19 pode destacar a importância do ativismo e da organização comunitária. A pandemia expôs as desigualdades raciais existentes e aumentou a conscientização sobre a necessidade de lutar por justiça social e equidade. Organizações lideradas por negros se mobilizaram para apoiar as comunidades mais afetadas, fornecendo ajuda financeira, suprimentos e serviços de saúde mental.

É importante que os educadores tenham discutido esses tópicos em sala de aula antes de apresentar este manual aos alunos. Atividades que se referem a objetos, obras e outros símbolos são mais significativas para os alunos durante o clímax de um projeto instrucional. Os educadores são orientados a preparar previamente a sala de aula em forma de roda ao utilizar o Manual do Sexo Africano, para proporcionar um bom ambiente para a interação de todos, simultaneamente, em que enfatiza a roda como um valor civilizado dos afro-brasileiros.

Mostrar os alunos a possibilidade do trabalho com material, seja em relação à questão da cosmologia, discutir as religiões de matriz africana e o contexto delas com o catolicismo e o judaísmo, esta possibilidade pode trazer o aluno um aprendizado muito importante em relação às diferentes matrizes religiosas e importância dela na sociedade brasileira ao abordar este sentido religioso.

Em 2021 com a utilização de mídias digitais para o ensino a distância notei algumas peculiaridades do ensino a distância que foi a flexibilidade que isso ofereceu. Os alunos puderam acessar conteúdo educacional em seu próprio ritmo, o que permitiu que aqueles com necessidades especiais ou limitações de tempo se beneficiassem mais do ensino. Além disso, o ensino com mídias digitais permitiu que os alunos tivessem acesso a uma variedade maior de recursos educacionais, como vídeos educativos, animações e jogos educativos.

Neste período pude explorar novas formas de ensino na escola, por exemplo, os educadores puderam usar plataformas de videoconferência para realizar aulas ao vivo e interativas, o que permitiu a comunicação em tempo real e uma maior interação entre os alunos e professores.

Em 2022 no momento que fazíamos a mudança do ensino remoto para o ensino híbrido¹³ percebemos que para que o ensino com mídias digitais seja bem-sucedido, é necessário que os educadores estejam bem treinados e tenham acesso adequado à tecnologia. Isso pode ser um

¹³ O ensino híbrido é um modelo de ensino que combina a educação presencial com a educação a distância, utilizando tanto recursos e ferramentas tecnológicas quanto a interação face a face com o professor e colegas de classe. É uma abordagem que busca integrar o melhor dos dois mundos, permitindo uma maior flexibilidade e personalização do aprendizado, bem como uma maior interação e engajamento dos alunos.

desafio em muitas partes do mundo, especialmente em áreas de baixa renda. Além disso, o ensino com mídias digitais pode não ser tão eficaz para alunos que não têm acesso adequado à tecnologia ou que enfrentam problemas de conectividade com a internet. Esta experiência se tornou possível pelo aprofundamento que tivemos da necessidade da utilização das mídias digitais para poder levar as aulas aos estudantes naquele momento.

Nas questões africanas podemos discutir com os alunos a possibilidade de eles desenvolverem alguma atividade que possa estabelecer juntamente as ligações ou o aprendizado das diferentes religiões que serão discutidos nas aulas, curiosamente, os educadores levam os alunos a pensar sobre a importância das histórias, histórias de diferentes povos que explicam a origem do universo, a natureza, a criação do homem e de outras criaturas. Os educadores poderão fazer perguntas aos alunos para verificar qual é a origem do universo que os domina.

Logo depois, o educador registra a resposta e, conforme explicou, demonstrou que existem outras formas de compreensão do universo e da criação das criaturas. Seguindo essa contextualização, os educadores podem contar a história evolutiva dos povos iorubás, cristãos e gregos do universo, educando os alunos sobre as diferentes crenças e inspirando o respeito pelas diferenças.

Neste período, no Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho foram aplicados materiais com a função de ampliar o conhecimento dos alunos sobre a Lei 10.639/03 com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a história e cultura africana e, em simultâneo, alavancar o conhecimento sobre a própria cultura brasileira. Os materiais foram aplicados digitalmente, já que neste período a escola estava fechada em virtude da covid-19, os alunos demonstraram uma capacidade de assimilação apesar do distanciamento social, o que favoreceu a utilização do mesmo por meio de digital e como forma de reutilização nas datas festivas além das atividades acima elencados está também contemplado nos projetos realizados na escola em sua comemoração e aplicação junto aos alunos da Unidade Escolar.

3.1. Experiências em Educação das Relações Étnico Raciais

Muitos dos livros e fotos mostrados na Figura 7 podem ser usados por educadores para aprimorar seus conhecimentos sobre as afro-culturas africanas e brasileiras. Os livros também ajudam a desenvolver diversas atividades educativas com alunos que vão do jardim de infância ao ensino médio.

O pesquisador incorporou valores importantes da cultura afro-brasileira em seu Manual de Africanidade. Entre eles estão a importância do Axé como princípio de força, corporeidade, musicalidade, oralidade, ludicidade, cooperação, circularidade e ancestralidade. Além disso, a pesquisadora considerou as culturas africanas e afro-brasileiras vitais para o sistema educacional. Suas obras literárias podem ser utilizadas para fins educacionais, como rodas de histórias, produções musicais e dramatizações. Estes também podem ser usados por educadores para incentivar a importância das culturas africanas e afro-brasileiras.

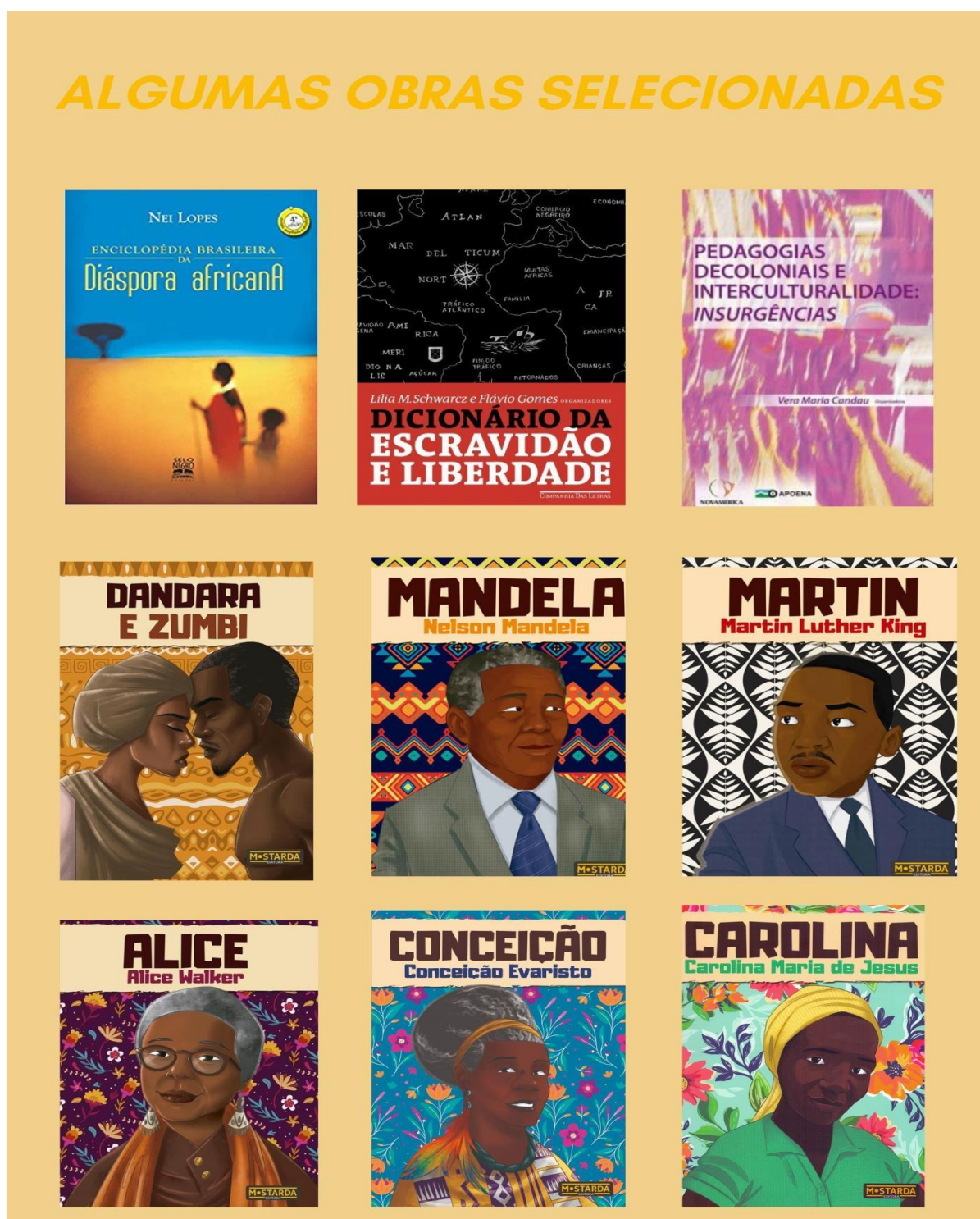
Quando trabalhado com textos e com suas abordagens, seja no campo da literatura no campo da história africana, o manual tem um potencial de expandir o conhecimento tanto dos autores de origem negra com também da cultura e da literatura africana que muitas vezes é deixada em segundo plano e virtude da cultura puramente ocidental podemos trabalhar em um momento de descolonização do conhecimento produzido nas escolas basicamente tendo como suporte teórico apenas autores da cultura ocidental Europeia.

A introdução dos conteúdos em sala no caso da presente pesquisa posso descrever que com a introdução da educação étnico-racial com base na lei 10639/03 gerou uma maior identificação e engajamento dos alunos com as aulas, além de proporcionar um ambiente mais acolhedor e respeitoso para estudantes negros e negras. Além disso, a educação étnico-racial pode contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos em relação às questões raciais, o que é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao mesmo tempo também pude notar que ainda há muitos desafios a serem superados para que a educação étnico-racial seja incorporada de forma mais ampla e consistente nas práticas pedagógicas das escolas. Isso inclui a falta de formação e preparo dos professores em relação a essas questões, a ausência de materiais e recursos didáticos adequados, além do preconceito e resistência por parte de alguns setores da sociedade.

O trabalho com os textos foi realizado com o objetivo de melhorar a interpretação dos alunos e, simultaneamente, levar o conhecimento sobre a cultura africana e a sua importância na formação da sociedade brasileira como elemento de conexão e de importância cultural no contexto de cidadania. Outro ponto a ser trabalhado é a questão da leitura, já que o nível de leitura entre os alunos de uma forma geral na escola é notadamente insuficiente, então a importância dos alunos tem contato com a Literatura e com a informação sobre a cultura, seja ela afro-brasileira, é de grande importância para formar os eleitores e reforçar questões como vocabulário, cultura local e também enfocamos a importância desses autores para a formação da sociedade brasileira

Figura - 7 - Obras literárias e científicas



Fonte — Acervo pessoal do autor

Os alunos que tiveram a oportunidade de ler as obras de Carolina de Jesus relatam que essa experiência foi transformadora, pois puderam se identificar com a realidade descrita pela autora e ampliar seus conhecimentos sobre a história e a cultura afro-brasileira. Além disso, a leitura dessas obras pode contribuir para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes em relação às questões raciais.

Os alunos que tiveram a oportunidade de ler as obras de Nelson Mandela relatam que sua leitura foi transformadora, pois puderam compreender a importância da luta pelos direitos humanos e pela igualdade racial. Além disso, as obras de Mandela podem contribuir para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes em relação às questões sociais e políticas.

A leitura das obras de Nelson Mandela pode ser realizada em diferentes contextos educacionais, como em aulas de história, literatura e sociologia, por exemplo. É importante que o professor incentive os alunos a refletir sobre a vida e a obra de Mandela, e que crie espaços de diálogo e debate para que os alunos possam compartilhar suas impressões e opiniões sobre o que foi lido.

No entanto, também há relatos de alunos que enfrentam resistência por parte de colegas e professores em relação à leitura de obras de autores negros. Isso pode ocorrer devido ao preconceito e à falta de conhecimento sobre a importância da educação étnico-racial. Nesse sentido, é fundamental que a inclusão de autores negros na lista de leituras seja valorizada e incentivada pelos professores, e que sejam criados espaços de diálogo e reflexão para que os alunos possam compartilhar suas impressões e opiniões sobre as obras.

Quando observamos os autores acima destacados notamos que são poucos apresentados na cultura brasileira ou com raras exceções são mencionados e discutidos em vários espaços de leitura e educação, então a importância é que os autores têm os seus destaques são a de atualização dos seus escritos em relação à cultura brasileira que é sobretudo uma cultura miscigenada e amplo aspecto de diversidade, sendo que quando observamos o nível de cultura temos um destaque apenas da cultura eurocêntrica e não da cultura dos diferentes povos que formam a sociedade brasileira.

Os autores negros trabalhados com os recortes sobre suas temáticas junto aos alunos para que os mesmos consigam observar a forma de escrita, concordância, a colocação da pontuação e vários outros elementos textuais que podem ser utilizados tanto na questão histórico-cultural como também na preparação do aluno para os diferentes tipos textuais os quais eles vão trabalhar seja literário narrativo ou dissertativo ver este enriquecimento do

vocabulário e ajuda aos alunos no desenvolvimento das suas atividades e no aprimoramento da sua interpretação vital para as diferentes atividades realizadas em sala de aula.

Alguns destes textos foram trabalhados durante a pandemia e teve um reflexo da forma que cada aluno se sentiu por estar no ensino à distância em virtude do isolamento social e também de trabalhar com as ferramentas digitais que algumas não faziam parte do seu cotidiano de utilização ou não possuíam um letramento adequado para sua utilização de forma a aproveitar o máximo possível do seu potencial de aprendizagem e interação.

No entanto, também se argumenta que qualquer ação educativa não se limita a meios, mas depende de decisões políticas, sociais e culturais que são coletivas, têm limitações e possibilidades, e estão além do alcance das escolas e suas disciplinas. Nesse caso, a prática docente precisa dar atenção suficiente à tecnologia para que os alunos não se distraiam com a falta de conexões possíveis, que podem ser medíocres, não referenciadas, cheias de opiniões e adivinhações. Não se trata de limitar o uso dessas ferramentas ao simples uso da internet, mas combiná-las com outras tecnologias, como videoconferência e teleconferência, para definir e (re)representar o processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Pierre Lévy, na obra *A Máquina do Universo* (1987), o conceito de cibercultura é derivado dos movimentos sociais, tecnológicos e culturais nos quais uma determinada sociedade está inserida. Para os filósofos, quando essa abordagem foi adotada (1987), era um tema polêmico e multifacetado, uma vez que a cibercultura derivou de elementos da fusão de culturas nacionais e globalizadas, envoltas em um único ciberespaço, seguindo três princípios: interconexão, comunidade virtual e coletiva. Inteligência.

Isso significa que os principais aspectos da cultura digital são: conectividade, ubiquidade, acesso, produção e compartilhamento de informações e velocidade de mudança (LÉVY, 2010). Portanto, as dimensões do espaço e do tempo mudaram. Portanto, a cibercultura deve ser entendida como “um conjunto de tecnologias (materiais e intelectuais), práticas, atitudes, formas de pensar e valores que evoluem com o desenvolvimento do ciberespaço” (LÉVY, 2010, p. 17).

Assim, desde o final da década de 1990, a aplicação das TIC em ambientes educacionais tem se mostrado uma ferramenta para facilitar e auxiliar o desenvolvimento do processo de ensino, adquirindo inclusive o conceito definidor de TIC. Aprendizagem em Jovens e Adultos (AVIRAM, 2000). Isso se deve à cibercultura, portanto, o ciberespaço abre e amplia o caminho para a autonomia do educando para viabilizar esse processo de autoaprendizagem, facilita a interatividade e estimula a troca de informações e saberes. De acordo com Lévy (2010), a

técnica advinda da cibercultura promove possibilidades para novas opções culturais (dinâmica das representações) e sociais (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) que, antes da internet, não poderiam ser pensadas, tornando irreversíveis as mudanças promovidas pela inserção das TICs.

No contexto das tecnologias digitais podemos afirmar que a aplicação de um material, seja em uma aula presencial ou na modalidade remota, apresenta vários desafios de ordem didática que tem de ser sanados e analisado pelo professor de acordo com perfil de sua turma, que também tem variações de acordo com o nível de aprendizagem dos alunos e das demandas de cada turma que pode ter um resultado em uma aplicação e outro resultado, variando no entre o remoto e o presencial.

4. CAPÍTULO: ANÁLISE DE DADOS — ENTREVISTAS E GRUPOS FOCALISCOM ESTUDANTES E DOCENTES

Neste capítulo, discutiremos os procedimentos metodológicos para a intervenção instrucional no ensino de sociologia. Para tanto, este capítulo está dividido em cinco partes. Na primeira, discutimos a pesquisa-ação como forma de intervenção na realidade educacional. A segunda é a descrição geral do contexto. Terceiro, formular planos de aula. Quarto, conscientização da gestão, cursos de treinamento e participação na observação. Quinto, a avaliação da intervenção.

As recomendações de intervenção na escola são baseadas em métodos de pesquisa-ação. No entanto, como já referido, as escolas que optaram por esta modalidade tiveram dificuldades no período da pandemia. Isto por não poderem oferecer um trabalho regular, seja presencial ou online para otimização de seus resultados.

4.1. A UTILIZAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS ESTRUTURADOS

Questionários requerem uma construção engenhosa; no entanto, Aaker diz que estas são uma arte imperfeita. O bom senso e a experiência prévia podem ajudar os pesquisadores a evitar questionários de baixa qualidade. Há uma ordem lógica para construir um questionário. Primeiramente é necessário definir quais informações deseja coletar. Em seguida, é preciso formular as perguntas apropriadas. Depois disso, deve-se determinar a ordem das perguntas, bem como a aparência e o texto de cada pergunta. Posteriormente, testes devem ser desenvolvidos para eliminar ambiguidades e omissões. Se algum problema persistir, mais testes devem ser realizados e novas versões do questionário devem ser formuladas. Este processo segue a metodologia delineada pelo CERLALC/UNESCO¹⁴ — proposta por Failla em 2012 — na página 24.

A pesquisa realizada continha perguntas pessoais sobre raça, religião, local de residência e renda do aluno. Outras questões incluíram a rede de ensino do aluno, modalidade e escolaridade dos pais. O questionário exigirá dos alunos que eles respondem sobre a questões de utilização das Ferramentas digitais tanto na escola como no seu dia a dia e qual a influência que essas ferramentas têm na sua vida cotidiana e na escola, falando não só das dificuldades da

¹⁴ Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe (Cerlale)

utilização, mas também os benefícios que eles como alunos vem na utilização das Ferramentas como meio educacional e como forma de aprendizado.

Por meio desses questionários podemos avaliar qual realmente é o impacto das Ferramentas no ensino mediado por esse, instrumentos no Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho e qual a influência que o mesmo tem no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Para isso precisamos saber se eles dispõem das ferramentas para a utilização em sala de aula e qual o seu nível de letramento em relação às mesmas para sua utilização para o aprendizado. Quais são os meios para acesso aos meios digitais? Tem habilidades na execução das mesmas para instrumentalizar este aprendizado? Tem suporte de internet tanto na escola como em sua escola?

Para fins de análise as questões foram estruturadas de forma de gráficos onde foi detalhado o que os estudantes se sentem em relação às ferramentas digitais na escola e como foi o período de utilização durante a pandemia, nesses períodos foi destacado o que os estudantes faziam referência tanto a utilização das Ferramentas como se estivessem a disponibilidade dessas ferramentas digitais para o uso em sala de aula, a pesquisa levantou mais os problemas em relação à infraestrutura escolar e o acesso à internet para a utilização dos meios digitais da Educação do período pandêmico e como os alunos vêm as dificuldades no desenvolvimento da Educação digitalmente no ambiente escolar.

A pesquisa foi feita quantitativamente, mas também foram feitas análises dos números em relação às respostas produzidas pelos alunos nos questionários. Os questionários foram aplicados digitalmente através do Google Forms¹⁵ e essas respostas foram transcritas para o desenvolvimento das atividades e possíveis dificuldades que os alunos tinham e têm na utilização de algumas ferramentas e como eles utilizam essas ferramentas para o ensino em relação à educação básica, os questionários tiveram uma grande importância no levantamento de dificuldades que foram repassados para a gestão da escola e que algumas foram sanadas e outras foram encaminhadas a secretaria de educação para que a mesma pudesse analisar as possíveis resoluções do mesmo.

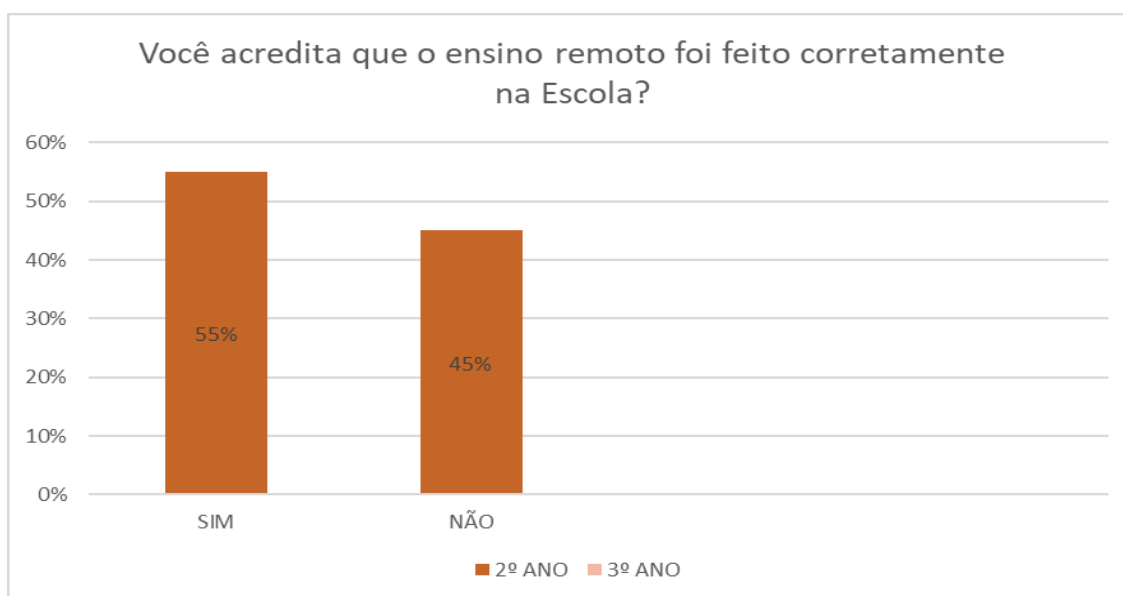
Essa pesquisa se mostra de extrema importância para o processo de educação sobretudo após o período podemos já que a mesma mostra as desigualdades em relação ao acesso à educação seja formal ou de forma online uma vez que muitos alunos não tiveram acesso à

15 **Google Forms** é um aplicativo gratuito que permite ao usuário criar e gerenciar pesquisas e formulários de preenchimento online, o que pode ser útil em diversos meios, como escolar, acadêmico, profissional ou comercial.

internet e também não possuíam equipamentos para poderem acessar as aulas que foram fornecidas pelas diferentes redes de ensino principalmente no caso do enfoque da pesquisa a rede estadual de ensino em que muitos alunos tiveram dificuldades por não ter acesso a nenhum dos dois instrumentos que possibilitam ao mesmo acompanhar as aulas que eram fornecidas de forma online e aos alunos no período de isolamento social. Este dado sofreu uma avaliação quantitativa que demonstra as dificuldades enfrentadas durante o período da pandemia para que as aulas fossem ministradas de forma online aos alunos do ensino básico da rede estadual do município de Almadina.

Neste primeiro gráfico podemos verificar que 65% dos alunos informam que o ensino remoto não ajudou no aprendizado durante o período da pandemia e que para apenas 35% o ensino online fornecido pelo Colégio Senador Luis Viana Filho foi bom para o seu aprendizado. As respostas constam no gráfico dos alunos que responderam em relação ao ensino remoto (ver Gráfico 1)

Gráfico — 4 - Você acredita que o ensino remoto foi feito corretamente na Escola?



FONTE: Dados da pesquisa

O ensino remoto é uma situação sem precedentes e que muitas escolas e professores estão fazendo o melhor possível para continuar a fornecer educação de qualidade aos alunos. No entanto, o ensino remoto tem desafios únicos, incluindo a falta de interação presencial

com professores e colegas, a falta de acesso à tecnologia e recursos educacionais para alguns alunos e a dificuldade de manter a motivação e o envolvimento dos alunos.

Alguns autores têm destacado os desafios do ensino remoto, como a falta de acesso a tecnologias adequadas e a dificuldade de manter a motivação dos alunos em um ambiente virtual. Outros autores têm abordado aspectos mais positivos desta modalidade de ensino, como a flexibilidade de horários e a possibilidade de personalização do aprendizado.

No entanto, é importante lembrar que o ensino remoto não é uma solução ideal para todos os alunos e para todas as escolas. Alunos de famílias mais vulneráveis socialmente, por exemplo, podem enfrentar dificuldades de acesso a tecnologias e de acompanhamento das atividades remotas. Além disso, muitos alunos podem sentir falta do contato humano e da interação presencial com professores e colegas de classe.

Dessa forma, é fundamental que as escolas e os educadores busquem formas de garantir a equidade no acesso ao ensino remoto e de minimizar os impactos negativos dessa modalidade de ensino. Isso pode ser feito, por exemplo, por meio do fornecimento de equipamentos e acesso à internet para alunos que não possuem esses recursos em casa, e pelo estímulo à participação ativa dos alunos em atividades virtuais, como discussões em grupo e trabalhos colaborativos.

No segundo gráfico podemos constatar que segundo os alunos o ensino remoto não foi feito de uma forma correta colaborando com o primeiro onde eles afirmam que o aprendizado não foi adequadamente para o período que o Colégio passou com ensino online foi apontada as diversas dificuldades para poder desenvolver o ensino remoto conforme (ver no Gráfico 2) **Gráfico -5 - Qual foi sua dificuldade com o ensino Remoto?**



FONTE: Dados da pesquisa

Segundo Castells, as mídias, especialmente a internet, mudaram a forma como as pessoas adquirem e compartilham informações, e isso tem implicações profundas para a educação. A internet oferece acesso a uma ampla variedade de informações e recursos educacionais, permitindo que os estudantes aprendam de forma mais autônoma e personalizada. Além disso, as mídias sociais e as tecnologias móveis permitem a colaboração e a comunicação em tempo real entre estudantes e professores, mesmo a grandes distâncias.

No entanto, Castells também destaca alguns desafios que as mídias apresentam para a educação, como a necessidade de desenvolver competências digitais para aproveitar plenamente os recursos da internet, a necessidade de avaliar a qualidade e a confiabilidade das informações disponíveis online, e a preocupação com a proteção da privacidade e da segurança na internet.

As dificuldades do ensino remoto no Brasil são causadas por uma combinação de fatores econômicos, tecnológicos e educacionais. Algumas das principais causas incluem:

1. **Desigualdade digital:** Muitos estudantes no Brasil não têm acesso a tecnologia adequada, incluindo computadores, internet de alta velocidade e dispositivos móveis, o que torna o ensino remoto ainda mais difícil para eles.
2. **Falta de infraestrutura escolar:** Muitas escolas no Brasil não possuem recursos tecnológicos, como computadores e projetores, ou têm uma infraestrutura de internet fraca, o que torna difícil a implementação do ensino remoto.
3. **Dificuldades financeiras:** Algumas escolas e professores não têm recursos financeiros suficientes para investir em tecnologia e treinamento para o ensino remoto.
4. **Falta de habilidades tecnológicas:** Alguns professores e alunos podem não ter as habilidades técnicas necessárias para participar de aulas remotas ou usar tecnologias educacionais.
5. **Falta de interação social:** O ensino remoto pode ser solitário e desmotivador para alguns alunos, especialmente aqueles que precisam da interação social que a escola oferece.

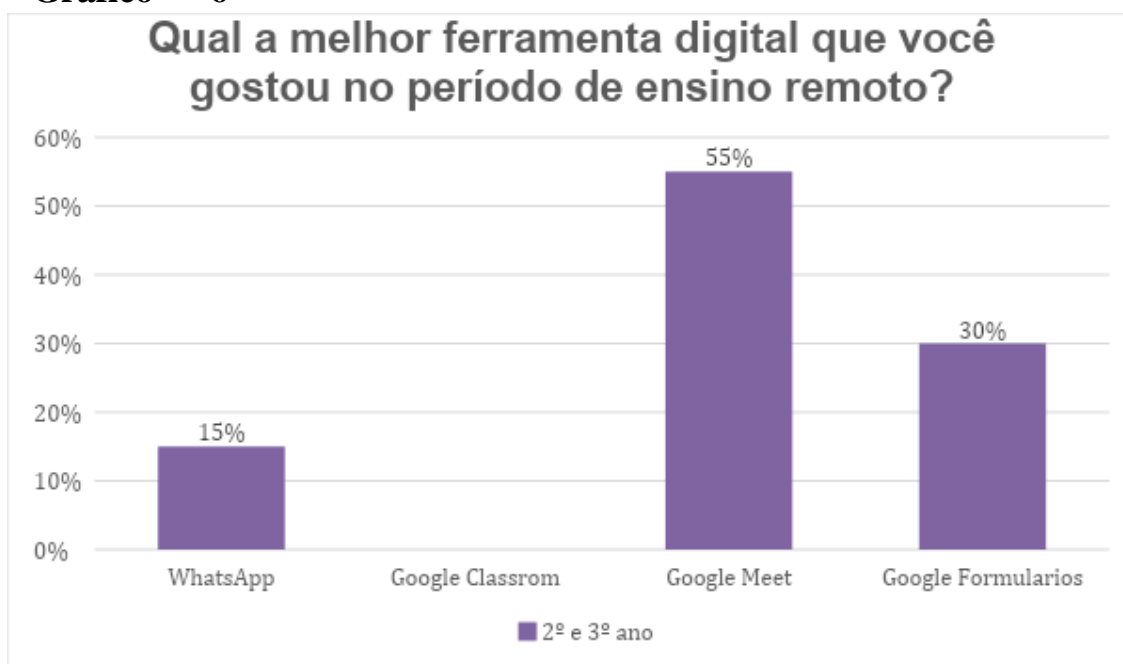
Veja a cor da fonte

Em uma das minhas aulas, decidi perguntar aos meus alunos qual das ferramentas digitais utilizadas em sala de aula eles mais se adaptaram e tiveram mais facilidade de aprender. Fiquei muito interessado em saber a opinião deles e os resultados foram surpreendentes.

propostas durante o período da pandemia. Destacamos as que foram mais utilizadas durante o período de atividades, desenvolvidas no Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho. Pudemos observar que durante este período que os alunos se adaptaram com ferramentas que antes eles não utilizavam, que não eram familiarizados no seu dia a dia como o Google Meet.

Então pudemos definir que a prática das aulas online a ferramenta de comunicação comouma ferramenta de grande importância neste contexto de pandemia uma vez que temos uma ferramenta de áudio e vídeo com certa facilidade de utilização, que permitiu aos mesmos se conectarem naquele momento ao mundo do qual eles estavam impedidos de acessar. Em relação ao Google Formulários observamos que foi a ferramenta no período online, que os alunos tiveram mais facilidade até pela dinâmica da própria ferramenta que possibilita a utilização de várias formas de atividade, desde textos, questões objetivas, imagens, gráficos e até palavras-cruzadas

Gráfico — 6



Fonte: Dados da pesquisa

Não existe uma única ferramenta que seja a melhor para todas as aulas de ensino médio. O melhor tipo de ferramenta para aulas digitais depende de vários fatores, incluindo o objetivo da aula, o estilo de ensino do professor, as habilidades tecnológicas dos alunos e o nível de interatividade desejado.

Algumas das ferramentas mais populares para aulas digitais incluem:

1. Google Classroom: É uma plataforma gratuita que permite aos professores criar e gerenciar aulas digitais, enviar tarefas, receber trabalhos dos alunos e se comunicar com eles.
2. Zoom: É uma plataforma de videoconferência que permite aos professores realizar aulas ao vivo com os alunos e compartilhar a tela, além de gravar as aulas para que os alunos possam assistir posteriormente.
3. Microsoft Teams: É uma plataforma de colaboração que permite aos professores criar aulas digitais, compartilhar arquivos e se comunicar com os alunos.
4. Kahoot! É uma plataforma de perguntas e respostas que permite aos professores criar quizzes interativas para os alunos.
5. Edmodo: É uma rede social para educação que permite aos professores criar e gerenciar aulas digitais, compartilhar recursos, comunicar-se com os alunos e avaliar o desempenho dos alunos.

A análise apresentada identifica duas questões fundamentais advindas do trabalho de campo: dificuldades de compreensão da disciplina e métodos ineficazes. As duas questões estão interligadas, como se reflete na visão do aluno da terceira série de dezessete anos: “Não sei, penso que é mais como se ensina. De filósofos da área, e isso é importante. Mas também trazer mais filósofos para a nossa experiência, né, para a gente entender como funciona.”

Ao falar de sociologia no ensino médio, a maior reclamação dos alunos é a dificuldade de entender indo. Isso se deve a uma combinação de fatores como ensino público inadequado desde o ensino fundamental, falta de estrutura nas escolas e métodos ineficazes dos professores. De tempos em tempos, os alunos falavam sobre a dificuldade de compreensão dos conceitos sociológicos, gerando neles frustração. As consequências eram que ao final do ano os alunos estavam com grande tendência para aprovação, mostrando que durante todo o ano letivo as notas se mantiveram abaixo do esperado.

Da mesma forma, observei que embora os professores tenham mais de um método de ensino, essa diversidade pouco faz no sentido de gerar interação, um aluno da terceira série de 18 anos, entrevistado, relatou: "A maior dificuldade é uma é a abordagem do assunto, porque quando o professor aborda o assunto, pode levar os alunos a serem mais ou menos interativos.”

Observo que os professores utilizam a mesma abordagem em todas as aulas do ensino geral e do ensino geral, lembrando que essas aulas possuem suas particularidades, apesar de algumas dificuldades comuns e recorrentes. Dentre estas dificuldades comuns podemos destacar as de aprendizagem de temas, dificuldade na leitura e na interpretação de textos questões. Existem também alguns problemas que são mais característicos das turmas normais

e outras turmas normais, por exemplo, os alunos das turmas normais estão mais concentrados nas aulas, mas também estão muito cansados, enquanto os alunos das turmas normais estão mais dispersos.

No contexto do ensino de sociologia foi perguntado aos alunos como eles percebiam o ensino de sociologia na escola, qual avaliação que eles faziam do ensino no Colégio Estadual Senador Luiz Viana Filho em relação ao aprendizado de sociologia.

Podemos observar durante essas respostas que os alunos ficaram um pouco receosos em relação à pesquisa estar sendo feita por um dos professores de sociologia da escola, então temos ainda essa avaliação que eles mesmos colocaram verbalmente. Depois disso notamos que eles viram alguns outros problemas no ensino de sociologia na escola, um deles foi a questão da contextualização em relação aos livros, didático onde eles sentiam uma distância muito grande em relação ao que se propõe a sociologia como disciplina que é a questão da pessoa em sociedade. Pierre Bourdieu: Um sociólogo francês que destacou a importância da educação e da escola na construção de diferenças sociais. Ele argumentou que a escola é um espaço fundamental para a reprodução das desigualdades sociais e que é necessário transformá-la para promover a igualdade de oportunidades. No livro *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*"

Com as mudanças no ensino básico, o ensino de sociologia pode ter um papel importante em ajudar os estudantes a entender a sociedade em que vivem e as complexidades das relações sociais. De acordo com a socióloga Arlene Dávila, "a sociologia nos permite entender os contextos sociais e históricos que moldam nossas vidas e a vida de outras pessoas".

Uma das mudanças que podem ser alcançadas com o ensino de sociologia é a consciência social. Os estudantes podem entender como as estruturas sociais, como a economia, a política e a cultura, afetam suas vidas. Conforme destaca o sociólogo Michael Burawoy, "a sociologia nos ensina que o mundo social não é dado, mas construído pelas pessoas". Dessa forma, os estudantes podem se tornar mais críticos e engajados na sociedade em que vivem.

Outra mudança que pode ser alcançada com o ensino de sociologia é a compreensão das desigualdades sociais. Os estudantes podem aprender sobre as diferentes formas de opressão, como o racismo, o sexismo e a homofobia, e como elas são perpetuadas por estruturas sociais. A socióloga Patrícia Hill Collins afirma que "a sociologia nos ajuda a entender que as desigualdades sociais são baseadas em sistemas de poder e privilégio". 113

Além disso, o ensino de sociologia pode ajudar os estudantes a desenvolver habilidades críticas de pensamento e análise. Eles podem aprender a questionar informações e a analisar dados de forma objetiva e imparcial. Como destaca a socióloga W.E.B. Du Bois, "a sociologia é uma ciência, e todos os fatos devem ser recebidos com cautela e tratados com análise crítica". Em suma, o ensino de sociologia pode ter um impacto significativo no desenvolvimento dos estudantes, fornecendo-lhes as ferramentas para entender e engajar-se na sociedade em que vivem. Como disse o sociólogo C. Wright Mills, "a sociologia é a capacidade de ver as conexões entre biografia e história, entre os problemas pessoais e as questões públicas".

Neste ponto observamos na pesquisa feita em relação ao ensino de sociologia que alguns problemas apontados durante as aulas teóricas das disciplinas do mestrado alguns debates apareceram na realidade quando colocamos que alguns livros de sociologia não tornam a disciplina atrativa para os alunos, uma vez que não estão contextualizados com o que o aluno entende por sociologia. Os livros focam demais nas ideias dos pensadores da sociologia dificultando aos alunos essa obtenção do aprendizado em relação ao contexto sociológico ligando, mas há outros contextos de outras disciplinas como história, geografia e até a literatura e muitas vezes se afastando do ensino da própria sociologia como disciplina.

Grande parte das reclamações dos alunos é não ouvir suas reclamações, dificuldades, sugestões, etc. Embora sejam agentes importantes no processo de aprendizagem, eles são vistos como objeto porque só absorvem o que lhes é passado e raramente participam do que lhes é proposto. Ainda hoje ouvimos como é importante o processo de envolvimento dos alunos nas atividades escolares, mas não é bem assim.

Embora os alunos ouçam que a sociologia é uma disciplina que desconstrói o senso comum e permite a reflexão sobre diversos assuntos, esse objetivo nem sempre é alcançado em sala de aula. Principalmente se o professor não estiver empenhado em fazer acontecer. Saber algo e saber ensinar algo são coisas bem diferentes quando se trata da eficácia de um método. Conhecer um tópico não garante que você escolherá um método de comunicação claro e interativo.

Essa característica é encontrada inclusive em muitos professores, que dominam às vezes o conteúdo, mas raramente os empregam. Observei durante meu estágio que os professores costumam usar métodos tradicionais de ensino. Nessa abordagem, tomamos o professor como sujeito, como sujeito, e o aluno como objeto. Todas as interações em sala

de aula são dirigidas pelo professor, como apontou Mizukami: "A relação professor-aluno é vertical, e em um extremo está o professor com poder de decisão..." (1986, p.14).

Nos métodos tradicionais de ensino, os professores geralmente são aqueles que adquirem conhecimentos por meio de livros didáticos, apostilas, etc., e os alunos são considerados aqueles que recebem o conteúdo ministrado pelos professores. O método principal é explicar a lição, usando fortemente o quadro branco, como se os alunos fossem o público. Nas palavras de Mizukami, "os professores costumam usar métodos expositivos como forma de transmitir conteúdo, levando muitos a ver o ensino como uma arte centrada no professor." (1986, p. 15).

Ao longo dos meus 19 anos de sala de aula no ensino básico, tive a honra de acompanhar o desenvolvimento de muitos alunos. Foi uma jornada desafiadora e emocionante, na qual aprendi muito sobre educação e sobre mim mesmo, entre o ensino fundamental e médio lecionando as disciplinas de História, Sociologia, Projeto de Vida e Identidade e Relações Étnico Raciais. Estas disciplinas estão todas na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias. Lembro-me bem dos primeiros anos de carreira, quando eu ainda era um professor inexperiente e inseguro.

As turmas eram muito heterogêneas, com alunos de diferentes níveis socioeconômicos e habilidades. Eu tinha que me esforçar muito para adaptar meu método de ensino e materiais didáticos às necessidades de cada um deles. Com o tempo, fui aprimorando minhas habilidades pedagógicas e comecei a ver resultados mais satisfatórios. Aprendi a valorizar cada aluno como indivíduo único, com suas próprias dificuldades e potencialidades. Passei a buscar constantemente novas metodologias e recursos para tornar minhas aulas mais atrativas e eficazes.

Mas nunca desisti da minha missão de educador. Acredito que a educação é a chave para transformar a sociedade e construir um mundo melhor. Continuo a me esforçar para ser um bom professor, comprometido e dedicado aos meus alunos.

Nesse modelo, os alunos são avaliados pela precisão do que é ensinado em sala de aula. Portanto, vários testes, testes e exercícios são projetados para avaliar a precisão da reprodução das informações. É por isso que é tão comum neste modelo que os alunos se concentrem em memorizar possíveis respostas padronizadas. Alguns professores utilizam o método tradicional de ensino com quadro-negro em sua sala de aula; outros professores usam o método com o livro didático fornecido pelo governo.

As aulas de sociologia ensinam os alunos sobre o mundo ao seu redor; seus cursos envolvem uma abordagem crítica graças ao conhecimento que os alunos obtêm de suas próprias experiências. Este método de ensino difere da Sociologia Escolar, que exige o uso de diferentes abordagens. Então, usar apenas o método de ensino vertical, em que a fala

vem somente do professor e dos livros didáticos, acaba limitando a concretização do objetivo da Sociologia Escolar no ensino médio. Segundo Almeida,

(...) um ambiente educativo pode ser um supermercado, onde o professor leva os seus alunos, pode ser um bosque, pode ser um laboratório, pode ser um shopping, pode ser uma sala de aula ou pode ser simplesmente a própria cidade ou o campo. Mas para a existência de um ambiente educativo é necessário que o professor saiba reconhecer cada potencialidade daquele espaço. É preciso fazer uma visita técnica ao local, percorrê-lo por completo com o olhar técnico, com um olhar explorador. Só assim será possível perceber quanto pode ser absorvido dali e qual é a melhor abordagem para que essa absorção aconteça. Isso é transposição didática. (2007, p. 29 – 30)

Paulo Freire, educador brasileiro, acreditava que o método tradicional de ensino era insuficiente. Em vez disso, ele acreditava em uma abordagem chamada sociocultural. Em seus escritos, Mizukami menciona a abordagem e afirma que é uma das mais comuns no Brasil. Ao ensinar ciências, a abordagem sociocultural dificulta que os alunos transponham informações científicas para o conhecimento escolar. Isso porque eles têm que lidar com aspectos culturais e políticos além do científico. Este método destina-se a ser usado de forma dinâmica, como evidenciado pela passagem incorporada abaixo.

Os professores precisam ter cuidado ao lidar com os alunos. Eles não têm controle absoluto sobre o conteúdo que ensinam e os alunos podem entender rapidamente suas aulas se não estiverem sendo compreendidos. Quando os alunos entram no ambiente escolar, é importante estar atento a isso e considerar quaisquer circunstâncias extraordinárias ou inesperadas. Perrenoud acredita que os professores devem romper com o modelo tradicional e olhar seus alunos de uma posição mais elevada. Isso permite que eles avaliem o pensamento de seus alunos e criem alunos com pensamento crítico. Além disso, esse método ensina os alunos a pensar fora dos tabus tradicionais e os incentiva a explorar diferentes ideias e perspectivas. Perrenoud acredita que essas mudanças nas perspectivas dos alunos melhoraram sua compreensão da sociologia.

O processo de aprendizagem é desenvolvido em conjunto por alunos e professores, considerando a individualidade, pois o processo de aprendizagem é mais importante do que o resultado desejado da burocracia. Nesse processo, a educação transcende a escola, trazendo elementos que permeiam a vida dos alunos, permitindo-lhes refletir sobre seu ambiente e horizontes mais amplos e distantes. Os alunos veem os fatos estudados a partir de outras perspectivas, pois o objetivo dessa abordagem é desnaturalizar e

desfamiliarizar os alunos com a realidade, o objetivo final da sociologia escolar.

Da mesma forma, a avaliação não deve ser baseada em avaliações tradicionais, como testes e provas, mas por meio de autoavaliação ou avaliação mútua para identificar dificuldades e progressos. Ou seja, em uma abordagem sociocultural, a educação não se limita aos espaços escolares porque transcende os espaços formais.

Vale ressaltar que os professores de sociologia do ensino médio devem buscar a melhor forma de lidar com as questões sociológicas e fazer com que os alunos compreendam o assunto. Por fim, acredito na diversidade de métodos de ensino e na autonomia docente para escolher o método preferido. No entanto, se uma abordagem se mostrar ineficaz, vale a pena reconsiderar.

Gráfico - 7



Fonte: Próprio autor

Não há um teórico da sociologia específico que tenha escrito sobre as dificuldades para o ensino da disciplina no ensino básico. No entanto, vários teóricos, incluindo Pierre Bourdieu, Louis Althusser e Jürgen Habermas, têm escrito sobre a importância da educação e as dificuldades enfrentadas por professores e alunos no sistema educacional. Esses teóricos destacam a necessidade de uma abordagem mais crítica e reflexiva para o ensino da sociologia, incluindo a incorporação de questões sociais e políticas relevantes, a fim de tornar o assunto mais significativo e interessante para os alunos.

Entre as dificuldades apresentadas pelos professores, podemos destacar a falta de recursos e infraestrutura adequados, a sobrecarga de trabalho, a falta de formação e capacitação específica para lidar com demandas e necessidades variadas dos alunos e a necessidade de cumprir extensas cargas horárias e conteúdos programáticos. Além disso, muitos professores podem ter dificuldades em lidar com alunos com diferentes habilidades e conhecimentos prévios, bem como com situações de conflito e indisciplina na sala de aula.

Já os alunos podem enfrentar dificuldades em diferentes áreas, como a falta de motivação, o desinteresse por determinadas disciplinas, a dificuldade em compreender e assimilar conteúdos complexos, a falta de acesso a recursos e tecnologias que possam auxiliar no processo de aprendizagem, a baixa autoestima e a pressão por resultados e notas. Além disso, muitos alunos podem estar em situação de vulnerabilidade social e econômica, o que pode afetar seu desempenho escolar e seu acesso a oportunidades e recursos educacionais.

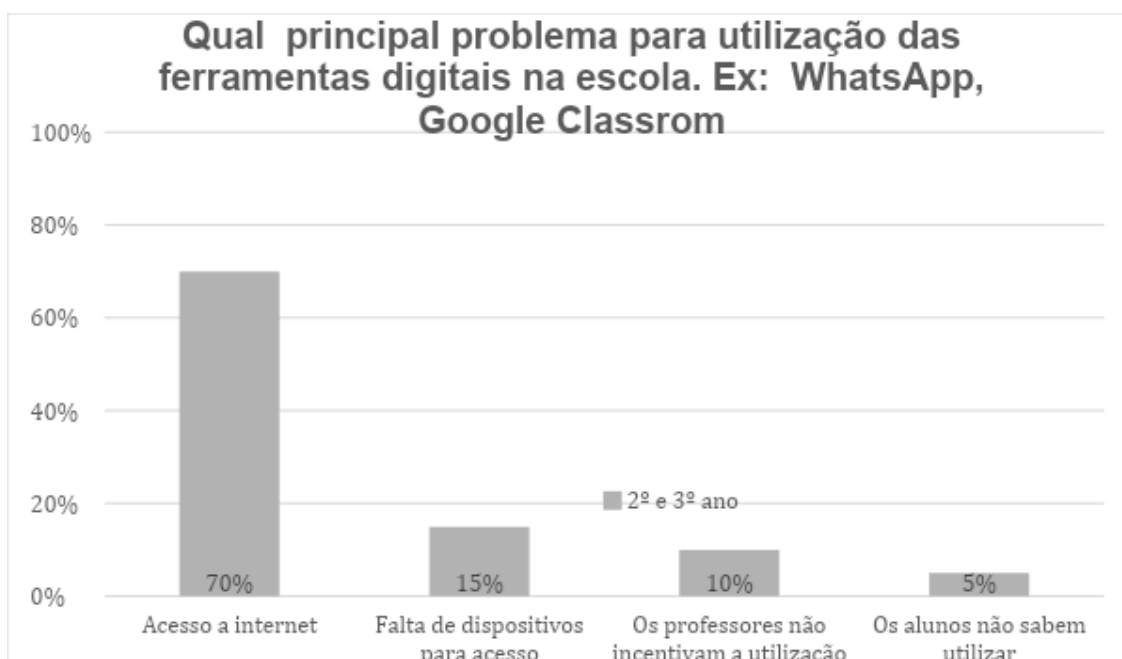
Para superar essas dificuldades, é importante que a escola desenvolva estratégias e políticas que visem a equidade e a inclusão de todos os alunos, levando em consideração suas necessidades e demandas específicas. É preciso também investir em formação e capacitação de professores, garantindo que eles possam lidar de forma eficaz com diferentes situações e demandas na sala de aula. Além disso, é fundamental que sejam criados espaços de diálogo e participação ativa dos alunos, incentivando o seu engajamento e a sua participação no processo de aprendizagem. Com essas medidas, é possível criar um ambiente escolar mais acolhedor, inclusivo e efetivo para todos os envolvidos.

Outro grave problema durante o período da pandemia pelos alunos a falta de internet na escola uma vez que a internet estabelecida na escola era com à baixa quantidade no total 10 megas o que impossibilitava o acesso de uma quantidade maior de alunos e muitos alunos não dispõem de internet em suas residências o que dificultou muito o ensino remoto durante a pandemia, nesse sentido podemos afirmar que uma boa parte dos alunos foram prejudicados pela falta de infraestrutura de internet e de aparelhos que possibilitasse ensino remoto durante o período pandêmico sendo que muitos desses alunos optaram por pegar o material mesmo arriscando na escola que era impresso e tinha um funcionário na devidamente protegido para entregar o material na forma de módulos para que os alunos pudessem estudar, mas da mesma forma o aluno não escaparam de serem prejudicados uma vez que as aulas online o mesmo não poderia acompanhar.

Na escola, quando perguntado aos alunos qual era o principal problema em relação ao ensino remoto e ao período no qual a escola passou parado, os alunos colocaram que a internet

foi o principal problema tanto no acesso residencial como acesso no ambiente escolar, uma vez que os alunos citaram que não tinham uma internet e na escola a mesma não mantinha o sinal constante na escola e que em casa muitas vezes eles não tinham condições de pagar para ter acesso à internet inviabilizando o ensino por meio digital. No gráfico abaixo foi levantado esses dados entre os alunos que foram que fizeram parte da pesquisa e também pelos alunos que fizeram parte do período de ensino remoto e a resposta foi que o principal problema foi a falta de internet, seguido pela questão de falta de dispositivos de acesso e como eram feitas as aulas pelos professores, ou seja, os professores não possuíam uma didática adequada para o ensino online.

Gráfico - 8



Fonte: Próprio autor

Hoje, há vários problemas que afetam a utilização de ferramentas digitais no ambiente escolar no ensino básico. Alguns dos principais problemas incluem:

1. Acesso à tecnologia: Muitos estudantes de escolas públicas não têm acesso à tecnologia adequada, o que os impede de participar plenamente de aulas online ou de completar tarefas digitais.
2. Falta de habilidade digital: Alguns professores e estudantes não possuem

habilidades digitais adequadas para utilizar plataformas digitais e ferramentas de aprendizagem, o que pode levar a dificuldades no ensino e aprendizagem.

3. Problemas de conectividade: Alguns estudantes e professores podem enfrentar problemas de conectividade à internet, o que pode prejudicar a participação em aulas online e a entrega de tarefas.

4. Falta de recursos financeiros: Muitas escolas públicas enfrentam restrições financeiras que impedem a compra de tecnologia e ferramentas de aprendizagem de qualidade.

5. Falta de treinamento e suporte: Professores podem não ter recebido treinamento adequado ou suporte para utilizar ferramentas digitais em sala de aula, o que pode prejudicar a qualidade do ensino e a eficácia das ferramentas.

Esses são apenas alguns dos desafios que afetam a utilização de ferramentas digitais no ambiente escolar no ensino básico. É importante que governos, escolas e outros atores trabalhem juntos para superar esses desafios e garantir que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade que aproveite as vantagens das tecnologias digitais.

O contexto de 2019 revisitou as dificuldades que os professores enfrentam no uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) em suas atividades docentes. Podemos citar seis principais dificuldades: número insuficiente de computadores por aluno (72%); número insuficiente de computadores conectados à internet (68%); equipamentos desatualizados ou atualizados (65%); baixa velocidade de conexão à internet (63%); falta de suporte técnico e manutenção de equipamentos (58%) e nenhuma aula específica sobre uso de computador e internet em sala de aula (53%). No entanto, mesmo com todas essas dificuldades, 82% dos professores que lecionam em escolas urbanas afirmam usar a internet para desenvolver ou aprimorar seus conhecimentos sobre o uso da tecnologia no processo de ensino (CETIC, 2020).

Segundo Barcelos e Batista (2019), os desafios para a implementar o ensino híbrido são:

- i) acesso à Internet de qualidade na escola e fora dela; ir) o hábito dos alunos de receberem as informações de forma expositiva desde os anos iniciais da educação formal; a) falta de tempo dos professores, decorrente de suas diversas atribuições, aspecto que entra em conflito com o tempo necessário para o planejamento das atividades e elaboração de materiais; ir) turmas com muitos alunos, o que dificulta a personalização do ensino. Nesse sentido, propostas de Ensino Híbrido em formatos que não provoquem mudanças bruscas no cenário educacional tradicional tendem a ter melhor receptividade. (BARCELOS; BATISTA, 2019, p.65)

A sociedade digital e online pode não ser democrática para todos por várias razões, incluindo:

1. Desigualdade de acesso: Muitas pessoas, especialmente em países em desenvolvimento, não têm acesso à tecnologia e à internet, o que as impede de participar plenamente da sociedade digital.
2. Discriminação de gênero e raça: A discriminação de gênero e raça também é perpetuada na sociedade digital, com mulheres e pessoas de cor sendo sub-representadas e sujeitas a abusos e preconceitos.
3. Censura e controle governamental: Alguns governos controlam o acesso à internet e censuram conteúdos políticos ou de outra natureza, o que pode limitar a liberdade de expressão e o acesso à informação.
4. Monopólio de empresas: Grandes empresas de tecnologia, como Facebook e Google, controlam amplos setores da sociedade digital e podem influenciar as percepções e opiniões dos usuários de uma forma não democrática.
5. Brechas de privacidade: A sociedade digital também apresenta brechas de privacidade, com empresas e governos coletando e usando informações pessoais de forma invasiva e sem consentimento.

Podemos ver aí a grande dificuldade que foi a introdução do ensino remoto abruptamente nas escolas e principalmente da Escola Estadual Senador Luiz Viana Filho que não disponha de uma infraestrutura para a realização do mesmo, o que se tornou um desafio muito maior já que a internet utilizada na escola era de uma escola municipal vizinha que funcionava em meio período

De acordo com as pesquisas realizadas por órgãos especializados na área de dados sobre a internet podemos visualizar que o grande problema do Brasil é a falta de infraestrutura, seja no fornecimento de internet ou no fornecimento de equipamentos para que os alunos possam ter acesso à rede para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem.

No Brasil, 27% das escolas de ensino fundamental e médio relataram não ter acesso à internet em 2019.

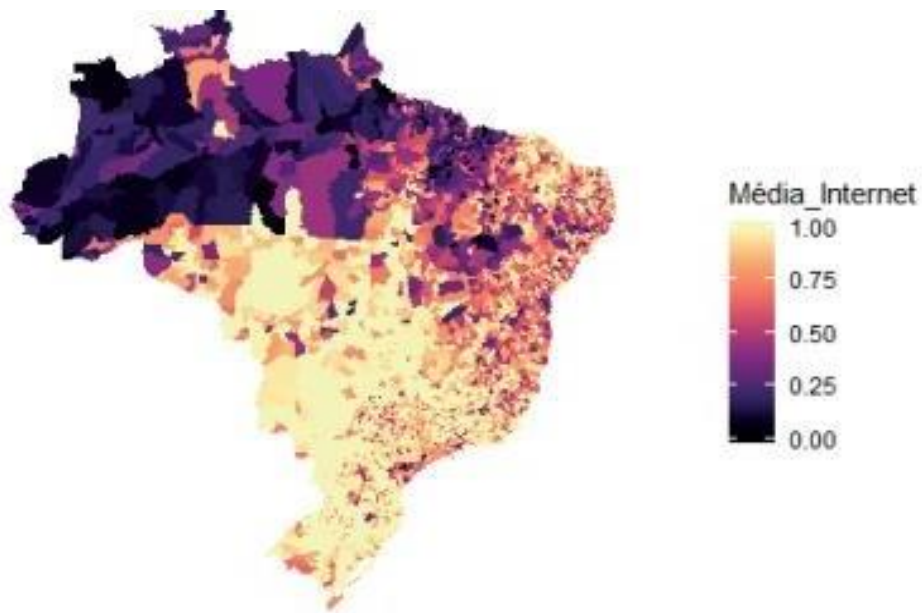
Tabela – 2 - Mostra a distribuição das escolas por unidade federativa (UF).

UF		Sem internet		Com internet	
		Número	%	Número	%
Norte	Rondônia	236	23	779	77
	Acre	1.028	73	378	27
	Amazonas	3.366	69	1.497	31
	Roraima	371	56	296	44
	Pará	6.053	62	3.690	38
	Amapá	389	53	340	47
	Tocantins	258	19	1.085	81
Nordeste	Maranhão	6.593	64	3.654	36
	Piauí	1.356	37	2.328	63
	Ceará	658	11	5.408	89
	Rio Grande do Norte	559	20	2.234	80
	Paraíba	1.077	26	3.111	74
	Pernambuco	2.083	28	5.336	72
	Alagoas	645	26	1.855	74
	Sergipe	376	21	1.441	79
	Bahia	4.560	32	9.710	68
Sudeste	Minas Gerais	1.333	12	9.660	88
	Espírito Santo	436	20	1.756	80
	Rio de Janeiro	380	5	8.030	95
	São Paulo	3.112	19	13.081	81
Sul	Paraná	278	4	6.165	96
	Santa Catarina	100	3	3.189	97
	Rio Grande do Sul	186	3	5.938	97
Centro-Oeste	Mato Grosso do Sul	22	2	1.182	98
	Mato Grosso	180	9	1.890	91
	Goiás	104	3	3.453	97
	Distrito Federal	20	2	907	98
Brasil		35.759	27	98.394	73

Fonte: Dados do Censo Escolar 2019 (Inep).

É possível observar uma grande disparidade no acesso à internet entre as escolas de todo o país, dependendo da região em que estão localizadas. As regiões Norte e Nordeste têm o menor acesso, com apenas 19% das escolas conectadas à internet. As regiões Sul e Centro-Oeste têm o maior acesso, com mais de 81% das escolas conectadas à internet.

Figura — Grau da presença de internet nas escolas dos ensinos fundamental e médio – média por município (2019)



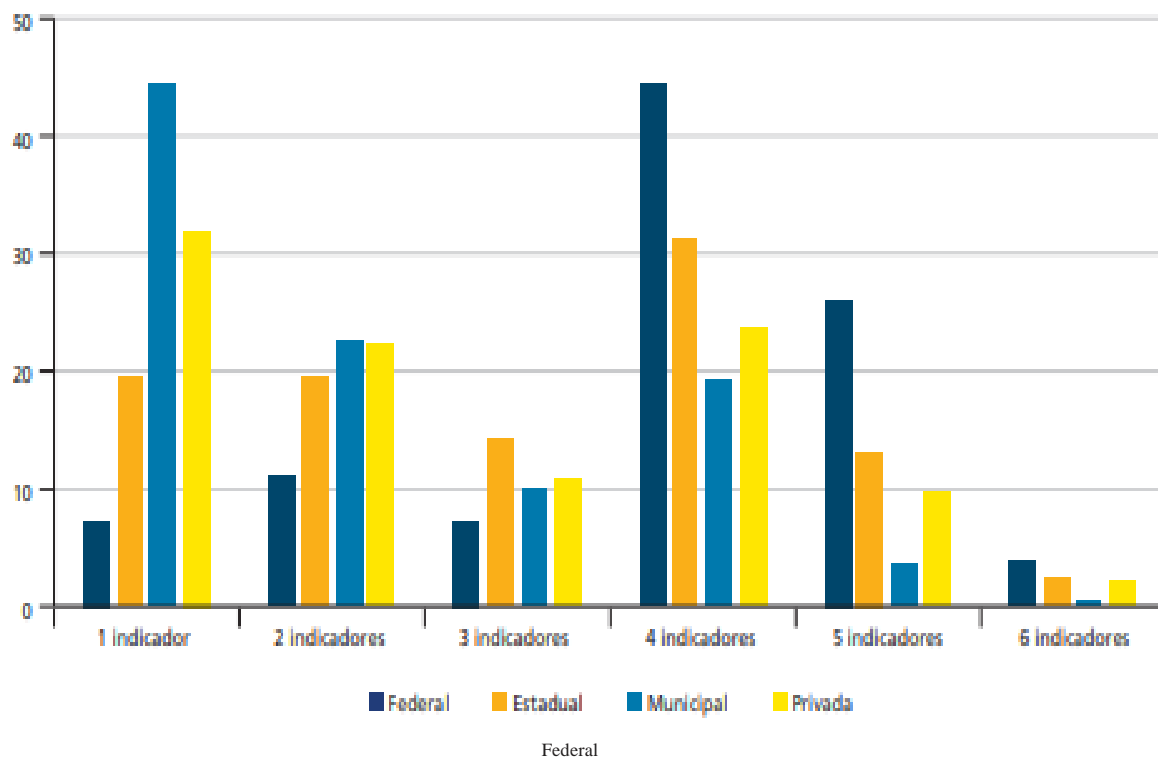
Fonte: Fonte: Dados do Censo Escolar 2019 (Inep).

A Tabela 2 revela que muitos locais problemáticos aparecem em todo o país. As localidades mais problemáticas são encontradas nas regiões Norte e Nordeste, mas problemas também foram observados em outras partes do país.

O Programa Inovação Conectada 6 pesquisou as velocidades de 20.700 escolas que consentiram em acessar voluntariamente o teste de velocidade de internet do Nic.br. Essas escolas foram pesquisadas no âmbito de seu Programa de Inovação Conectada. Suas velocidades média e mediana foram de 24,31 Mbps e 10,15 Mbps, respectivamente. Essa velocidade média baixa para um grande número de usuários pode ajudar a explicar por que a maioria das escolas limita o acesso dos alunos à internet.

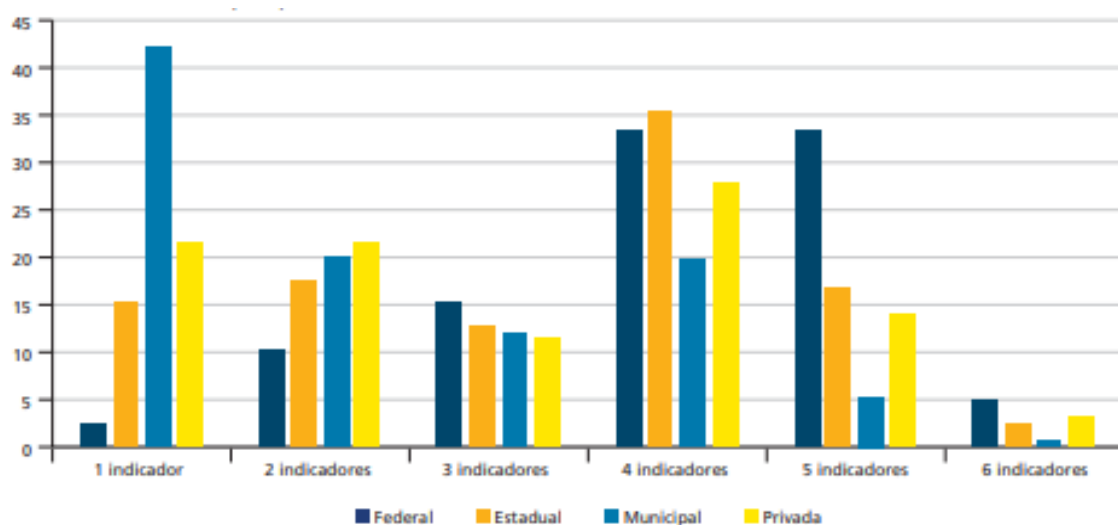
Ao considerar os dados gerais de cada escola, os gráficos 1, 2 e 3 exigem que todas as três escolas tenham acesso à internet. Devem ser interpretados da seguinte forma: o gráfico 1 apresenta as informações para os primeiros anos do ensino fundamental, enquanto o gráfico 2 apresenta as informações para os últimos anos do ensino fundamental e o gráfico 3 apresenta as informações para o ensino médio. O primeiro gráfico — tirado do exemplo das escolas municipais — mostra que cerca de 45% das escolas têm apenas um indicador de internet; 20% das escolas têm dois ou quatro indicadores; e 10% das escolas têm três indicadores.

Gráfico - 9 — Percentual de escolas com internet conforme indicador de diversidade de acesso à internet — anos iniciais do ensino fundamental (2019)



Fonte: Dados do Censo Escolar 2019 (Inep).

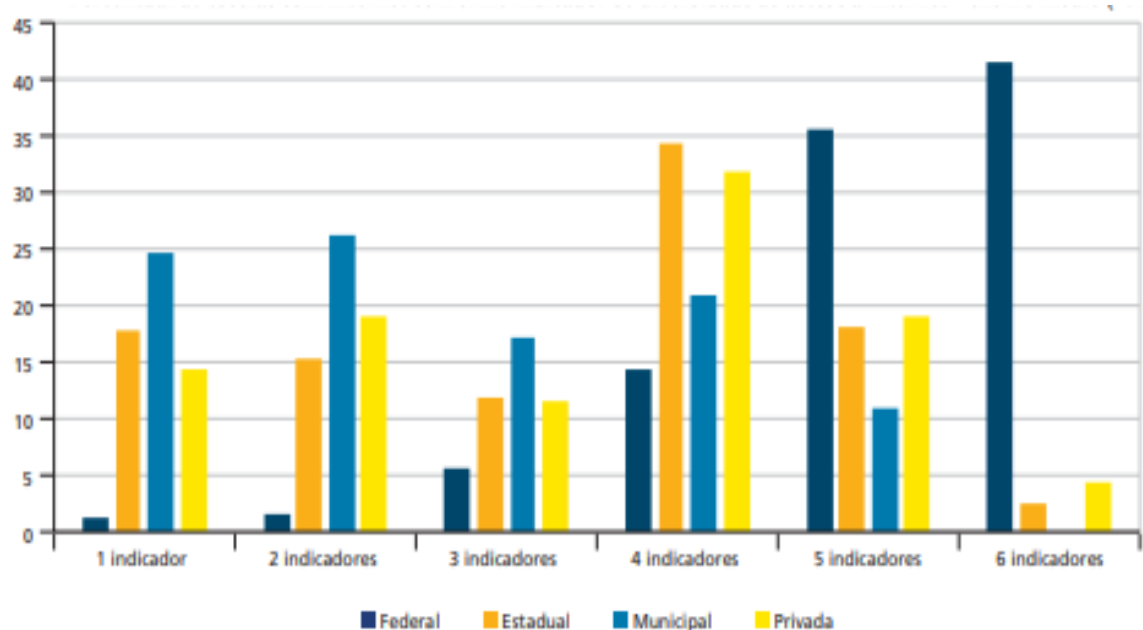
Há poucas diferenças marcantes quando se observa o gráfico 10. Entre elas, pode-se destacar que diminui o percentual de escolas particulares com apenas um indicador de acesso, e aumenta o percentual destas instituições de ensino com quatro ou cinco indicadores de acesso.



Fonte: Dados do Censo Escolar 2019 (Inep).

No gráfico 3, é possível observar que aumenta o percentual das escolas federais com cinco ou seis diferentes indicadores de acesso, ao passo que se reduz o percentual das escolas municipais com apenas um indicador de acesso.

Gráfico - 11 — Percentual de escolas com internet conforme indicador de diversidade de acesso à internet — ensino médio (2019)



Fonte: Dados do Censo Escolar 2019 (Inep).

O acesso à internet é fundamental para o desenvolvimento da educação em termos de utilização da tecnologia assim como para a aplicação de novas opções didáticas que tem como princípio fundamental o acesso e a instalação de internet nas escolas brasileiras de forma que atinja todas as unidades seja Municipal, Estadual ou Federal, a partir de pensarmos na universalização do acesso dos estudantes a internet e equipamentos para a utilização do mesmo. A ligação entre tecnologia e educação coloca novos desafios para os educadores conhecerem e dominarem as ferramentas tecnológicas.

Esse envolvimento técnico é necessário para desenvolver adequadamente as atividades e práticas utilizadas em sala de aula. A tecnologia em si não é boa nem ruim. Seu projeto, fabricação e uso podem ser bons ou ruins. A tecnologia é um negócio humano, por isso não é de fora que o nos incomoda ou incomoda.

(AGUIAR, 2013)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento de uma nova consciência deve estar associado a novas formas de se comportar e interagir com a mídia” (THOMPSON, 2008, p. 17). O que é comum para nós hoje tornou-se obsoleto, e o novo foi inserido com grande precisão, como as ferramentas cotidianas que usamos para nos comunicar.

Notamos que durante essa pesquisa observamos um processo de transformação no contexto escolar em relação à utilização das Ferramentas digitais e também de como os alunos vêem esses instrumentos tanto para a aprendizagem como para utilização na sociedade, a própria pesquisa dela é marcada pelo processo nunca visto antes na sociedade que foi a questão da pandemia que marcou uma transformação profunda em relação a como se vê a questão dos meios digitais na sociedade e a necessidade de uma preparação para a utilização dos mesmos como ferramentas de aprendizagem.

Quando pensamos na educação hoje pensamos em uma nova forma de se fazer e por meio das transformações impostas pela questão do ensino à distância ocorre a necessidade do desenvolvimento de novas formas de se aplicar mesmo em sala de aula ocorrendo assim que agente chama de transformação digital também na escola uma vez que a mesma vem se intensificando no contexto social e cada vez mais o aluno se depara com o mundo digital que está ao seu alcance e que tem na escola e na sociedade brasileira ainda as limitações infra estruturais como foi apresentado na pesquisa de acesso à rede e de equipamentos para a utilização dos mesmos como ferramenta de potencialização para esse aluno tanto no ensino como no acesso ao mercado de trabalho.

Compreender o impacto educacional e pedagógico desse período exige rever a criação do trabalho da administração-pedagogia, bem como a discussão de diversos temas, como as possíveis mudanças nas relações sociais e a perspectiva da escola sobre a formação do aluno. Discutir esses tópicos com as mudanças no método educacional e no treinamento dos alunos leva a uma compreensão mais informada desse período.

Porque abrimos nossas câmeras para que o outro possa nos ver, compartilhar nossa privacidade quando trabalhamos nos dá uma profissão pública. Em 2020, Foucault acredita que estamos vivendo em um mundo dominado pela Resistência devido ao abuso de poder. Portanto, as pessoas resistiram recorrendo a uma profissão privada oculta.

Nesse contexto, o trabalho apresenta alguns conceitos sobre os elementos históricos e teóricos das mídias digitais, que no que lhe concerne sugerem que a expansão das novas mídias avançou em meados dos anos 2000, definindo um novo paradigma social, que Manuell Castells (1999) chamou de “sociedade em rede”. Nessa perspectiva, há necessidade de formação continuada para os profissionais da educação, pois na maioria das vezes a formação inicial não fornece os subsídios necessários para o uso, integração e mídia digital adequada na prática em sala de aula.

O desenvolvimento de habilidades é mais necessário para que alunos e professores sejam protagonistas do processo educacional, pois podem aprender colaborativamente, buscar informações de forma autônoma, comunicar e resolver problemas em todas as áreas da vida e contribuir para a transformação de uma sociedade justa.

A discussão aqui apresentada buscou esclarecer, ainda que timidamente, que compreender o impacto das mídias digitais no ambiente escolar é a existência de uma nova sociedade decorrente do avanço acelerado das tecnologias de informação e comunicação.

Dessa forma, mostramos que nesse novo mundo, as mídias digitais afetam não apenas o ambiente escolar, mas a sociedade na totalidade, pois o mundo está totalmente engajado, pois conseguem interagir e se comunicar de forma mais rápida e acessível. No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito e modificado para que as escolas cumpram de fato seu papel de trazer todos para o mundo digital, sem distinção.

Não há dúvida de que há necessidade de desenvolver políticas públicas de formação continuada para todos os profissionais da educação; reengenharia do programa de Políticas de Ensino e conscientização sobre a necessidade de novos cursos. Maior conscientização sobre as necessidades do novo currículo para garantir o desenvolvimento de habilidades específicas para alunos e professores do século XXI por meio do Projeto de Redesenho da Política de Ensino. É possível, mas na educação exige determinação e perseverança na sociedade toda.

Outro objetivo desta dissertação obter acesso à educação para a população brasileira, em especial, a população negra, educação com equidade e examinar o processo de implementação da lei 10639/03 alterada pela LDB 9394/96 que institui aulas obrigatórias de história africana e cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras. Ao implementar a lei, o movimento negro brasileiro alcançou seu objetivo de obter acesso à educação para a população negra. Atingiu também o objetivo de inserir a temática racial no sistema educacional nacional por meio da implementação de aulas de história e cultura

nacionalistas. Isso foi alcançado através do uso de experiências educacionais concedidas a escolas bem-sucedidas. Além disso,

esta dissertação considera as políticas públicas como base para examinar as origens do tema racial entrando na agenda política. Também examina o contexto da introdução do tema racial na agenda política, incluindo o processo de implementação da lei, bem como sua avaliação após 20 anos de implementação da mesma.

Em particular, na cidade de Almadina, a escola observada, nos últimos vinte anos obteve avanços no que diz respeito à lei 10.639/2003, no entanto, tendo em vista a realidade nacional, observamos que o chão da escola carece de um corpo docente qualificado e capacitado para abordar temas relacionados à história e cultura africana e afro-brasileira. Isso envolve desde a formação inicial dos professores até a realização de cursos, oficinas e capacitações para atualização e aprimoramento constante.

Além disso, é fundamental que a escola tenha um projeto pedagógico que contemple a diversidade étnico-racial e cultural, promovendo a valorização e o respeito à pluralidade e à complexidade da sociedade brasileira. Esse projeto pedagógico deve ser construído com a participação de todos os atores envolvidos na comunidade escolar, incluindo alunos, pais, professores e funcionários.

Esta lei exige um projeto muito ambicioso porque planeja mudar muitas ideias sobre a segregação racial e étnica com um grande projeto. Também planeja mudar a percepção da identidade e cultura brasileira por meio da inclusão no currículo escolar. Outro objetivo dessa lei é construir novos conceitos sobre identidade nacional e sociedade multirracial.

A Lei colombiana nº 12.067 obriga todas as instituições colombianas a incluir minorias étnicas em seus programas de educação. Muitas instituições e organizações lidam com essa lei, incluindo as Secretarias de Educação para Etnias - nas esferas federal, estadual e municipal -, além da Fundação Palmares, do Ministério da Educação e da UNESCO. Além disso, muitas organizações independentes e não governamentais surgiram para apoiar e implementar a lei.

Esta lei exige um projeto muito ambicioso porque planeja mudar muitas ideias sobre a segregação racial e étnica com um grande projeto. Também planeja mudar a percepção da identidade e cultura brasileira por meio da inclusão no currículo escolar. Outro objetivo dessa lei é construir novos conceitos sobre identidade nacional e sociedade multirracial.

A Lei colombiana nº 12.067 obriga todas as instituições colombianas a incluir minorias étnicas em seus programas de educação. Muitas instituições e organizações lidam com essa lei, incluindo as Secretarias de Educação para Etnias - nas esferas federal, estadual e municipal -, além da Fundação Palmares, do Ministério da Educação e da UNESCO. Além disso, muitas organizações independentes e não governamentais surgiram para apoiar e implementar a lei.

Este trabalho vem confirmar as dificuldades envolvendo tanto o trabalho com mídias no ensino básico como a questão da implementação da Lei 10.639 nas escolas do estado da Bahia em que é a lei apesar do tempo de sua existência e pouco foi implementada e pouco é trabalhado em relação às múltiplas disciplinas que fazem parte do currículo formal seccionado os alunos deixaram bem claro que é muito pouco discutido estas questões raciais na escola em que uma população é majoritariamente negra como foi apresentada na pesquisa a maior parte afirma que procura informações via internet, mas que a escola pouco divulga o distribui essa informação aos alunos que deveria ter a mesma implementada em todas as disciplinas que compõem a base curricular do ensino médio.

Como podemos notar ainda há muito a ser feito em relação aos dois principais temas desta pesquisa e espero que a mesma venha contribuir para essa visualização, onde vemos que a questão da educação digital ou remota ainda falta muito para as mesmas serem utilizadas adequadamente para um aprendizado emancipador e de qualidade em relação ao que se espera para os alunos de forma não só cidadã, mas também ao reconhecimento de sua própria identidade. A questão racial ainda é muito pouco trabalhada nas escolas enquanto é abordada muitas vezes é de forma equivocada ou simplesmente superficialmente não abordamos os reais problemas que afligem a sociedade escolar na totalidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. M. **Educação e tecnologia: um diálogo necessário**. Educação para o mundo do trabalho, ed. 185, ano 16 – ago. 2013.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. **Transposição didática: Por onde começar**. São Paulo. Editora Cortez, 2007.

ALVES, E. J. Literacia Digital de Professores: Competências e Habilidades para o uso das TDICs na Docência. *In: ENDIPE — ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO*, 17, 2014, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: Editora UECE, 2014. ANDRÉ,

ARRUDA, Juliana Silva; DE CASTRO SIQUEIRA, Liliane Maria Ramalho. Metodologias Ativas, Ensino Híbrido e os Artefatos Digitais: sala de aula em tempos de pandemia. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 3, n. 1, p. e314292-e314292, 2021.

AVIRAM, Ahron. Computers in the classroom: to mindful radical adaptation by education systems to the emerging cyber culture. *Journal of Educational Change*, v. 1, n. 4, p. 331-352, Dez. 2000. Disponível em: [1.576.6994&rep=rep1&type=pdf](https://www.researchgate.net/publication/266111111). Acesso em: 4 de agosto de 2022.

AUSUBEL, D. P.A. **Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo, Moraes, 1982.

BACKES, D. S.; COLOMÉ, J. S.; ERDMANN, R. H.; LUNARDI, V. L. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011. Disponível em: https://bvms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em: 6 julho 2020.

BLOCH, Marc. **A história, os homens e o tempo**. *Revista de História, São Paulo*, v. 20, n. 41, p. 5-28, 1960.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Formação continuada de professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 2000.

BRASIL. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB n.º 15/98**.

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Institui o Dia Nacional da Consciência Negra. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 10 set. 2022.

_____. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB n.º15/98.** Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

_____. Lei Federal nº 2.1.641, de 15 de março de 1962. Eleva à categoria de município Almadina. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 de março de 1962 Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_1962/L21641.htm. Acesso em: [28 nov.2022].

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 28 set. 2022.

BOHN, V. **As redes sociais no ensino: ampliando as interações sociais na web.** Disponível em: < <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/temas-especiais-26h.asp>> Acesso em: 28 nov. 2021.

BOURDIEU, Pierre. *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino.* São Paulo: Editora Ática, 1980

BURAWOY, M. (2005). "Pela Sociologia Pública". *American Sociological Review*, 70(1), 4- 28.

CETIC BR. Escolas estão mais presentes nas redes sociais, mas plataformas de aprendizagem distância são pouco adotadas. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/escolas-estao-mais-presentes-nas-redes-sociais-mas-plataformas-de-aprendizagem-a-distancias-ao-pouco-adotadas/> Acesso em: 5 de novembro de 2020.

CIAMPA, A. C. (1987/2005). **A história do Severino e a História da Severina.** São Paulo: Brasiliense.

_____. (2002). **Políticas de identidade e identidades políticas.** In C. I. L. Dunker & M. C. Passos (Orgs.), *Uma Psicologia que se interroga: ensaios* (pp. 133-144). São Paulo: Edicon.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COLLINS, P. H. (1990). *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment.* New York: Routledge.

Dávila, A. (2013). *Rotação latina: imagem pública e o embranquecimento da raça.* Nova York: NYU Press.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade, Campinas*, vol. 28, n. 100 — Especial, p. 1105 – 1128, out. 2007.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>>. Acesso em 15 jan. 2022.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos & Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015>>. Acesso em: 4 julho 2021.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DU BOIS, W. E. B. (1897). "O estudo dos problemas negros". *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 10(1), 1-23.

DUARTE, A. B. S. **GRUPO FOCAL ONLINE E OFFLINE COMO TÉCNICA DE COLETA DE DADOS**. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 17, n. 1, 4 abr. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/487>>. Acesso em: 4 maio 2020.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FERNANDES, F. **Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada**. São Paulo: Pioneira, 1960.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** – 64ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo. Editora Paz e Terra, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-Ação Pedagógica: práticas de empoderamento e de participação. **Revista ETD – Educação Temática Digital**, 18(2), 511 – 530. 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 43 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas,

2000. GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, Flávio Santos. **Experiências atlânticas: ensaios e pesquisas sobre a escravidão e o pós-emancipação no Brasil**. Passo Fundo, RS: UPF, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/abr. 2012

_____; LABORNE, Ana Amélia de Paula. **Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra**. Educação em Revista | Belo Horizonte | v.34 | e197406 | 2018.

GROPPO, L. A. **Condição Juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica**

das juventudes. In: SOUSA, J. T. P.; GROppo, L. A. Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 11 – 29.

JINKINGS, Nise. **Ensino de sociologia: particularidades e desafios contemporâneos.** In: *Mediações*, Londrina, v.12, n.1.,2007.

KAPLÚN, Gabriel. Materiais educativos: experiência de aprendizado. **Revista Comunicação& Educação**, 271, 46 – 60. 2003.

KRUEGER, R.A.; CASEY, M.A. **Focus group: a practical guide for applied research.** California: Thousands Oaks, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz da Silva, Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro; DP & A, 2005.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOBBS, R. **Digital and Media Literacy: A Plan of Action.** 1.ed. Washington: The Aspen Institute, 2010.

IOSIF, Ranilce Mascarenhas Guimarães. **A qualidade da educação na escola pública e o comprometimento da cidadania global emancipada: implicações para a situação da pobreza e desigualdade no Brasil /** Ranilce Mascarenhas Guimarães Iosif. - Brasília, 2007.

Lacerda, José Silva. **Percepção das abordagens sociológicas em obras da literatura brasileira por estudantes de Almadina/Ba /** José Silva Lacerda. — 2020.

Lane, S. T. M. (1995). **A mediação social na constituição do psiquismo humano.** In S. T. M. Lane & B. B. Sawaia (Orgs.), *Novas veredas da psicologia social* (pp. 55-63). São Paulo: Brasiliense; Educ.

_____. (1992b). **Linguagem, pensamento e representações sociais.** In S. T. M. Lane & W. Codo (Orgs.), *Psicologia Social: o homem em movimento* (10ª ed., pp. 32- 39). São Paulo: Brasiliense.

LEITÃO, Bárbara Júlia Menezello. **Grupos de foco: o uso da metodologia de avaliação qualitativa como suporte complementar à avaliação quantitativa realizada pelo sistema de Bibliotecas da USP.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27148/tde-12082003-150618/pt-br.php>. Acesso em: 10 fev. 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** – São Paulo, SP: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **La machine univers: création, cognition et culture informatique.** Paris: La Découverte, 1987.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de Literacia Histórica. A escolha de recursos na aula de História. In: **Educar em Revista.** Curitiba: UFPR, nº especial, 2006. p. 131 – 150.

- MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MILLS, C. W. (1959). *The Sociological Imagination*. Oxford: Oxford University Press.
- MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo. Editora EPU, 1986.
- MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ed. Ática. 1986.
- MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- MOREIRA, M. I. C. Pesquisa-intervenção; especificações e aspectos da interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. In: CASTRO, L. R.; de e BESSET, V. L. (Orgs.). **Pesquisa-interação na infância e na juventude**. NAU: Rio de Janeiro, 2008.
- MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação- PENESB-RJ, em 5 nov. 2003.
- _____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NÓVOA, A. **Inovação e História da Educação. Teoria e Educação**. Porto Alegre: Pannonica, n.6, 1992, p. 210–20.
- PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e Universo Cultural na Colônia**. Minas Gerais: UFMG, 2001.
- PIMENTEL, C. S. F. **Conectivismo**. IN: MILL, Daniel (org). *Dicionário crítico de educação e Tecnologias e de Educação a Distância*. Campinas, SP: Papirus, 2018. PLATAFORMA OpenSource. Jitsi Meet. Disponível em: <https://meet.jit.si>. Acesso em: 04 jun. 2022.
- Pletsch, Oliveira, Colacique. **Inclusão digital e acessibilidade: desafios da educação contemporânea**. Revista Docência e Ciberultura, V.4, 2020.
- Rheingold, H. (1993). *The virtual community: homesteading on the electronic frontier*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Ronaldo Sales Jr. **Democracia racial: o não-dito racista**. Tempo Social. V – 2 n° 2. 2006
- SANTAELLA, L. **Aprendizagem ubíqua substitui a educação formal?** Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP, v. 2, n. 1, 2010.

SANTOS, Jackson Novaes. **IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA-ANPUH-BAHISTÓRIA: SUJEITOS, SABERES E PRÁTICAS**, 2008.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. “**Educação na Pandemia: a falácia do ensino remoto**”. Universidade e Sociedade ANDES-SN, ano XXXI, janeiro, 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, Mário Bispo. *A sociologia no ensino médio: o que pensam os professores da rede pública do Distrito Federal*. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Sociologia/Unb). Brasília, 2002.

SENE, A. **Ensino remoto: desafios para o ensino público brasileiro durante a pandemia da Covid-19**. Disponível em: <http://www.adufepe.org.br/ensino-remoto-desafios-para-o-ensino-publico-brasileiro-durante-a-pandemia-da-covid-19/> Acesso em: 5 de agosto de 2022.

SILVA, P. V. B. **Apontamentos sobre o racismo no Brasil**. Curitiba: UFPR, 2014.

SELWYN, N. *Education and Technology: Key Issues and Debates*. Nova Iorque: Continuum, 2011.

THAMY, A.F.; SANTOS, A. **Criação de um curso a distância de Introdução à Eletrônica Digital na Rede Social REDU**. In Anais do Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, v.24, n.1, 2013.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado: História Oral**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, John B. **A Nova Visibilidade**. Matrizes, n. 2, abril de 2008. p. 15 – 38. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38190/40930/>. Acesso em 15 dez de 2019.

VALENTE, José Armando. **Informática na educação**. Revista Pátio, ano, v. 3, p. 39 – 48, 2001.

APENDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(à) Senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar da pesquisa abaixo descrita. Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine a última, na linha “Assinatura do participante”.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO:

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA
2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):
2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO:

3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA ENTREVISTA:

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO

MODERADO

ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: *Nenhum dos dois.* A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: *O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.*

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: *Voce pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.*

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: *Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.*

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: *Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.*

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: *Nenhum.*

6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: *Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.*

6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: *Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.*

6.9. Qual a “lei” que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R.: *São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.*

6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: *Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.*

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: Isadora Santos do Carmo Endereço: Av. César Broges, nº29 – São Judas Tadeu (Jequié/BA) Fone: (73) 98832- 1510/ E-mail: isadorajuliastefany@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

em participar do presente estudo;

com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Almadina, 25 de Julho de 2022

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)



Impressão Digital
e for o caso)

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Almadina, 25 de Julho de 2022

Assinatura do(a) pesquisador

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Nome completo *

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 5

2. TURMA *

Marcar apenas uma oval.

3º ANO A

2 ANO B

3. Idade *

4. 1. Como você se autodeclara? *

Marcar apenas uma oval.

Pardo

Preto

Branco

Outro

Outro: _____

5. 2. Como você descreveria seus pais ou responsáveis seriam brancos, negros ou pardos *

6. 3. Quais familiares residem em sua casa? *

7. 4. Você já passou ou presenciou algum tipo de experiência ruim relacionada ao preconceito racial? *

8. 5. Você conversa em casa sobre este tema? *

9. 6. Qual a sua opinião sobre a reserva de vagas para negros(as) nas universidades? *

10. 7. Você já fez alguma pesquisa sobre o tema? onde pesquisou? *

11. 8. Como foi a sua experiência de aprendizado no período da quarentena? *

12. 9. Você acredita que a escola atende as demandas dos alunos em relação às questões tecnológicas? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

13. 10. Como você percebe o ensino de sociologia na escola? *

14. 11. Como você enxerga as experiências de estudantes negros na escola? Em sua opinião, isso difere muito da experiência dos não-negros? *

15. 12. Em sua opinião, como a escola lida com questões sobre diversidade, diferenças, preconceito e identidade em seu cotidiano letivo? *

16. 13. Há uma ligação entre a escola e a família com as questões raciais (preconceitos, discriminação)? *

17. 14. Como tem sido a sua experiência no uso de ferramentas digitais no
*
processo de aprendizado?

18. 15. O que você acha que a pandemia mudou em relação à educação? *

19. 16. Na sua opinião, o retorno ao ensino presencial mudou a forma que os
*
estudantes ver a escola?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários